

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

GISELA RODRIGUEZ

BREVE COMO TUDO

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

GISELA RODRIGUEZ

BREVE COMO TUDO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt

**Porto Alegre
2018**

GISELA RODRIGUEZ

BREVE COMO TUDO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian - UFRGS

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno - PUCRS

Prof. Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt - PUCRS

**Porto Alegre
2018**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Mercedes, que além de ler os meus trabalhos durante o mestrado, opinando sobre a minha escrita, permitiu que eu usasse a sua sala de jantar como “meu escritório”. Ao meu filho, Leon, pela parceria durante o meu processo criativo, contribuindo com a pesquisa musical em busca da “trilha certa” para utilizar como inspiração durante a escrita do romance. Às minhas irmãs, Camila e Aline, e meus irmãos, Júlio César e Santiago.

Minha família é grande e me sinto apoiada por todos, mas queria deixar registrados meus agradecimentos à minha tia, Cida, e aos meus sobrinhos e sobrinhas.

Ao meu pai, *in memoriam*, porque foi através dele que aprendi a gostar de ler.

À minha tia Rosa Maria, *in memoriam*, que foi a pessoa que mais me deu livros de presente até hoje.

Agradeço a todos os meus professores e professoras, que foram de suma importância no meu desempenho no mestrado em Escrita Criativa na PUCRS. Sem eles eu não teria me superado como aluna e autora.

Agradeço ao meu orientador, Antônio Carlos Hohlfeldt, pelo auxílio constante e pela troca sobre assuntos relevantes para os meus estudos.

Agradeço à Raquel Belisario, pelo empenho em fazer a revisão da minha dissertação e do ensaio sobre o processo criativo do romance, além de suas considerações importantes e apoio moral.

Agradeço ao professor Ricardo Timm de Souza, pela presença na minha banca de qualificação, e por sua leitura apurada da minha dissertação, e o seu estímulo.

Agradeço aos colegas que ingressaram no mestrado junto comigo, pela parceria estabelecida entre todos nós desde o princípio dessa jornada. Foi uma sorte poder contar com essa turma de pessoas incríveis, talentosas e divertidas. Andrezza, Bibi, Fernando, Fred, Gabi, Rochele, Sara e Stéfanie; amizade e apoio constantes.

E aos colegas que conheci durante esses dois anos de mestrado, os doutorandos e mestrandos que já estudavam na PUCRS e que foram simplesmente sensacionais, ajudando sempre que podiam, trocando informações e também conversando sobre literatura, aulas, cultura, vida, enfim, assuntos estimulantes nos dias de frio ou calor.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, facilitando a minha dedicação ao mestrado.

Agradeço à equipe de profissionais que trabalha na secretaria do PPGL, porque encontrei um constante auxílio em relação aos meus pedidos e dúvidas.

Agradeço à equipe de funcionários da limpeza e manutenção da PUCRS pelo seu trabalho e dedicação, e mais que tudo, pela simpatia e disponibilidade em ajudar.

Agradeço à equipe do DELFOS, que considero como sendo a minha “segunda casa”.

Agradeço ao meu grupo de teatro, o Grupo Nômade, porque foi muito importante fazer teatro durante o mestrado. O teatro era um esteio, lugar onde eu podia relaxar e trabalhar meu corpo e minhas emoções.

São muitos agradecimentos, e não consigo citar aqui os nomes que me vêm à mente. Tenho muitas amigas e amigos, e muitas pessoas importantes para mim que fazem parte do meu dia a dia, além de outras pessoas que com certeza esqueci de referir aqui. Gostaria de ter escrito o nome de todos vocês, minhas queridas e queridos amigos, familiares, professores. Optei por um discurso menor, mas vocês sabem, podem contar comigo sempre, verdadeiramente. Me interessa muito por vocês, que sempre me retornam essa dedicação que tenho às amizades com amor e sabedoria. E diversão.

*Volver a los diecisiete
Después de vivir un siglo
Es como descifrar signos
Sin ser sábio competente
Volver a ser de repente
Tan frágil como un segundo*

Violeta Parra

*Não se pode ser sério aos dezessete anos.
– Um dia, dá-se adeus ao chope e à limonada,
À bulha dos cafés de lustres suburbanos!
– E vai-se sob a verde aleia de uma estrada.*

*O quente odor da tília a tarde quente invade!
Tão puro e doce é o ar, que a pálpebra se arqueja;
De vozes prenhe, o vento – ao pé vê-se a cidade, –
Tem perfumes de vinha e cheiros de cerveja...*

Arthur Rimbaud

RESUMO

Breve como tudo é um romance que foi concebido no primeiro semestre de 2017, durante o mestrado em Escrita Criativa. É uma obra que reúne ficção e relato pessoal em dois tempos determinados: o passado distante, narrado pela personagem central, Jan Alves, e um passado mais recente que assume um tom de relato pessoal da própria autora, ou seja, *eu mesma na voz* dessa personagem mais velha. Em ambas as épocas em que está dividida a estrutura do romance, a premissa é a da narração em primeira pessoa de um modo confessional, sendo mesclada com os diálogos entre vários personagens dentro de uma história ficcional. Trago a minha opinião sobre *repensar a literatura na voz* da personagem central que é uma escritora, e ao fazer isso, abordo algumas reflexões teóricas, munindo-as de enredo e drama existencial. A ideia primordial é relatar uma jornada pessoal de escrita criativa e a relação do autor com a sua linguagem particular, que é diversa da do leitor ao *lê-lo*. A intenção, sobretudo, é compreender a obra concebida como uma possibilidade, para quem a escreve, de chegar o mais próximo possível da concepção de “obra de arte”. E trazer a reflexão sobre o caminho para encontrar a novidade dentro da própria escrita, até alcançar a “mudança necessária”, e consequentemente chegar à condição de alteração na escritura pessoal.

Palavras-Chave: Escrita Criativa. Literatura. Processo Criativo. Romance. Relatos.

RESUMEN

Breve como tudo es una novela que se escribió en la primera mitad de 2017 durante el máster en Escritura Creativa. Es una obra que reúne ficción y relato personal en dos tiempos determinados: el pasado lejano, narrado por el personaje central, Jan Alves, y un pasado más reciente que asume un tono de relato personal de la propia escritora, o sea, yo misma en la voz de la personaje más vieja. En ambas las épocas que dividen la estructura de la novela, la premisa es de la narración en primera persona de una manera confessional, mezclada con los diálogos entre los distintos personajes dentro de una historia ficcional. Traigo mi opinión sobre repensar la literatura en la voz de la personaje central que es una escritora, y, al hacerlo, enfoco algunas reflexiones teoricas, rellenandonas de enredo y drama existencial. La idea principal es narrar una jornada personal de escritura creativa y la relación del autor con su lenguaje particular, que es diverso de la del leitor al leerlo. La intención, especialmente, es comprender la obra concebida como una posibilidad de llegar hasta lo más cerca posible de la concepción de “obra de arte” para quién la escribe. Traer la reflexión sobre el caminho para encontrar la novedad dentro de la própria escrita, hasta llegar a el “cambio necesario”, y, en razón de eso, en la condición de alteración en la escritura personal.

Palabras Clave: Escritura Creativa. Literatura. Proceso Creativo. Novela. Informes.

SUMÁRIO

1 BREVE COMO TUDO (romance)	9
2 FOGOS DA LINGUAGEM: ENSAIO SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROMANCE <i>BREVE COMO TUDO</i>	97
2.1 A aluna autora	97
3 FOGOS DA LINGUAGEM	102
4 A JORNADA	106
4.1 “A morte do autor”, de Barthes, e <i>A morte do pai</i> , de Karl Ove Knausgård	108
4.2 A inevitável literatura digital e seus efeitos sobre nós ou <i>A contra-assinatura</i> , de Derrida e a literatura digital	111
4.3 A reprodutibilidade técnica, de Walter Benjamin, e o corpo como revolução, de Sophie Calle	114
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE – Registros fotográficos	122

1 BREVE COMO TUDO (romance)

I

VERÃO: PRIMEIRA PARTE

O início de um tempo lúdico

Eu estava numa ilha. Senti assim. A chuva caindo num fluxo contínuo sobre o teto do automóvel, as janelas embaçadas e veios de água crescendo para os lados, descendo pelos vidros, e eu ali, afundada na solidão e nas gotas que se formavam, sobreviviam por instantes e despencavam, morrendo para a minha visão. Meu celular me remetia a uma espécie de alienação, qualquer coisa que eu poderia evitar sem muito esforço. Um mínimo toque e ele vinha com aquela luz enjoativa. Me deu um cansaço de imaginar escrever naquilo, e nem dava mesmo, a bateria estava no fim. Saíra às pressas para verificar um vazamento no estúdio, e agora, aquilo. No canto superior do celular, ao lado das horas, o percentual de bateria desafiando a minha paciência. Somos horas e baterias, pensei. 23%, 7:45. 18%, 8:20. Tela escura. Que horas seriam? Sem guarda-chuva para poder tomar uma atitude e dar uma volta para respirar o ar da rua. Abri uma pequena fresta na janela, senti respingos de água e fiquei apreensiva. As recomendações que sempre ouvimos sobre a água estragar os estofamentos inibiram a minha intenção. E, enquanto aguardava o serviço de seguro do automóvel, que poderia demorar mais do que o normal por conta do alagamento na cidade, me vi de repente nua dos meus hábitos de fuga de quando precisava esperar. Sem nada para fazer, voltavam os pensamentos sobre a minha vida. E então meu espírito foi invadido por uma sombra tão cinza quanto o céu que desabava sobre a minha existência, pois não tinha nenhum livro comigo, nem papel nem caneta. Nunca isso poderia ter acontecido. Por que eu fui sair sem bolsa?, e nem a velha mochila de sempre ou mesmo a pasta de trabalho me ocorrera trazer. A pasta de trabalho!, onde coloco assuntos do meu ganha-pão misturados com folhas avulsas que são tentativas de escrever algo interessante. É, por um azar incrível, não tinha um mísero papel,

nota fiscal ou envelope usado e nenhuma caneta ou lápis, e nem lápis de olho, dentro do meu carro. Cheguei a me imaginar utilizando os pequenos espaços em branco do manual do motorista, e até escolhi algumas frases que ficaram fixadas na cabeça, mas não adiantava, pois escreveria com o quê, afinal? Poderia sair na chuva e correr que nem uma louca até encontrar algum barzinho simpático, ou uma padaria, quem sabe lá poderiam me ceder uma caneta e eu teria guardanapos de papel. Só que, além de estar chovendo, era domingo e tudo estava fechado por ali. Despenquei aos poucos no banco, sem nada pra me agarrar, e tive até pena de mim, só faltava uma trilha sonora de fundo. No entanto, música seria impossível, porque a bateria do carro morreria. E um outro pensamento sobreveio a esse. Queria sair dali não somente porque não conseguia ficar sem escrever. Eu não conseguia era ficar sem “fazer nada”. Estava inserida no esquema da produção de massa de uma sociedade capitalista. Eu era uma escrava da produção. Tinha de estar sempre fazendo alguma coisa. Apenas esperar algumas horas deveria ser algo normal e nunca aquele estado de espírito sufocante e claustrofóbico. Era uma estranheza só. O que significava uma hora, 60 minutos, 3.600 segundos, que passavam voando se estivesse no Whatsapp resolvendo um problema ridículo; ou mesmo duas, três horas, sem nada para fazer. Já nem sabia me comportar sem ter ideias “geniais” ou “mediócras” (umas seguidas das outras, sem muito para onde ir, essa era a verdade). Quando me encontrava nesse dilema, eu sempre escapava para ações como, por exemplo, mover-me atrás de um título de livro que me remetesse a alguma sensação, ou pegar uma cigarrilha e fazer a fumaça elevar-se como ideias renovadas; ou admirar o dia e decidir sair para uma caminhada e depois retornar e voltar a escrever sob o efeito da rua; arrumar o guarda roupa; assistir a um seriado enquanto devorava uma barra de chocolate. Mas ali, nada daquilo era possível. Me convenci das minhas limitações. A própria chuva já me embalava num repouso inesperado; os músculos cederam depois desses instantes de elaboração da inércia, as pernas se acomodaram e pousei a cabeça no banco. Esqueci de mim, quero dizer, dos meus desejos e frustrações, para começar a elaborar em minha mente uma certa ideia de fim dos tempos. Imaginar o fim da humanidade poderia ser terrível, mas por outro lado, despistava meus anseios egocêntricos. Eu possuía esse tipo excêntrico de estratégia. E naquele momento, um dilúvio viria a calhar. Esses tsunamis, que tanto se comentavam na imprensa, poderiam surgir a qualquer instante e levar tudo, e principalmente, a imprensa. Aconteciam em todos os cantos do mundo coisas terríveis, independente de nós, humanos. Isso me agradou horrores. Tudo ir pelo esgoto, ou melhor, pelos oceanos que circundavam os continentes cheios de gente desonesta, guerras desnecessárias, produtos de plástico e comida com agrotóxico. Que o dilúvio desaparecesse com todos nós, os bons e os maus; Noé poderia

sobreviver com seus animais, esses sim mereciam mais tempo na Terra. Comecei a pensar livremente.

A luminosidade se tornou incerta; a chuva cessara. Observei a praça à minha direita. As copas das árvores estavam brilhantes e seus troncos formavam um grupo consistente, e algo remetia à imortalidade. As raízes por baixo, na terra. As folhas voltariam à terra. O tempo parecia-me nítido, apesar de tudo. Quero dizer, mesmo que eu tivesse a certeza da efemeridade dele, *eu estava nele*. Se instalava com seus ilimitados detalhes dentro de mim e nas folhas molhadas das árvores cada vez mais verdes. Musgo, limo, chá, broto, aspargo, bandeira, abacate, esmeralda. Três meninas surgiram no caminho de pedregulhos que cortava a praça em duas, serpenteavam os troncos e riam, pulavam nas poças d'água. Olhei para o meu corpo inerte. Quem era eu afinal, naquele instante. Uma mulher de 52 anos, saindo de um casamento de 16 anos, com uma filha em Londres e com um livro ancorado no computador. Vaguei então pelo passado. Quando o cosmos era apenas estrelas e buracos negros, planetas e poeira cósmica e, chegando mais perto de nós, as nuvens e meteoritos em fogo. E ao fechar os olhos, só consegui ver a biblioteca do meu pai. Meu pai poderia ser chamado de um homem medíocre, não fosse por seu bom caráter e sua pequena biblioteca. Seguida da imagem dele, a minha mãe e sua decadência sublime, agindo sobre mim, implacável. E depois, minha irmã. A filha pródiga que tanto eu aguardei retornar ao lar, e que, quando isso aconteceu, desfilou suas frustrações diante de mim como um carnaval capenga seguido do enterro dos ossos. Um desfile de fantasmas. Felipe. Quando eu o conheci, ele priorizava as ideias extravagantes, originais. Agora estava namorando uma mulher que parecia ter vindo direto do milênio passado; cheia de manias que ao menos para mim, e para a minha geração, representavam tudo aquilo que a Simone de Beauvoir se esforçou em romper. Lisa resolveu fazer um curso de barista pensando em viajar pelo mundo para conhecer os vários tipos de grãos de café possíveis, e viver aventuras. E agora estava indo para os 53 anos. Dizia ela que era a idade do mundo. Como assim, perguntei, e ela explicou que, na numerologia, 53 tornava-se 8, e esse era o símbolo do infinito. E eu não podia me enganar mais que a literatura seria um lugar confortável para se realizar como artista. A “morte do autor” cada vez mais próxima; imaginava um funeral e onde eu estaria, se dentro do caixão ou assistindo. Tudo o que eu lera tornara-se um ciclo de repetições. Quisera eu nunca ter conhecido a obra de Barthes. A sua clarividência me perseguia. O autor, essa personagem moderna, calcada no prestígio do indivíduo, impulsionando o mercado editorial. E a literatura que se dane, o que importa é a autoria. Autor como um proprietário. Autor como um sujeito intelectual e poderoso,

capitalista mesmo sendo comunista. Proprietário de ideologias, assim como o eram os donos dos feudos. O que antes fazia todo o sentido desaparecera agora para sempre. Porém, eu sabia, existia um tipo de memória diferente. Não dizia respeito aos ensinamentos, estudos e definições lógicas e intelectuais. Seria a memória emocional, simbólica. E nela, tudo permanecia com seus próprios códigos até que... até que eu também só fosse uma lembrança dentro da cabeça de alguém. Tanto fazia ser Roland Barthes ou Jan Alves. A velhice nos acompanhava como a morte, lembrando sempre que um dia iríamos desaparecer como as pétalas aveludadas e muito vermelhas da rosa entregue numa noite de paixão. Até mesmo esse sentimento piegas iria sumir. Noites de amor regadas com vinho tinto e pétalas, poesia e música, um belo dia desapareceriam do universo. Com certeza seria mais fácil me dedicar a uma vida simples. Qual o sentido de deixar uma marca, uma história, algum feito heroico? Qual o sentido de escrever uma história com personagens? Sempre lembrava dos russos e dos franceses, com aqueles maravilhosos enredos cheios de personagens complexos. Alguns outros, brasileiros e ingleses, que tanto já admirara, escreveram romances e tinham sempre um porquê de estarem ali, nos aguardando nas prateleiras das livrarias. Agora, via as capas dos livros nas grandes lojas e me assustava porque a imagem parecia ser mais importante do que a escrita. Mas, refleti, se eu brigava com o tempo presente era porque eu estava decadente. Musil dizia aquilo com palavras bem melhores, mas o sentido era esse. Prometeu, Noé, dilúvios, tsunamis e o cosmos com chuvas de meteoritos inflamados pelo fogo ardente. Mitologias. Os próximos mitos seríamos nós, deduzi. Os replicantes estavam se propagando. E minhas raízes, aquela genealogia revelando meus sistemas internos, dos quais eu nem tinha plena consciência, me deixavam angustiada com a possibilidade da humanidade render-se aos encantos tecnológicos ao extremo. Mas de qualquer maneira, quando imaginamos estar livres de nossa ancestralidade, ela ressurgiu. Me perdia naquela condição de poder dizer, afinal, de onde vinha. *Pra onde vou?* Pergunta boba e inevitável, sempre presente, não importava o quanto de sentimentalismo contivesse. A verdade, bem lá no fundo do poço do mundo literário, eram expressões, apenas isso, convenções. A arte das palavras! Como eu amara aquilo. E naquele instante, tudo se perdera; as minhas antigas ideologias escorriam entre os meus dedos, sem força para manter o ânimo diante dos movimentos nas teclas do computador. Dilacerada pela linguagem que avançava sem piedade de nós, pobres mortais, que até então fantasiávamos nossa vida de autor. E então, as hereditariedades. Vinham na mesma velocidade que a morte do autor. Era o “mundo global”, diziam. Falávamos a língua de todos os povos ao mesmo tempo agora. Escrevíamos na língua global para nos impressionarmos uns aos outros. O mundo era uma grande aldeia globalizada. Continentes urbanos e outros

selvagens coexistiam. Mas prevalecia o urbano em nossas vidas, não podíamos negar. Ninguém entendia nada sobre a nossa condição primitiva, só nas confabulações científicas. O que entendíamos por selvagem podia ser muito bizarro. Só vi uma solução. Olhar pra dentro de mim. E foi assim. Uma caverna de mago, uma retirada estratégica, sem meditação e sem incenso e sem induções ideológicas. A mística do automóvel fechado. Nada de bateria, motor, celular, horas.

Quando o homem do seguro chegou, me pegou desprevenida numa aventura muito íntima, sem deslocamento claro, mas posso dizer que eu estava fora de mim, ou melhor, eu olhava para mim *de fora*. Ele bateu no vidro.

Observei o vazamento. Vinha do banheiro e entrava na sala ao lado. A água já atingira o carpete, e precisava remover um amplificador. Num dia apenas acontecera de o banheiro do estúdio e o automóvel pifarem. Sentia um cheiro de esgoto como quem sente uma crise se aproximando num rompante. As coisas se desencadeavam lembrando que elas, as coisas, *também tinham suas vontades*. Resolvi enfrentar o tal vazamento e entrei no banheiro. Vi meu rosto e fui pega de surpresa. Não acendera a luz, então uma sombra tomou conta da minha face direita. Apenas a luz que vinha da janela iluminava vagamente a face esquerda. Tentei não criticar o que via; de fato, fiz um tremendo esforço para não me deter naquilo que reprovava. Estava farta das minhas pequenas vaidades, e já era o momento de assumir a minha decadência. Mas o rosto. Ele era *ele*, e nada mais a declarar; pensei, está mais que na hora de assimilar a presença inexorável do tempo nas linhas da pele, as bifurcações entre a boca, o nariz e os olhos, os veios feito rios mas sem água, secos. Me bateu um terrível medo, inesperado, de não conseguir mais seduzir ninguém. Ainda me dei ao luxo de pretender filosofar em cima das minhas neuroses e disse para mim mesma, “no fundo sei que isso não importa”. Assim como fazemos quando conversamos com nossa imagem no espelho, algo meio psicótico ou, quem sabe, vindo lá da mitologia grega enraizada em nossa alma intelectual, o Narciso. Ou talvez fosse o medo da morte mesmo. E a visão do tempo marcando minha face derrubava qualquer expectativa de imortalidade.

Lisa chegou carregando uma sacola de supermercado com um pó de café, pães de queijo e maçãs. Ao seu lado, o encanador. Passamos um café e sentamos enquanto aguardávamos o conserto do encanamento. Ela riu bastante e percebi um certo prazer naquilo, por eu ter tido uma manhã bizarra. Quando o homem terminou seu serviço, ele se aproximou dizendo: “Todo o encanamento do banheiro está velho, por enquanto está resolvido o problema, mas vai ser

preciso trocar tudo”. Paguei-o e Lisa se prontificou para levá-lo até a porta. Ele olhou para a poça d’água diante da porta, depois para o céu, e disse com um ar sábio: “O que uma chuva de verão não faz”.

“Lisa, eu cheguei no fundo do poço.”

“Tem certeza, ou é só mais uma crise de abstinência literária?”

“Sabe, acho que vou falar com aquele garoto. Vou responder seu e-mail.”

“Pode ser uma boa, para o teu próximo livro. Resgatar o passado. Mas cuidado, essas coisas mexem com a gente. Apesar de que você gosta disso, de se chafurdar para obter alguma nova ideia brilhante e se trancar em casa para escrever sobre os outros.”

“O nome dele é Tomás.”

Molhei as pontas dos dedos, passei na testa levemente. Depois acabei enfiando o rosto na torneira, deixando o jato de água escorrer da testa até o pescoço. Azar que fosse estragar o cabelo ou tirar o protetor solar. Precisava refrescar meu estado alterado, aquele suor todo. Não podia me agitar muito, naqueles últimos dias eu percebera isso. Porque o verão chegara junto com o climatério. Decidi tirar a blusa para fora das calças, deixá-la solta. Abri mais um botão e amarrotei a lateral caída. Soltei o cabelo e isso me irritou um pouco. Meu cabelo estava tão seco, e ainda caía naqueles dias, toda hora; ia se perdendo pelo caminho, pelas blusas e pelos lençóis. Eram rastros desanimadores. Andava lendo sobre queda de cabelo e sabia que a gente perde até 100 fios de cabelo por dia. Deveria ficar calma, porque apesar de não ter aquela viçosa cabeleira de outrora, mantinha algum charme naquele desastre atual, que era eu em convulsão hormonal. No reflexo, percebi que o volume estava mais do que bom e que o novo corte na altura dos ombros me satisfazia. Ah, por isso eu era uma escritora! Ah, ao menos esse alívio eu tinha! Por mais que eu andasse renegando a escrita e me dissolvendo em confabulações contra mim mesma, ainda assim, era uma tábua de salvação poder me alienar no meu hábito de usar as palavras para negar a realidade. Melhor que aquilo, só se eu fosse PhD em filosofia ou fosse uma monja. Ou uma ninja. Existia alguém isento desse emaranhado de aparências a que somos levados a viver? Não me aguentava mais! Como eu execrava todos aqueles pensamentos que oscilavam entre as vaidades do corpo e da mente. Lembrei do romance de Tom Wolfe, que virou um filme do Brian De Palma, a *Fogueira das vaidades*.

Bem, isso foi muito engraçado. A minha decadência nada tinha de semelhante à de Sherman McCoy, embora a expressão “decadência” fosse a bola da vez.

Ouvi a campainha e cheguei a rezar para que fosse a Lisa e não o garoto visitante. *Ave Maria cheia de graça me concede um dia de espontaneidade, tenho sido tão rabugenta e racional!, quem sabe agora com esses hormônios em convulsão eu resgate alguma realidade?* E era a Lisa, com seu traje descolado. Calça jeans, botas de cano curto, mesmo no verão, e uma blusa leve, de alças, com figurinhas de filmes dos anos 40. Dava para ver bem nítido o rosto do Humphrey Bogart no seu seio esquerdo, no *Relíquia macabra*, e no seio direito tinha a metade do rosto da Merle Oberon, no *Morro dos ventos uivantes*.

“Nossa, que bom que você chegou antes. Vou dizer: receber um homem desconhecido em casa não é um bom plano, definitivamente.”

“Mas ele é um garoto, Jan. Um estudante. Relaxa, ainda existem espécies masculinas bacanas.”

“Em extinção.”

“Sim, e por isso a caça é mais estimulante.”

Enquanto aguardávamos a visita, começamos aquele tipo de conversa entre amigas, de uma intimidade sempre presente, e já falando sobre assuntos variados e misturados, e nos entendendo. Lisa perguntou se eu tinha comprado um vinho, mas ela não queria tinto, porque estava calor. Fui na cozinha e peguei um chardonnay gelado. Eu me prevenira, comprara duas garrafas de chardonnay e duas de cabernet, e claro, cervejas. Servi um cálice para ela e abri uma long neck e dei um gole, no gargalo mesmo. Brindamos. Só então me dei conta de que o cálice era ainda um resquício do meu casamento, e aquilo mexeu comigo.

“Eu acho que a minha falta de vontade de escrever nos últimos tempos deve estar relacionada com o fim do meu casamento. E acreditar numa coisa dessas é pra acabar comigo”, eu disse.

Lisa bebeu um longo gole. Eu estava ansiosa.

“Ou porque a Brenda esteja morando fora do Brasil, com o pai dela.”

“A Brenda está bem grandinha, Jan. Ela pode muito bem ficar com o Felipe e você pode enfim cuidar somente de você.”

“Acho que devo pensar em algo que não seja escrever.”

“O mundo não vai acabar porque você está dando um tempo para si mesma.”

A campainha tocou.

E ali estava Tomás, de pé, sem disfarçar sua ansiedade. Deu um “oi” e fez menção com a cabeça para que eu o convidasse para entrar. Me encarou de um jeito peculiar e eu não sabia

bem se era sincero ou se havia ali um intuito de testar minha aparente calma. Assim que o vi, senti que a sua presença impactava. Tinha um corpo elegante, era magro e alto, ombros largos. Consegui ver as pernas dentro das calças apertadas, azuis desbotadas, com aquele fecho bem rente ao volume saliente por trás do jeans. O cinto de couro com uma larga fivela reluzente, a blusa verde, mais escura do que os olhos, presa na frente das calças. Era desanimador de tão atraente. Lisa levantou de sua poltrona e se apresentou. Os dois trocaram beijos. Aí me lembrei que eu não havia cumprimentado ele direito, mas deixei assim mesmo. Ele largou a sua mochila em cima da primeira cadeira que viu. *É um rapaz inquieto*, deduzi, *e tem uma aparência felina... no entanto, seus olhos são sinceros, e isso é o pior*. Eram olhos verdes, grandes, as pupilas lá no fundo, perdidas. *Um homem já*, pensei, *mas não é pra mim*. Claro, me ocorreu isso por causa da idade, mas na verdade era outra coisa, nem antes, na maior juventude, poderia ter me envolvido com ele. Daí surgiu outra percepção, *se nego, é porque desejo; se não houvesse um desejo, não haveria impossibilidade*.

Lisa perguntou se ele queria beber algo.

“O que vocês estiverem bebendo”, ele disse.

“Eu estou bebendo um chardonnay, muito bom. Jan está na cerveja”, Lisa falou.

“Qual cerveja?”, ele perguntou.

“Essa”, respondi.

“Uma cerveja, então!”

Ele abriu as narinas e repuxou levemente a boca para o lado esquerdo, quase como um sorriso, mas não era.

“Pensei que você fosse mais velha”, disse.

Olhei demoradamente para Tomás. Ele avançou na minha direção e estendeu a mão de um jeito estranho, muito formal para aquela figura que ele representava. E o silêncio dele, me encarando com uma petulância típica de quem tem a vida toda pela frente, só amaldiçoava ainda mais a situação. As impossibilidades que nos impomos. Engraçado, o mais louco de tudo foi não ter feito nenhuma conexão, intuitiva que seja, entre o visitante perturbador e o pai dele, até aquele instante. Então, levei um susto, quando de repente *vi o Diego na minha frente*. Depois, vi que o Tomás não era o Diego. E o pior foi quando vi a Sara. Parecia que um fantasma se ia e outro chegava. Eram sombras, coisas impossíveis de definir, sensações muito além do planejado. Então, ele falou sem cerimônias. Ou o meio sorriso era um vestígio de um possível desconforto?

“Meu pai morreu. Faz dois anos.”

Quando aceitei o convite de Tomás, eu sabia que teria de lidar com o filho do Diego. Mas achei que isso poderia me levar a rever o Diego. Sei lá, fantasiei voltar para o passado. Afinal, nunca mais ouvira falar dele, e não tinha nenhum contato. Até mesmo o número antigo do telefone fixo havia se extinguido. Do outro lado da linha, há séculos atrás eu já percebera, ninguém atenderia. Um ruído agudo. E o tempo passou. Eu me esqueci dele. Mas o número surgiu na minha cabeça naquele instante. E recordei da sala, do meu dedo indicador nos buraquinhos do telefone cinza, do fio feito uma mola. Dos meus dias ociosos, ainda em busca do Diego. Das tardes demoradas aguardando uma possível ligação. O sol morrendo em cima da máquina de costura fechada, e por cima do tampo, um prato de vidro verde cheio de papeizinhos com números aleatórios. Um prato que, quando meu pai estava vivo, exibia as frutas da estação.

“Por que não me falou no e-mail?”, perguntei.

Pareceu que se ele houvesse me avisado da morte do pai eu não o teria recebido. E essa era a verdade. Então, tocamos o barco pra frente, fingindo que a morte era algo natural, afinal, éramos pessoas esclarecidas. Aquilo não era uma novela mexicana; sentamos e nos olhamos. Lisa foi buscar mais cerveja para mim e Tomás. A sala parecia ter sido transformada numa espécie de umbral, uma zona desconhecida na qual poderíamos arriscar e entrar ou apenas ficar à margem de algo obscuro, instigante. Meus pés se libertaram dos tênis. Tentei ser agradável com o garoto, afinal, ali existia algo do Diego. Aí começamos a conversar sobre o plano de Tomás, o porquê de ele ter me procurado. Na verdade, fazia alguns meses que ele entrara em contato, e bem nessa época, eu andava absorta na minha problemática pós-casamento, culminada pela falta de inspiração para um novo romance, literário. Tomás era estudante de Letras e me escolhera para ser a base de sua dissertação. Quase morri de vergonha, porque eu só tinha publicado um único romance. Achei, na minha ingenuidade (ou neurose), que eu poderia me utilizar dele também. No sentido de me distrair e fazer inúmeras perguntas sobre o passado de Diego. O passado depois de mim. A literatura estava morta. Diego estava morto. E eu?

Depois que Lisa e Tomás foram embora, fui até a geladeira e peguei mais uma cerveja. Ouvei o estalo seco da tampa, o ar comprimido saindo na forma de um vapor efêmero. Na rua ainda havia os ruídos de uma sexta-feira à noite. A grande janela que dava para a rua estava aberta. Fui até lá. Bebi um gole gelado, amargo. Respirei o ar noturno, úmido e quente, e chorei.

Eu com dezessete anos, sozinha em uma noite de festejos, na praça pública de minha cidadezinha natal, observava com atenção quando entraram os rivais e encostaram suas cabeças uma contra a outra feito touros. Tensionaram todos os músculos e se afastaram como amantes loucos para se tocarem outra vez. Primeiro round anunciado, meus lábios secos, procurei um quiosque com bebidas e o olhar pousou novamente na disputa dos corpos já suados. Os pesos médios. “Um décimo de segundo é o necessário para nocautear um oponente”, disseram logo atrás de mim. Era uma voz grossa e tranquila, e percebi um estranho prazer. Uma valsa perigosa. Que ia pra lá, vinha pra cá, girava, avançava, recuava e batia, batia outra vez e continuava no ritmo gingado, recuava levemente e com mais um passo para frente batia mais. Eu precisava beber algo. Na banca improvisada do seu Ari com certeza era mais barato, pensei. “Quanto é a cerveja?”, perguntei tentando não dar brecha para a minha possível infração. E ouvi o de sempre: “identidade, por favor, não vendemos bebidas alcoólicas para menores de idade”. Alguém me reconheceu e meu plano foi por água a baixo. “Estou quase chegando na idade certa”, falei irônica. Então escolhi um suco vermelho que devia ser de framboesa, ou morango. Aquele pessoal falava de bebidas alcoólicas como se temessem o inferno; e eu bem que sabia como as coisas sucediam lá nas linhas férreas; mas daí, quando eles montavam um esquema com a prefeitura, pareciam pertencer a outro planeta.

Os lutadores se afastaram para cantos opostos e em cada corpo pousavam mãos que massageavam, davam tapinhas, despejavam água por cima do rosto, dos ombros, um pouco nas bocas que logo em seguida cuspiam, sôfregas por mais alguma coisa que eu não sabia o que era. Uma sensação estranha quase como perversão fez com que eu acompanhasse o duelo. Comecei a torcer pelo cara que levava mais porrada. Era óbvio para mim que eles teriam uma seqüela para sempre em suas cabeças e seu estado nervoso se alteraria no futuro, mesmo que viessem a viver muito depois disso, na velhice, bebericando uma cachacinha com algum cachorro enroscado nas suas pernas, observando os netos, os filhos, ou na solidão. O gongo soou. Foi a primeira vez que ouvi aquele som. Por algum motivo estranho para mim, eles persistiam, meio que desmaiados, resistindo por pura teimosia, e por pura teimosia minha mente abrigava imagens sem meu consentimento. O público avaliava a luta com olhos ávidos, encarando uma pessoa dando porrada na outra e contando a pontuação em cada golpe desferido, levado no meio da cara, no baço, no fígado, e rachando o nariz ao meio. O de calção azul dava murros, um atrás do outro, num ímpeto só, sem vacilar, e se defendia apenas, num gesto meio que dançando, da revidada do outro. Sustentava o olhar fixo enquanto girava os braços e avançava na direção do de calção vermelho, e este tinha o olhar meio perdido, e

foi aí que eu percebi que a luta chegara ao fim. Duas luvas atacavam em direção ao rosto sangrando e outras duas luvas pesavam ao longo das pernas. Entre as cordas, vi o fim do primeiro ato daquele espetáculo erguido na praça principal e, diante de nós, os lutadores profissionais deram o melhor de si até que os músculos, seus corpos e suas mentes, estivessem no fim de suas forças. E o de calção vermelho foi caindo lentamente pela corda, e sua boca bebia um pouco de sangue e cuspiu enquanto ia para o chão com relutância. Despencou exausto e com uma raiva que mais tarde teria de ser administrada, pois existem as regras, e aquilo era uma batalha com regras e não uma briga de vagabundos num bar. Mesmo ainda estando vivo, perdeu. Animal abatido, ele saiu carregado. Alguns reclamavam do homem desacordado, afinal foram apenas três rounds. “Isso é uma vergonha”, ouvi, e depois de voltar a mim, vi que a pessoa que reclamava não estava falando sobre aquele corpo seminu que passou por nós sendo carregado, e sim sobre ter perdido sem dignidade. Os cabelos pretos e curtos rentes ao pescoço, com pequenos cachos saltando pra fora da cabeça, agora caída sobre o ombro. A visão de seu corpo ferido se afastando me inspirou. Amassei o plástico duro nos meus dedos e escorreram as últimas gotas do suco que não era de framboesa nem morango, mas de groselha. Vi uma carteira de cigarros num banco à minha esquerda. Com o canto do olho observei a movimentação em torno dela. Senti um cheiro de pipoca recém-feita, ouvi gritinhos de crianças correndo na praça e vozes masculinas, com autoridade, explicando a luta que acabara. Era engraçado imaginar as atrações promovidas em homenagem ao centenário do município. A prefeitura fez uma junção no mínimo estranha, e isso me divertiu muito. Danças folclóricas em trajes coloridos, a aparição da rainha da uva, a fala da primeira dama sobre a fundação de uma creche comunitária e depois, bem, depois a luta. Os pesos médios eram bonitos, mas os que se seguiriam logo após não, por causa do excesso de músculos.

Pedi uma caneta emprestada numa banca de cachorro-quente. Retirei alguns cigarros da carteira que pegara e os enfiei nos bolsos da jaqueta. Os outros, eu esmigalhei com a mão e pus num lixo. Depois, mais afastada da reunião festiva, desdobrei a carteira e virei ela do avesso. Escrevi um poema. Foram palavras que diziam algo sobre um despertar erótico, embora eu ignorasse esse fato. Eu já não era apenas uma criança em busca de diversão e arruaça.

Assobieei. Não queria entrar porque sabia que lá dentro o clima era pesado; algo do tipo grotesco ou entediante. Ao menos não era domingo, porque se fosse sentiria de longe; e talvez teria de dar um oi lá dentro, afinal eu era amiga da Su desde sempre, e tinha de admitir que

conhecia todos aqueles homens reunidos para o churrasco. Domingo era o pai na cabeceira se queixando da vida e os dois irmãos mais velhos conversando sobre seus assuntos que ninguém mais, além deles, entendia, por se tratar de algo bem específico e sempre recorrente, o negócio deles, uma pequena loja de ferragem herdada do pai. O pai resolvera se aposentar para curtir a vida, mas não conseguia, então ficava opinando nos negócios e isso gerava brigas homéricas.

E nada dela aparecer, então gritei: “Sueli!”

Vi seu rosto inflado de raiva por ouvir seu nome como ele realmente era. Não podia culpá-la por aquilo, o mesmo se passava comigo. Ela saiu enfim, vestindo a sua blusa hippie rosa choque, com a Janis Joplin de óculos, e uma saia diferente, toda preta e um pouco acima dos joelhos, com pregas iguaizinhas àquelas antigas de colegial. Percorri o olhar pelas minhas calças e cheguei a pensar que deveria tentar, num dia qualquer e distante, usar algo assim também, *isso não iria me tirar um pedaço*. Mas não, não conseguia.

“Que dia é hoje?”, ela perguntou com uma voz animada. E ela mesma respondeu: “Sexta-feira!”

Mostrei meus versos e ela ao invés de ler ficou observando o lado oposto, no qual se via a marca dos cigarros na borda desdobrada.

“A marca é daquelas que você gosta, e o poema pode ser a letra para aquela música da June, da semana passada.”

Dei uma pisada com força no pedal, mais outra, e na terceira o motor roncou e a Su ajeitou-se às minhas costas. O ar com aquele cheiro de gasolina queimada foi contaminando o perfume que emanava do jasmineiro-branco em frente à casa. Acelerei. A voz estridente da Su alcançando aquele agudo insuportável que somente ela conseguia, gritava no meu ouvido direito.

“A minha saia está fugindo!”

Risadas altas se dissipavam ao vento, de encontro à nossa velocidade.

A buzina falhara outra vez. Su começou a chamar June.

Enxerguei aqueles cabelos curtos e arrepiados com gel, descoloridos com água oxigenada; em seguida, um gesto com a mão direita no ar, fazendo um sinal conhecido de pegar a moto nos fundos do jardim. Lá atrás, eu sabia, tinha uma garagem para dois automóveis e raramente entrávamos, por mil motivos. A sofisticação daquele pátio regado todos os dias pelo jardineiro, com aquelas flores organizadas, e uma piscina de azulejos azuis com mesinhas e cadeiras brancas à volta, não condizia com a nossa turma.

Ela saiu com a moto ligada e se posicionou à nossa frente, querendo guiar o caminho, como sempre. Acelerei e a ultrapassei. Era eu quem melhor conhecia os atalhos e as manhas, tinha segurança; estava nas ruas há tempo. O engraçado é que o meu motor era muito pior, e todo o resto também, naquela adorável motocicleta usada, cor de âmbar, dourada contra a luz, *minha Joan Jett*. Os ruídos dos motores se misturaram e seguimos para a periferia da cidade. Sentia os dedos finos da Su com aquelas unhas terrivelmente longas me agarrando por cima da jaqueta, mas ao invés de reclamar eu costumava deixar os pensamentos voarem sobre as rodas em movimento.

O que mais me impressionava no mundo eram os seres humanos. Como vivemos e como morremos. Fora isso, a vida era uma fantasia, eu pensava. Uma monotonia ou aventura, dependendo das escolhas, do estado de espírito da pessoa. “Você faz o que quiser, mas não pode culpar ninguém pelos seus atos” era o meu mantra. Mas muitos gostariam de nos enforcar em praça pública, eu podia contar com isso. Do jeito que éramos, se tivéssemos vivido em outra época, poderíamos ter sido levadas à fogueira naquele instante mesmo, puxadas pelos longos cabelos: e como num sono, voltaríamos para o cosmos, e minha virgindade estaria intacta e a nossa infelicidade também.

Estávamos chegando na casa do Pablo, numa zona encoberta pela fuligem que vinha das fábricas. Um pó argiloso grudava na moto. Ele já estava na calçada esperando a nossa aproximação. Aquele rosto alegre e melancólico ao mesmo tempo sempre me dizia algo a mais, que eu não identificava. Ele pulou sem cuidado na carona da June. Os ânimos estavam alterados por conta das provas finais na escola e recuperações, essas coisas das quais preferia não fazer parte. Começou uma conversa sobre os dilemas escolares. Na verdade, preocupações que temos quando ainda não sabemos bem o que faremos de nossas vidas. Fui me abstendo de conversar sobre aquele assunto e acelerei a moto até ser absorvida pela monotonia de um lugar ermo, costeando a cidade sem semblantes conhecidos e sem lojas e automóveis. No alto, um céu que há pouco tempo atrás parecia negro e agora estava brilhante de estrelas; a Via Láctea feito um véu de cauda longuíssima. Os morros distantes se destacavam do céu como sombras densas. Eu vivia ali desde sempre, envolvida por uma cadeia de montanhas em uma cidade de fábricas de tijolos e suas chaminés. Indo para a parte dos trilhos, *o lado B* da cidade. O último bairro antes do início de um outro município, e onde as poucas almas aventureiras da região se encontravam para um trago, ou apenas para conversar sobre assuntos que não conversavam em suas casas com suas famílias.

A voz de Su sobressaiu aos meus pensamentos; toda a vez que a gente chegava lá ela cantava a mesma música: *Você já teve o coração partido, uma ou duas vezes? se for sim, como você se sentiu na primeira vez que ele te enganou? se for não, você necessita desse bom conselho: nunca se case com um ferroviário, ele te amará de vez em quando, pois o coração dele partirá com o trem... não, não, não, não se apaixone por um ferroviário, se fizer isso, esqueça-o se puder... você foi sempre agitada em sua cama? e tão só que até seus olhos marejavam por nada? deixe-me lhe dizer uma coisa... não, não, não...*

Naquela noite eu tive um sonho. Eu via a mim própria conversando com outras pessoas. Então eu disse: “Olha, se vocês me conhecem, e sabem quem eu sou realmente, acho que posso mostrar claramente como eu irei embora para casa hoje”. Coloquei a mochila nas costas e me preparei para sair, voando. Comecei afastando-me do chão aos poucos, empurrando as pernas para baixo como se pedala uma bicicleta e subindo devagarzinho, e era como se eu estivesse retomando um velho hábito adormecido. Abri os braços como o Cristo Redentor, galgando o ar, e voei. Lá em cima, pensei que meu voo podia ser melhor do que fora antes, num passado remoto, com mais segurança e calma, sem aquele pavor por estar tão solta no espaço. Depois, me encontrei em outra situação, mas ainda sob o efeito daquele poder. Estava dentro de uma sala ampla, no meio de garotas e suas mães; pareceu-me qualquer coisa ligada ao balé clássico. Algumas sapatilhas e espelhos e um clima de apresentação e euforia. A sala, era toda de vidro, e eu queria sair e continuar meu caminho para casa. Em uma das paredes de vidro havia uma janela, fui até lá e a abri. Passei pela pequena fresta e voltei a voar. Lá embaixo, as meninas se animaram comigo no céu, passando pelas copas das árvores, desviando dos galhos e dos fios de luz. Me sentia tão satisfeita com o retorno daquela habilidade, dessa vez muito mais precisa e segura, que me dispus a pegar uma cadeira e sentar-me no ar. Aí descobri algo interessante. Com a cadeira eu esbarrava mais e ainda tinha de me preocupar com ela. Me dava mais conforto, de certa forma, mas limitava o meu prazer. Me comparei aos aviões e às naves dos filmes de ficção científica mas logo abandonei a cadeira. Sem ela eu me guiava melhor. Concluí que o que me fazia voar não eram os braços abertos, mas para onde a cabeça se deslocava. A mente puxava todo o corpo. Quando acordei, além de ficar extasiada com aquela espécie de sonho que eu não tivera mais desde a minha adolescência, eu me gratifiquei por ter melhorado muito a qualidade do voo. A descoberta de que a minha mente era o suporte para voar me deixou com uma sensação de liberdade. A

técnica era essa: observar a minha própria mente, e controlá-la no instante em que me dispusesse a levantar do chão e atingir as alturas. Independência foi a palavra-chave. Corri para a biblioteca, atrás de qualquer livro do Jung. Peguei *O homem e seus símbolos*. Uma edição de capa dura com um círculo dourado incrustado no centro. Observei aquele círculo antes de abrir o livro. Me lembrou um labirinto. Ou uma mandala. Naquele instante me ocorreu a seguinte questão, *estaria eu me identificando com a adolescência outra vez? Teria algum dia saído de lá?*

Deviam ser umas onze e pouco quando o interfone tocou. Eu, com um copo de água nas mãos e pensando em passar um café na máquina italiana. Seria meu segundo mês, a partir daquele sábado, sem a Brenda em casa comigo. Seria, e nisso eu era ruim de fazer as contas, meu primeiro ano sem o Felipe. Após a separação, entrei naquela inércia que nos acomete quando imaginamos que antes as coisas eram melhores. Isso não se deu por despeito ou ciúmes, mas porque eu estava meio arrependida das coisas que fizera, e das desculpas esfarrapadas. Me culpei horrores. Será que eu me culpava porque no fundo tudo o que eu queria ele acabou fazendo? Nos empurrando de fato para um fim quando decidiu engatar outro relacionamento.

Atendi supondo ser a Lisa, com algum imprevisto no estúdio; nos sábados podia acontecer de alguma banda resolver fazer alguma gravação de última hora. Puxei o gancho do interfone, ao lado da geladeira. O sol entrava pelas janelas revigorando meu cérebro, atingindo em cheio o piso branco. Do outro lado do interfone, ouvi o porteiro avisando que Tomás Graco estava subindo. Eu vestia uma cueca de seda azul escuro com caveirinhas douradas e uma camisa horrorosa, boa para dormir, branca e com um cisne desenhado no meio. A única coisa que restava fazer era lavar o rosto.

“Olá, esqueceu algo aqui?”, perguntei.

“Não, eu tive uma ideia.”

“E precisava falar sobre isso no sábado de manhã?”

“Não podemos perder tempo, a vida passa muito rápido. Por falar nisso, você está parecendo uma adolescente. Eu nunca diria que você tem a idade da minha mãe.”

Ele era bom nisso: causar desconforto. Impressionante, mal tinha conseguido refrescar meu estado de espírito, ele vinha com um golpe: “a idade”, o “tempo”. Voltando ao ponto: a certeza de estar ficando velha no consenso geral, porque até onde sabia, a humanidade ainda não tinha resolvido a questão da morte. Gostava daquele pensamento, lugar comum, sobre estarmos morrendo desde que nascemos, mas não servia. E se ele soubesse que eu estava

naqueles dias terríveis de secura interna e da evidente fraqueza dos músculos, até os ossos pareciam mais suscetíveis, teria me poupado? Estendi a mão em direção à dele e me aproximei mais, enquanto dava o lado direito do rosto para aqueles cumprimentos formais e íntimos ao mesmo tempo. Senti sua mão quente e firme, e seu cheiro gostoso como a primavera chegou até mim e esqueci tudo. Olhei para ele com audácia, um pouco feliz por ele não me considerar uma velha, mas um pouco triste por ter de encarar essa pequena alegria, já que a questão era o *quão velha estava*. E ali um jovem vigoroso e sem respeito nenhum por mim. Me deu a mão para cumprimentar por pura ironia, percebi. E tinha razão, naquele segundo encontro só os beijinhos estalados no ar e as faces tocadas de leve bastariam. Além de eu estar vestindo cuecas. Continuei me iludindo de que estava à vontade e quando ia dizer para nos sentarmos, Tomás praticamente saltou no sofá. Resolvi parar de fazer rodeios com alguém petulante como ele.

“Tua mãe é mais velha do que eu, uns oito anos, acho. Olha, não sou a Jan daqueles tempos, e a tua mãe provavelmente não sabe que o seu filho está aqui. A propósito, você ainda mora com ela?”

Fiquei pensando na expressão que escolhi, “a propósito”. Realmente, eu estava me achando meio ridícula.

“Moro sozinho mas vejo ela sempre. Você lembra bem da minha mãe? Gostaria de voltar ao passado, um pouco, se der. Preciso saber mais sobre você, a Janine Alves antes de ser a Janine Alves.”

“De qualquer maneira, chega um momento em que nossos conceitos ficam frágeis e as certezas não são mais certezas.”

“Você quer dizer que não lembra mais como você era?”

“Claro que sim, mas é algo vago, disforme, modificado pela minha memória seletiva.”

Menti. Foi fácil conseguir lembrar como eu era, como era a mãe dele e tudo o mais. Uma enxurrada de imagens no meu pensamento naquele instante já alertava para a vivacidade do passado. Tomás nem uma sementinha era, mas de certa forma trazia aqueles encantos, apenas por ter vindo daquela época, um fruto de Diego. Notei, entretanto, uma conexão estranha entre eu e ele. O desejo dele em realizar seu projeto estava talvez atrelado à sua curiosidade sobre o próprio pai e não sobre a minha obra. E eu, parecia estar precisando urgentemente de uma fuga para mudar minha rotina. Era como se tanto nele como em mim houvesse uma fagulha pronta para botar tudo a perder. Tive de chegar o rosto o mais perto possível de alguma brisa que viesse me socorrer, e cantarolei a primeira música que me veio à cabeça, *with your feet on the air and your head on the ground...*

“Pixies, quem diria?”, ele disse.

“Me admira você conhecer, eles são antigos.”

“Afinal, você é casada ou não?”

“Não mais. Faz pouco que me separei. Tenho uma filha.”

“E onde ela está?”

“Com o pai, em Londres.”

“Tudo bem em ficar sozinha?”

“Quem, eu? Ah, sim, tudo.”

Eu ia falar *nascemos e morremos sozinhos*, mas achei demais.

“Já pensou se você tivesse casado com o meu pai?”, ele perguntou de um jeito que não deu para saber se estava se divertindo ou se estava curioso com a possibilidade.

Fiquei na expectativa de ele se desculpar pela noite anterior, quando praticamente vomitou em mim a morte do pai dele. Nada. Resolvi guardar essa mágoa.

“Eu ia passar um café, aceita?”

Na terceira xícara de café eu disse sim a ele. Tomás ficaria apenas dois meses na cidade, por conta de um curso de férias na universidade, e aproveitaríamos para nos encontrar enquanto durasse a estadia dele. Nas sextas-feiras era bom para mim e para ele. E, segundo Tomás, melhor para podermos estender a noite. O plano dele consistia em anotar e gravar nossas conversas sobre as minhas primeiras influências literárias e até onde a minha vida seguiu seu rumo paralelo à escrita. Ou seja, contar a história e processo interior de uma escritora que começou a publicar aos 48 anos e aos 52 estava em crise. Fiquei um pouco ansiosa. Mas como a vinda dele na noite anterior suscitara algo em mim, fingi conceder um favor já com o intuito de usar esses encontros como um impulso criativo. Loucuras que, eu sabia, eram as regras dicotômicas da minha criação.

A visita fora rápida e tranquila. Café sempre funciona mais do que cerveja quando queremos ser distantes, reservados, fingidos. Voltei para a cozinha e sentei-me diante do balcão de pedra sabão, parecendo uma areia de praia, e a claridade vinda da rua penetrando nos meus poros, os cabelos dos braços arrepiados pelo toque da minha própria mão. Eu estava com saudades da minha vida de casada e de Brenda, principalmente, porém, estava muito à vontade com o fato de morar sozinha. *A escritora esquizofrênica, implorando por um retiro da realidade*. Lembrei do Philip Roth e sua eterna voz interior, em quase todos os seus livros. Acorrentado pela escrita seguia Zuckerman, seu alter ego. A imagem de acorrentada funcionava. Prisão desejada. Comi um cacho de uvas pretas. Passei mais café. Fiz um

sanduíche de queijo. Decidira não almoçar e só sair de casa à tardinha para dar uma longa caminhada ou, quem sabe, pegar a bicicleta da Brenda e percorrer a ciclovia até o outro lado da cidade.

Não acendi a luz antes de entrar. O banheiro estava vazio. Meu reflexo assombreado deixava meus cabelos mais escuros e gostei disso. A cor castanho-claro me incomodava porque lembrava os cabelos de Diana. Mas meus olhos eram bem diferentes, negros. Resolvi encarar aqueles desenhos mal feitos, mostrando o sexo oposto, bem em cima do espelho, destinado a sair do corpo. E eu, ao contrário, voltando-me para dentro, cada vez mais para o interior. “Deve ser por isso que os homens são tão superficiais”, disse baixinho. Do lado dos testículos rabiscados, novos corações com dois nomes dentro deles, instigando Cupido a se manifestar durante o intervalo do recreio. Frases sem explicação de estarem ali, cheias de clichês tão explicitamente de mau gosto, que arrepiavam até mesmo o senso de estética poética dos banheiros públicos. Alguém apertou o interruptor de luz e as lâmpadas fosforescentes piscaram e logo firmaram no ambiente aquela luminosidade uniforme. Ajeitei o papelzinho fininho e todo enrolado feito um papiro, entre o tecido macio da calcinha e o jeans, e deixando uma pontinha para um alcance fácil da mão esquerda. Deixei a camisa para fora das calças, poderia disfarçar o movimento de tirar o papel e colocá-lo entre as coxas depois. Mantive a jaqueta amarrada na cintura, porém mais solta. Naquela altura dos acontecimentos eu só queria passar de ano e me mandar dali. As primeiras provas da semana seriam as de ciências exatas, as piores para mim, mas se resolveria essa batalha razoavelmente bem, tudo conspiraria a meu favor, depois.

Achava o turno da noite bem mais interessante do que o da manhã, pois a maioria eram pessoas mais velhas retornando aos estudos após alguns anos fora da escola, ou gente que já trabalhava pra valer, precisando do diploma. E sempre surgia algum assunto do qual eu me encontrava a quilômetros de distância: filhos pequenos, conciliar estudo com família, empregos diurnos exaustivos e a escola à noite, para tentar escapar deles, maridos e esposas aguardando em casa, estudos tardios para assegurar o seu lugar na empresa. Tudo isso me parecia ficção científica. Bem, existiam aqueles tipos desajustados estudando à noite por terem repetido várias vezes; e esses foram os que se tornaram mais próximos. Sentei no meu lugar de sempre. Última mesa quase encostada na parede de trás e perto da janela. Avistei a Su entrando e conversando animadamente com alguns colegas enquanto soltava gritinhos de

pavor fingido por causa da prova. Apostei dez contra um que ela iria pedir para usar a minha cola. Enquanto alguns riam das brincadeiras dela, outros já estavam tensos e concentrados. Provas em escolas deixavam meus nervos em frangalhos. Fingi rir, condizia melhor com meu posicionamento geral sobre a vida e imaginava que era o que esperavam de mim naquela situação. Arrependimentos sempre surgiam nessas horas. Me debrucei sobre a prova mais desanimadora da face da terra, e comecei a lembrar que, ao ter feito a cola, muita coisa permanecia fresca em minha mente dispersa.

No portão da escola encontrei a Su; mascando chiclete, a boca abrindo e fechando desleixadamente e a blusa levantada deixando a barriga descoberta. A desculpa poderia ser o calor, mas logo vi quem se aproximava. *Cris, o homem dos sonhos te toda a garota rebelde da cidade. Cris, o jovem aspirante a rock star.* Tinha de admitir que o cara era atraente, toda a vez que eu o via, admirava a sua beleza; entretanto, chegava junto com essa impressão algum aspecto repugnante, e talvez aquilo estivesse ligado ao excesso de vaidade dele coexistindo com uma falta de inteligência muito evidentes para mim. Outro detalhe desanimador era a ausência de senso de humor nele. Quando ria, era de si mesmo, embasbacado com a própria voz, mas se alguém espirituoso estivesse por perto e lançasse algum comentário interessante ou engraçado, ele fingia não ouvir. Ou, quem sabe, não entendia.

“O que vão aprontar hoje, meninas?”

“O de sempre”, disse Su, bancando a experiente na arte de se divertir sem ele.

“Segundas-feiras é complicado nessa cidade”, eu disse, e virei as costas para os dois.

Eles tinham sempre que se entender de uma maneira louca na qual eu preferia não ser incluída. Sentei na calçada e continuei ouvindo.

“Bem, eu e uns amigos vamos beber lá no estúdio, se quiserem, podem vir. Tá de moto?”

“Sem”, respondi sem olhar para ele.

“Puxa, então vai ficar pra próxima porque estou de carona.”

“Acho engraçado isso”, ela disse.

“Isso o quê?”, ele perguntou.

“Perder teu tempo vindo até aqui com aquela garota no carro te esperando.”

“Esqueceu que o Laranja estuda aqui? E você sabe muito bem que eu tenho uma meta, um foco, coisa que você deveria aprender.”

Eu não entendi muito bem o raciocínio dele sobre o comentário dela. Mas vi o Laranja entrando no automóvel, somando sete pessoas lá dentro e, portanto, seria impossível a nossa ida junto com eles. A garota no volante chamou o Cris. Tive de virar para ver a cara de pau

dele. Queria rir, mas seria uma briga certa com a Su. E ele entrou no carro sem nem olhar para trás. Claro que ele tinha vindo até o portão da nossa escola para puxar conversa, a relação deles precisava disso, daquele joguinho de gato e rato. A Su ficou vermelha nas bochechas e disfarçou seu ódio me empurrando pelos ombros como quem faz uma brincadeirinha daquelas entre amigas se divertindo à toa. Achei ridículo ser empurrada para fora da calçada. O automóvel passou do meu lado, senti o cheiro dos pneus no asfalto e levantei. Ela me olhou querendo uma alternativa para aquela noite. Não iria conseguir dormir tranquilamente depois de ter visto o Cris sair com outra garota. Meus ouvidos seriam alugados pelas suas queixas e inseguranças. Poderia ser só uma garota com um automóvel servindo de motorista e querendo dar em cima dele, e nada demais. Só que era sempre uma insegurança no ar. Seguimos a pé para casa. Paramos na frente da casa da Su e resolvemos ficar de conversa na calçada. A noite estava clara e cheia de estrelas. De repente, me deu vontade de escrever uma frase que veio à minha cabeça. Su acendeu um cigarro e sugou a fumaça demoradamente. Suspirou e falou sobre seu desejo de sair da cidade.

“Quem sabe não seguimos o rastro da tua irmã?”, ela disse.

Li o que acabara de escrever em voz alta: “Somos absurdamente envolvidos pela passagem do tempo e nele viajamos feito estrelas cadentes, intensas, mágicas e breves”.

Aquilo reverberou na noite como se eu tivesse acabado de ler algo poderoso e não uma frase boba.

A idade conta muito, principalmente quando a gente faz uns cálculos idiotas e percebe que já viveu mais da metade daquilo que se supõe normal, até que sejamos ciborgues e, bem, isso não estava nos meus planos. Eu me encontrava naquele estado de espírito quando estamos no vácuo, antes de uma transformação, num redemoinho de pensamentos e emoções, e não conseguimos sair, só que por outro lado, arriscamos tudo. Sei lá, algo ultrapassado. Como a minha geração gostava de ser. Arriscar tudo continha algo de nostálgico, ingênuo, como dançar em cima da mesa e derrubar a louça, cálices e copos de cristal, e fazer um estrago. Ou subir em algum monumento de uma praça central, referência da cidade, naquelas estátuas de antigos presidentes, ou de pessoas imortalizadas por suas obras literárias, endurecidas ali pela eternidade de um mármore ou de um bronze. Fazer xixi na cara de um político qualquer e depois no nome do jornalista que fez a matéria sobre o político molhado pela urina morna, no jornal caído na rua. Cuspir nas propagandas e nos classificados de

imóveis. Montar num cavalo selvagem e galopar sem medo até a fronteira e invadir um outro país sem mostrar os documentos necessários para aquele ato. Fingir que gostava de orgias. Enfim, sair da circunferência traçada pela minha editora que me adotou como autora boa para investigar os problemas existenciais da humanidade, mas querendo que eu vendesse a vida sofrida de fulana de tal como se fosse *Cinquenta tons de cinza*. Verdade verdadeira, eu gostaria de escrever como o Nicholas Sparks. Por quê? Porque ele consegue ser convincente. Só conta uma história, nada mais. E sobrevive disso. Afinal, o que significa afirmar um gosto literário ou mesmo artístico sobre qualquer coisa, o que significa essa forma de dizer *isso é bom, isso não?* Mudar algo como se a preocupação com a forma fosse o que falava mais alto? Escrever era arte ou ciência? Compor música ou criar uma pintura consistia em percorrer intrincados caminhos de cores, traços, vibrações, alegria e sofrimento. Por que a literatura tornara-se algo tão cerebral? Queria criar ao som de alguma melodia que me levasse a certa eloquência sentimental e espiritual, depois o intelecto que se virasse com aquele oceano instável e violento. Precisava chorar diante do meu computador. E rir do choro numa celebração. Sair do computador e viver. “É necessário viver lá fora para trazer algo interessante para essa tela”, falei em voz alta para ninguém. Minha voz ressoou na sala. Estava eu me enganando com aquela revolução? A gente chega num estágio tal e pensa que aquilo surgiu repentinamente. No entanto, a coisa vinha sendo elaborada feito um *alien* dentro de nós. Muitas infelicidades disfarçadas de realidade. Muita domesticação. Mas eu colocaria a minha cabeça no travesseiro à noite e dormiria em paz se tivesse sido eu quem escrevera *Reparação*, do Ian McEwan. Ou seja, eu era uma infinidade de dicotomias. Eu era, sim, cerebral, e queria ser diferente. Mas tinha um lado meu mais visceral, eu sabia. Teria de olhar para *ele*.

Desliguei o computador e abri a janela. No céu, percebi que estávamos, todos nós, meu ego e mais o ego do cara lá embaixo comprando jornal, ou da senhora idosa caminhando determinada para fazer sabe-se lá o quê, em uma estação propícia para a vida lá fora. Aves migratórias cruzavam o céu azul em direção ao leste; vinham do rio que circundava a cidade e iriam para onde? O que significava a direção leste, afinal? A minha ignorância sobre os assuntos migratórios das aves me incomodou. Aquilo era muito mais importante do que escrever sobre meus problemas existenciais. Aves negras e pequenas se espalhando por cima dos edifícios.

Olhei para o maço de folhas imaculadas que eu comprara no início da semana, estático. Abri o lacre que as mantinha duras e unidas. Não acordei decidida, nem imaginei mesmo, até aquele momento, que começaria naquele dia. Sabia do início de um novo livro latente, ao

menos em minha mente (se bem que aquelas caminhadas em velocidade no meio dos automóveis também poderiam ser um prognóstico). Precisava de folhas livres da tela do computador para ao menos dar o primeiro passo. Então, fui determinada para a máquina de escrever, uma Remington amarelo-queimado. Foi da avó de um amigo, e a senhora cuidava dela muito bem, ela era datilógrafa. Gostei disso, de saber dos cuidados e do ofício da antiga proprietária, e também achei interessante ter sido eu aquela pessoa que iria bater nas teclas desvirginando as letras para a pura ficção, sem nenhuma necessidade prática. Nada de parágrafos, e os erros poderiam seguir, uns atrás dos outros, porque depois da tempestade de palavras eu iria, como uma boa menina, passar tudo a limpo; ninguém mais poderia entregar um manuscrito assim, seria loucura. Imaginei chegar com uma obra inteiramente escrita numa máquina antiga e achei engraçado.

O prazer em ouvir aquele barulho, sentindo uma pressão nos dedos no limite de um erro que não poderia ser consertado como se não houvesse existido. Uma pressão intensa, física. Os solavancos no término do parágrafo, e ter de mudar para a próxima linha manuseando com determinação concreta, e não apenas as pontinhas dos dedos deslizando num teclado asséptico, no qual imagens e informações diversas pulam e te distraem. Uma condição corporal e cerebral única e determinada em uma só meta. Pular de linha com a mão, de um jeito bem diferente do que os moldes de um computador. Naquele instante mesmo, as alavancas com suas letras na ponta foram lançadas ao mesmo tempo, travando a escrita. Coloquei os dedos lá e os sujei levemente de tinta preta. Tive de me contentar apenas com a empolgação e algum estilo que porventura eu já identificara e que fluiria naturalmente, pois a função toda era intensa e nova. No computador, eu sempre me pegava analisando as palavras com a força da observação da imagem, e não a força inerente e única da palavra em si; ela somente, sem a sensação onipresente da imagem. Fui obrigada a rever tudo e passar a limpo aquela sujeira maravilhosa. Estava encantada com a desordem e a sujeira e o barulho e a vagarosidade com rompantes de velocidade incontrolável. Uma velocidade que crescia aos poucos e era física, e era mental também, mas nunca aquela velocidade dos mecanismos de um microprocessador dos meus pensamentos. *Que sensação, caros leitores!* Lembrei de ter usado máquinas de escrever outrora, porém lá naqueles tempos eu não falava e nem agia com intenções profissionais. Divagava sabe se lá por que com a máquina e com o que poderia colher de cada letra, fazia poesia ou inventava pequenas histórias, mas agora seria o meu romance, o primeiro escrito na periferia da tecnologia. Eu era uma rebelde na era digital. Meu nome era Jan Alves e em breve eu contaria a minha história.

A porta da frente rangeu.

Mamãe carregava algumas sacolas de plástico.

“Se você tem o mínimo de bom senso, deve ter trazido comida”, eu disse.

Eu havia colocado algo no estômago pela última vez na tarde do dia anterior. Estávamos passando uma semana difícil, o dinheiro da pensão de papai não chegara por algum motivo desconhecido para mim, e eu nem me preocupei com isso, mas já estava aborrecida de comer biscoitos envelhecidos com chá preto. Notei as unhas dela, pintadas de vermelho vibrante. O cabelo levemente modificado, talvez aqueles tratamentos à base de cremes que as mulheres faziam no salão de beleza. As mechas estavam mais claras e os fios brancos tinham desaparecido.

“Não me diga que você foi no salão”, falei.

“Você deveria ir também, teu cabelo é selvagem e sem corte. Deve ser por causa dessa moto. Do vento.”

Esse era o tipo de assunto em que eu não queria me aprofundar. E eu não precisaria enfrentar uma discussão por causa do dinheiro gasto no cabeleireiro, porque ela também havia comprado comida. Dentro de uma das sacolas agarrei um pãozinho e o dividi ao meio. Peguei queijo, mortadela, manteiga e leite. *É, Diana e Abel decidiram reatar, pensei, nem preciso perguntar, sei disso como sei dizer meu nome.* Mas a vontade de provocar foi maior. Então perguntei: “Por um acaso você e o Abel estão juntos?”

Nenhum sinal de constrangimento quando me disse: “Sim, vamos tentar, mas ele na casa dele e eu na minha. Daí ela se sentou, serviu-se de um suco de laranja e bebeu um gole, e logo em seguida perguntou: “E a escola? Iniciaram as provas?”

Era incrível, se existia algo que ela sabia sobre mim, eram essas duas coisas: meu período menstrual e as datas das minhas provas semestrais. Uma, por uma razão óbvia, pelos vestígios no banheiro; mas a outra mostrava a sua dedicação em me azucrinar a paciência. Mandei para o inferno as preocupações. A salvação da família nunca seria eu. Toda a vez que ela abordava o meu futuro, me dava arrepios. Ter de lidar com as suas expectativas era demais. Quase me engasguei com o pão. Era o meu segundo sanduíche.

“Tudo na mesma merda de sempre”, falei.

“É mesmo, e o que você quer, ficar que nem eu?”

“Não, obrigada. Você é a desocupada mais sem graça que eu conheço.”

“Não fale de boca cheia. Olhe, preste atenção no que vou te dizer. Todas as portas se fecharam para mim, mas não para você.”

As esquinas ficando para trás no retrovisor. Era sempre bom ver tudo se afastando. Peguei um atalho onde uma obra inacabada, que diziam ter sido a tentativa de erguer um supermercado, gerava um espaço para se fazer manobras ousadas com motos e skates. Sabia que não dava para pensar muito, pois se perdia a chance de fazer do jeito certo, sem vacilo. Acelerei e girei o corpo para a direita junto com o movimento brusco da moto, os freios soltos, e depois troquei a marcha na reta e acelerei mais. Subi numa rampa de concreto da construção e aterrissei no chão de areia. Como eu amava aqueles milésimos de segundos sem nenhum pensamento. Quatro garotos jogavam bola bem aonde fui parar, e mais cinco do outro lado. Desviei deles e passei no meio da goleira, antes da bola. Ouvi gritos e assobios de animação e fluí com o vento ainda retumbando nos ouvidos. A vantagem da moto é essa, a gente está fora do alcance dos transeuntes, e podemos passar por eles sem ter de cumprimentar; e por outro lado, estamos em contato com tudo à nossa volta, diferente de um automóvel fechado e isolado. Na moto, a gente encosta os pés no chão quando tem de parar, sente-se na curva a proximidade com a rua, o cheiro da água da chuva nos paralelepípedos, quentes pelos dias de verão. Se é contagiado pelo pó, pela sujeira, pelas poças d'água, e se percebe os gatos passando no meio do caminho, lânguidos, desconfiados. E os gatos pretos sempre passam como vultos, inspirando sensações estranhas, guardadas no inconsciente como se fosse algo macabro e, no entanto, não, é mágico. O motor por vezes assustava os pássaros, e eu cuidava eles alçando voo rapidamente na minha passagem e sumindo.

Senti o cheiro gostoso de tabaco misturado com os doces do balcão, feitos aos domingos pela manhã, chamados sonhos de doce de leite e sonhos de creme. À direita da entrada, ficava a prateleira com as revistas e os jornais. Nada dali me interessava, detestava notícias e fofocas de gente famosa. E se o mundo fosse acabar amanhã talvez fosse melhor, pensava. A Guerra Fria estava sempre acontecendo. As pessoas falavam em um botão que, se acionado, acabaria com o planeta. Adoravam imaginar o fato de que uma pessoa, sozinha, um único mortal inconsequente, poderia, por algum capricho do destino, exterminar com a raça humana em um segundo. Os únicos que pareciam fazer parte da batalha eram os jornais.

A fantástica sessão de HQs e eu juntando trocados para comprar o último de *Elektra*, ou *Wolverine*, *Cripta do terror*, *Motoqueiro fantasma*. Chegou tudo junto e atrasado. Qual deles?

Se alguém fosse aficionado feito eu, saberia que só mesmo na banca do seu João para encontrar todas aquelas histórias. Encomendar pelo correio custava caro e demorava.

Passei no balcão com a dúvida de sempre. Me decidi pelo sonho de doce de leite mais o último número da Elektra. Me lambuzei; na jaqueta de couro preta, uma neve de açúcar caía. Foram dois segundos de prazer. A Elektra me olhava com desconfiança, o mundo ao seu redor era sempre sombrio e ela o enfrentava com garra; seus cabelos negros voavam durante a batalha e os homens caíam aos seus pés, mortos. Peguei a moto e saí movida por uma fantasia de ser ninja; acelerei e dobrei a esquina. Avancei até a rua principal. A cidade dormia depois do almoço. O sol praticamente reinava sozinho na praça central. Peguei a trilha que levava para o lado oeste da cidade; um local ermo, e onde não se viam as chaminés das fábricas.

Pensei em pegar meu diário primeiro, depois eu poderia ler a *Elektra*. Eu tinha a tarde toda até a hora do ensaio da banda. Um vento repentino mexeu as folhas do diário, ainda novas. Devia ser meu quinto ou sexto caderno de segredos. Não deveria chamá-lo diário, pensei, soava como algo meio Polyana. Verifiquei a minha última anotação. Fora naquele dia, depois de terminar a última página do *Frankenstein*, da Mary Shelley. Deitei no chão. Arranquei da terra um capim longo. Mastiguei o caule azedo e me deixei envolver pela ausência de pessoas e pela presença dos morros distantes; senti-os na paz da solidão. Me espreguicei demoradamente no capinzal e minha barriga ficou recebendo o sol. O couro da jaqueta roçava na terra. A Montanha do Corvo bem ao alcance da minha visão, e lá no topo um mistério, pois ninguém nunca fora lá.

Mas voltar a escrever não veio impunemente. Foi sob uma transformação. O segundo livro vinha com esse estigma, e eu podia dizer que sim, eu havia desempacado e aquela história era a que eu realmente desejava contar. *Aquilo podia ser considerado real*. Eram os tempos atuais que me traziam reflexões daquela espécie, talvez. *Sim, não, não, sim*. Tempos onde todos éramos escritores e poetas, fotógrafos e jornalistas, comentaristas políticos e atores. Eram tantos dissabores com a literatura, e mais especificamente, com a minha própria vida de escritora, que eu configurava novas oportunidades de me expandir. Pintar com tinta a óleo. Montar uma banda com gente da minha idade, e já aproveitava que não precisaria alugar um estúdio. Aliás, alugar as salas do estúdio e gravar demos era o único trabalho fixo que eu tinha. O trabalho de escrever podia ser considerado uma “distração”. Ou um carma. Começar

a escrever exatamente aquilo que deve ser escrito naquele momento em sua vida é quase um sacrifício. Uma batalha diária, sem trégua, até que. Até que, pronto, encontramos o propósito. Vaguei durante anos, sempre titubeando, entrando num tema e saindo dele, num moto-contínuo. *É isso agora, vou nessa. Não é mais bem isso, é um pouco diferente mas ainda é. Nada mais daquilo serve, vou começar do zero.* Destruir tudo é sempre uma forte tentação. Recomeçar do zero é quase um vício. Fingir que encontrou o tom da escrita é a maior de todas as enganações. Porém, quando somos sinceros, e sabemos onde pisamos, entramos no nosso mundo. Ainda assim, sabemos que a angústia nunca nos abandonará. É uma espécie diferente de angústia, essa. Poderia dizer ser um sentimento paradoxal e, eu sei, essa palavra é clichê. Mas é isso. Escolhemos esse ofício. Podemos deixá-lo. Mas algo vai mais fundo que a razão. Quem sabe seja o ego martelando. Cheguei a pensar na escrita ser algo como frequentar a terapia, meditar, se auto conhecer e ter experiências quase místicas enquanto se criam as histórias através de palavras e mais palavras, somando um mantra infundável até que as nossas vidas terminem.

Quando resolvi aceitar o convite de Tomás, eu já estava à beira do precipício. E era o vestígio mais interessante dos últimos meses. Mesmo se assemelhando àquela carta do tarô, em que se vê um abismo, e o louco está pronto para saltar. Para preservar uma vida normal tinha de me apegar à rotina. Escrever todos os dias. Ir ao supermercado, cozinhar, lavar os pratos, trocar o lixo da cozinha. Descer e subir escadas. Fazer a feira orgânica. Lavar legumes e hortaliças. Deixar o café quente dentro da cafeteira. Ir ao banco. Escrever. Coexistia com a realidade e praticamente não fazia parte dela. Cada palavra podia ser uma estrutura concreta para transformar muitas verdades em outras. Um tigre penetrando numa selva. A alquimia do verbo em silêncio até que. Até que o papel seja manchado, a tela seja invadida. A presa. Uma vantagem hipnótica sobre os outros. A inspiração.

Pensar no passado parece muitas vezes algo decadente acontecendo com a gente, nos levando a um estado de estagnação, e quando não, nos classificando de nostálgicos. E ser nostálgico parece mesmo decadente. Sem jogo de cintura para enfrentar os tempos atuais, galopantes. Como se o passado tivesse outro relógio, outra noção estabelecida de tempo. O chamado da literatura irrompe com os conceitos sobre o tempo e avança na sua integridade implacável. Nada abala a imposição das abstratas palavras criando mundos paralelos e dizemos que estamos reinventando a (nossa?) vida. Se imaginasse naqueles dias o que estava acomodado dentro do meu cérebro. Essa geografia intelectual somando mapas e mais mapas, codificando territórios, afirmando verdades sobre isso e aquilo, criando. E depois, aqueles mapas sobre a literatura dos outros, formando um gigante, um globo de frágeis linhas, como

que raízes por cima da água. Nesse grande mapa mundial, abrigando todas as cabeças pensantes desde antes de Cristo até agora, nessa parafernália virtual, bem, ali temos de arranjar alguma forma de escolher nossos caminhos e sair por eles, identificando nossos ancestrais intelectuais, definindo nossa meta e nossa jornada. E é nesse passado histórico, nesse mapa universal que formamos nosso caráter literário. Pois bem, até aí. E todo esse complexo, o qual estudamos com cuidado ou de qualquer maneira mesmo, acaba sendo quase todo constituído de homens. Tudo bem que andávamos resgatando as mulheres, mas ainda assim, ficou em nós esse mapa, esse guia, masculino. Eu estava, antes mesmo de perceber isso na sociedade, atrás de um mapa novo. Queria parar para descansar sob um céu de estrelas cadentes, um céu medieval, e fazer uma oferenda às mulheres que foram esquecidas. Traçar caminhos aos poucos, sem essa pressa inerente ao homem, mas com aquela calma oscilante, que ora abstrai tudo ao redor, ora se desestabiliza e chama o drama. Egípcia como Cleópatra. Erótica como Diane di Prima. Rebelde como Joan Jett. Guerreira como Cora Coralina. Determinada como Simone de Beauvoir.

Linhas traçadas devagarzinho, conforme meu tempo seguia dilatando, e minhas próprias veias. Nas horas bem estendidas e muito longe. Tudo muito longe e muito perto, dependendo do instante. Hesitar e não me culpar por isso, afinal, não estava numa fila de espera, nada iria fechar, nem a morte se fecha. O percurso de uma anônima em busca das histórias conhecidas mas querendo mais que isso. Possibilidades de encontrar anônimas. Muitas mulheres lá embaixo das pedras, no limbo. Como continuaria acreditando no meu conhecimento? De repente me ocorreu isso, assim como uma bomba explodindo do meu lado. Críticos homens, jornalistas homens, escritores e poetas homens. É possível continuar acreditando nas minhas influências?

Nossa, foi uma crise e tanto essa, das maiores, e somada às outras, imaginem.

Conseguira um exemplar de *Memórias de uma beatnik* da Diane di Prima. Uma das poucas mulheres que escreveram durante e sobre a geração beatnik. Enfim, fora publicado no meu país. Resolvi ler ao invés de escrever.

Avistei o letreiro O Viajante. Me agradava aquela placa pendurada por cima da porta, a precariedade dela, e a possibilidade de ter sempre um teto para me abrigar.

O cheiro de cerveja choca se espalhava pelo bar, vinha do chão e das mesas. Era um cheiro meio agradável meio ruim; sempre pensava nessa estranheza quando entrava lá. Eu

achava que um bar fechado para a clientela mas aberto para nós significava qualquer coisa de autêntico. Avistei a Sara atrás do balcão, com um pano no ombro, ajeitando os copos e as garrafas. Ela estava sempre de bom humor. Resolvi falar logo o que me viera à cabeça dias atrás.

“Sara, posso dormir aqui se eu tiver de sair de casa? Posso trabalhar no bar.”

“Algum problema em casa?”

“A minha mãe voltou para o meu ex-padrasto, e sei lá, isso me incomoda.”

“Ele é agressivo com você?”

“Não.”

Daí ela fez uma cara de quem tinha mais com o que se preocupar e disse: “Se eu te colocar para trabalhar no bar estarei correndo o risco da polícia bater aqui, porque afinal, que eu saiba, você ainda não fez dezoito, não é verdade?”

A pressão de ter de passar de ano na escola mais a possibilidade eminente de lidar com o Abel dentro de casa, mais cedo ou mais tarde, me deixavam assim, pronta para fugir da alçada de Diana. Mas não queria que a Sara visse esse meu lado infantil e resolvi me calar. Até sorri. Ela sorriu de volta, com verdade e entusiasmo, e isso me deixou desconcertada; nunca conseguia fazer um jogo de palavras ou de emoções com Sara, era como se ela fosse bem mais madura e ao mesmo tempo menos sutil.

Pablo, encostado na parede com o olhar perdido, nem me vira. Vestia uma blusa com o rosto do Boy George, do Culture Club, e um shortinho jeans colado no corpo. Estava com os seus coturnos e uma meia esticada até os joelhos.

“Pensando na vida medíocre que levamos aqui neste fim de mundo?”, perguntei. Depois, cheguei mais perto dele e falei baixinho, “Me diz uma coisa, quantos anos tem a Sara?”

“A Sara? Uns trinta.”

Sara levantou a cabeça do balcão e disse que tinha 26 como se fosse bom ter tudo aquilo de anos nas costas, além do fato de enfrentar aqueles afazeres chatos pela frente. Corria um boato pela cidade de que ela era de origem cigana e aquilo criava uma aura de mistério em torno dela, e da gente, porque frequentávamos o seu bar e éramos seus amigos. Um dia, logo que a conheci, eu estava louca para saber sobre isso e perguntei. Ela recém chegara na cidade e já havíamos trocado algumas palavras, por conta do meu hábito e de meus amigos de ir para os trilhos vender bebidas contrabandeadas. Sara nos alertou para pararmos de vender bebidas, aquilo dava cadeia. Em troca, deixaria a gente ensaiar no seu bar. Somente umas semanas depois, contou sobre a sua avó. Fora ela quem trouxera essa fama para a família, quando abriu um estabelecimento, há muitos anos atrás, em outro município bem distante do nosso, e

batizou o lugar de “A cigana”. Aquela resposta só fez deixar minha curiosidade mais atiçada. Parecia um “sim” e um “não” coexistindo. Receber a gente ali, durante algumas noites da semana, distraía Sara. Eram realidades diferentes; a nossa, de estudantes secundários, e a dela, de trabalhadora. Os poucos bares e restaurantes que existiam ali na periferia funcionavam durante o dia, que era quando havia movimento de trens de carga e supervisão de vagões, ou chegada de gente de fora procurando uma pensão barata pelas redondezas. Sara servia somente lanches, café e cerveja, e fechava impreterivelmente às seis. Podia se comprar uns salgadinhos dentro de plásticos, pendurados do lado de dentro do balcão. Havia também bebidas fortes e baratas, cachaças e licores dentro de vidros enormes com decoração e tudo; a especialidade da casa. Eram receitas antigas, passadas de mãe para filha.

O ruído dos amplificadores ligados tomou conta do lugar. A voz da Su testando o microfone me incomodou um pouco. Solange saiu da cozinha ainda com a sua touca de cozinheira e deu um “oi” seguido de um “tchau” e saiu. Devia estar com pressa, pois tinha três filhos para cuidar e era viúva. Sara parou com seus afazeres e apoiou os cotovelos no balcão, desejando sair da rotina sem culpa. Pablo e June tinham ajustado os cabos da guitarra e do microfone e montado a bateria. Às vezes parecia que queriam ser profissionais, ficarem famosos. Me aproximei do microfone. Não existia nada mais importante para a gente fazer do que buscar a sensação de passar o tempo sem senti-lo, e os nossos ensaios eram a melhor maneira de fazer isso. Passaríamos o set list organizado pela June. Uma música do The Runaways e outra do The Clash, para aquecer, e depois três músicas nossas, as únicas que tínhamos, e que pareciam uma repetição do The Runaways e do The Clash. Quando ouvia meus versos dentro de uma melodia hardcore, eu ficava na dúvida se funcionava ou não. Depois de vários ensaios, fui me acostumando. O segredo era criar a letra como ela vinha, em forma de versos poéticos, e depois adaptá-la, tirando palavras que não fluíam com a melodia.

Depois que a Su fingiu ser uma fã, dando pulos na nossa frente, ela veio até o microfone para fazer a sua parte dos vocais. Agora eu fazia o backing vocal. A Su cantava melhor, apesar de dizerem que o meu estilo funcionava mais. Aí, ela disse estar cansada e que iria sair para fumar um cigarro. June reclamou. Elas discutiram por uns minutos, sem baixar o tom de voz, até que o Pablo começou a cantar o hino nacional. June foi até o balcão. Lá, ela pegou uma cerveja com a Sara, que anotava tudo num caderninho e fingia que nada estava acontecendo.

“Pega uma pra mim”, disse o Pablo.

“Porra, que coisa, se mexe moleque.”

“Só você, que é a velha da turma, pode comprar bebida.”

“Querem saber, vou levar todo o equipamento pra casa. Já que sou eu quem patrocina essa merda mesmo!”

Sara pediu para fazermos a nossa parte do acordo antes de terminarmos o ensaio. Ensaivamos lá uma ou duas vezes por semana, mas tínhamos que ajudar a carregar os engradados que chegavam nas segundas-feiras; consistia em trazer os engradados da despensa da cozinha e levá-los até o freezer. Lá, organizávamos as bebidas. Também tínhamos de organizar o lixo seco, separando-o e levando-o até o local certo, para que, quando o caminhão de lixo passasse, levasse-o embora. As garrafas vazias iam para os engradados vazios. Se algum de nós se dispusesse a limpar o banheiro ou a cozinha, ganhava um troco. Na maioria das vezes, esse serviço era feito pela própria Sara. Quando eu falara em trabalhar no bar, eu não pensava em limpar coisa nenhuma, fora apenas uma tentativa vã de arranjar um lugar para ficar, caso eu enchesse o saco de ver a cara do Abel lá em casa. Eu vivia de maneira bem inconsequente, e fora os estudos no colégio, não existia nenhuma responsabilidade na minha rotina; eu não devia nada a ninguém. Recebia a minha parte da pensão de meu pai, quando mamãe não gastava tudo, e me dedicava o mínimo possível para os estudos, e isso porque achava que uma faculdade me libertaria da minha família (esse fato era um segredo meu). E quando ensaiávamos eu costumava matar aula. Talvez eu tivesse a pretensão de chegar num estágio de independência mental dos outros, e isso podia ter origem na herança de livros que meu pai deixara. Aquele fato sempre me impressionara. Uma pessoa ler aquele tipo de coisa e mesmo assim ser um covarde, um João-ninguém. Todas as frustrações de meu pai, e as de minha mãe também, estavam encarnadas em mim. Mas o sentido de superação era imbatível. E talvez se devesse aos próprios livros que eu lera com esse pesar misturado ao prazer de ter aquilo disponível tão perto. E tão longe.

Naquela época eu achava que a minha juventude era a única coisa de verdadeiramente minha que eu possuía, e com ela meus anseios poéticos e musicais, igualmente inocentes. O que me movia era o medo de ser uma daquelas criaturas esquisitas que viviam no mundo, ou seja, os adultos. Queria ser diferente e alcançar algo além de mim, e vislumbrava isso quando escrevia. Que engano. Quase todas as pessoas que eu conhecia e “deram errado” eram como eu. Ensimismadas, e contraditoriamente, ou talvez por isso mesmo, perdidas.

Quanto mais eu ia me tornando eu mesma, mais incoerência parecia surgir disso, de ser quem eu era. Como se essa pessoa que eu começava a compreender aos poucos, e com

dificuldade, fosse impossível de existir. Talvez a causa pudesse ser a incoerência, que detectava pela instabilidade de estilo e preferências. Minhas escolhas variavam muito naqueles dias, inclusive nas roupas que vestia. Até mesmo o cabelo, já não me decidia se o queria curto ou longo, ou mesmo chanel. Mas o mantinha um pouco abaixo dos ombros aguardando uma decisão. E ele crescia a cada dia, sim, era incrível. Mesmo com os fios brancos nascendo aqui e ali, e com um aspecto de fragilidade nunca existente antes, e secura, com as pontas quebradiças dividindo-se em duas. A pessoa que eu vinha sendo ultimamente não tinha mais grandes ideologias. Principalmente pela falta de determinação em seguir as próprias metas definidas por livre e espontânea vontade. Dizem que na infância brincamos com a ideia do que queremos ser quando crescer e, no entanto, como não temos obrigação de ser o que queremos nos tornar, e mais especificamente, decidir qual profissão iremos seguir, e se casaremos e teremos filhos e essas coisas, bem, então com todo o tempo do mundo para decidir, seguimos livres. Caso hoje tenha decidido ser um bombeiro ou uma bailarina, não tem nenhuma relevância se amanhã quiser ser o Wolverine. Vejam bem, a vida de uma pessoa em certos momentos parece se resumir a ter ou não um emprego, ter ou não uma família, e ter ou não religião. Se me assentasse tranquilamente nesse personagem, o qual eu mesma inventara, entregue e verdadeiramente, seria tão mais nobre. Mais sábio, afinal, a sabedoria cai tão bem na velhice! Porém, o eu antigo, forjado muitas vezes em momentos de crise, relutava em deixar-me por completo. A situação de crise atual unia-se à memória dos dilemas na adolescência, e bailavam em minha mente. A crise vinha confusa, não sabia ao certo o seu real motivo. Agarrava-me a antigas fantasias e aos jogos psicológicos comumente utilizados com suas regras fixas, feitas por mim. Quem sabe tudo aquilo acontecia devido à minha solidão involuntária. Ou não, poderia ser apenas a obsessão com a escrita. Quando jovem, eu escrevia ao acaso, com gosto. Cada frase formava um enorme significado temporário e depois morria, mas eu sobrevivia. Então, quando decidi escrever de verdade, aos 45 anos, daí tudo foi diferente. Com 52 estava eu lá, nessa sinuca de bico onde o jogador e a bola eram eu mesma.

O que mais me atraía na lembrança de minha juventude não estava na aparência. Embora a beleza estivesse muito presente em minhas divagações, naquele momento da minha vida. No caso, a efemeridade de tudo em mim, de tudo ao meu redor. Eu tinha, e isso era uma certeza, de redescobrir a beleza. Mais que filosófico, muito além do senso comum, por trás de todas as pseudopsicologias, seria um dever comigo mesma compreender e aceitar a morte. Meu corpo. Eu tinha de parar aquele fluxo ininterrupto superficial de fora para dentro, para poder sentir a realidade. Parar diante do vento, da lua, da miséria. Radicalizar nesse processo

primitivo e romper com minhas redes e contatos virtuais. Dar as costas para aquele tempo. Que se alargassem os dias em monotonias e tédio, seria melhor que a ilusão da velocidade e da felicidade dentro de meu computador. Lembrei do livro *A lentidão*, do Milan Kundera, e tive a certeza da necessidade de dar um tempo ao tempo.

As janelas escancaradas. Uma garrafa de Jack Daniels ao alcance, caso eu me empolgasse. Nada me prenderia ali que não fossem as ideias. Dicionário online não poderia acessar, e nem o Youtube para ouvir alguma música. Se surgisse alguma dúvida, nada de Google. Ao menos por ora (se bem que, nessa questão específica, no fundo eu sabia que seria melhor “nunca mais”, afinal, aquilo de usar o oráculo online era uma maneira rápida de ser perseguida pelas empresas). Bem, sobre possíveis dúvidas e curiosidades, teria de encará-las de frente sem respostas imediatas. Não queria exaltar o passado, mas precisava daquilo. Exaltar esse futuro cibernético também não seria algo idiota?

Na América do Sul, em pleno verão, na rota das aves. Outra vez, me dediquei a olhá-las. Pequenos pontos escuros lá em cima, deixando entrever suas batidas de asas. Na minha biblioteca não havia nenhum livro sobre isso. Aliás, me dei conta de que não possuía nada sobre a natureza. Sobre a natureza humana sim, e a isso eu me dedicava com afinco, e por causa desse grave indício problemático, para não dizer vício, é que escrevia. Por essa vontade que, caso não se realizasse, eu ficaria completamente sem sentido nesse planeta. Seguia aquela intuição porque me conhecia e sabia, comigo as coisas ligadas à arte e à escrita se passavam assim. Perdoei todos que estavam em outro caminho e me perdoei. Esperava sinceramente que me perdoassem, mas não contava com isso. Contava com a minha visceral necessidade com jeito de fetiche. Como uma entidade independente de mim, e ainda assim, dentro de mim.

Apesar da animação de dias anteriores, optei por uma dose cowboy antes de continuar na minha máquina de escrever.

A vida podia ser um fardo, na visão de Abel. “Quando a gente pensa que já se estrepou o suficiente acontece alguma coisa que te deixa pior ainda”, ele dizia. E eu adorava rebater: “E vamos caindo, caindo bem fundo, no fundo do poço”. Mas eu nunca acreditei totalmente nesse tipo de coisa. Nihilismo, sim, mas pessimismo, não. Porque num belo dia de sol, ou chuva, ou neve ou qualquer clima e em qualquer lugar desse mundo, inclusive no mesmo

lugar de onde você nunca ousou sair, as coisas mudam. Então, se você é esperto e percebe que a felicidade não existe e o que existe é um gostar de si mesmo, você se liberta. Digamos que Sócrates explicava isso bem melhor. A máxima: *conhece-te a ti mesmo*. Sim, os gregos e blá blá blá. Bem, não podia fazer nada se havia bebido nessa fonte ainda criança. Isso não queria dizer que pouco me importava com coisas mais contemporâneas. Que tal? Mas ainda era mais fácil pensar rapidamente nas minhas impressões primitivas. Parecia tão lugar-comum, pensava, daí dizia pra mim mesma, “vai tentar, vai”.

Agora, eles me tratavam assim, de igual para igual. Muitas águas rolaram, e entre eu e eles eu só conseguia enxergar um buraco vazio. Os dois se acomodavam numa razão estranha que os unia em suas diferenças; na maneira de pensar de Abel, por exemplo, quisera o meu pai nunca tivesse conhecido a Diana, ele afirmava sem remorso nas costas de mamãe e na minha frente. Ou seja, quem sabe não teria sido melhor se tudo fosse diferente (seguindo esse raciocínio, incluindo a minha existência). Por outro lado, eu achava até engraçada a possibilidade de meus pais não terem casado e nem constituírem uma família, ainda assim eu existiria. A minha existência era independente da minha árvore genealógica, independente dos meus cromossomos, meus genes, de Deus, se ele existisse, de tudo.

Diana servindo a comida, coisa rara, na sala de jantar, ao menos o que restava dela, da sala. E de Diana também. Seu humor oscilava muito naquela época, e quase sempre pela falta dele. Quando tinha ímpetos de alegria, no entanto, podia ser capaz de num dia apenas pintar uma tela, ir ao supermercado, lavar a louça e cozinhar. Estávamos num desses dias de positividade. Talvez pela visita de Abel, talvez por não ter bebido tanto na noite anterior, ou quem sabe, alguma esperança rondando e persuadindo seu espírito sombrio de imaginar-se mais leve, com possibilidades além das reminiscentes lamentações. E só restou eu para servir de plateia. Ainda estava com sono e sem fome alguma. Abel me olhava com receio, já devia ter notado que eu preferia que ele não estivesse por lá. Como eu precisava estudar para as provas finais, meu plano consistia em deixar de picuinhas, comer logo e sair para revisar alguma matéria. Resolvi quebrar o gelo.

“Gosto desse cheiro de macarrão.”

“A melhor cozinheira do mundo!”

“Parem com isso. É só um macarrão.”

Quando ele falou *a melhor cozinheira do mundo*, isso queria dizer, *estou voltando para casa, meninas*.

Esses lares melancólicos, querendo um pouco de alegria num almoço arranjado às pressas e sem muita razão. Mal acabei de acordar e já estava na sala fazendo salamaleques. O ar quente chegava da rua com aquele sol a pino se estendendo na calçada. Fitava as paredes como se elas conversassem comigo enquanto mastigava às pressas. Não quis ser sarcástica com mamãe, então fingi não me afetar tanto com a presença do Abel sentado ao meu lado, com a sua respiração ofegante, sôfrego por comida.

Na hora do café, percebi que das três xícaras que representavam a herança chique de mamãe, duas estavam lascadas nas bordas, interrompendo o fiozinho delicado de ouro, e a outra, intacta, estava na mão de Abel. Notei seu dedinho mindinho saltando pra fora da alça da xícara e fiquei com nojo. Apertei a borda lascada nos meus lábios, mas isso não me machucou o suficiente para sangrar.

“Adivinhem quem eu vi ontem ali no mercado do Azevedo?”, ele perguntou para nós duas.

“Quem?”, ela perguntou.

“O garoto, aquele que era amigo da tua filha, como era mesmo o nome dele?”

“Mas que garoto, meu Deus?”

“O que agora é professor na escola da Janine.”

Eu detestava quando ele dizia meu nome, mas sabia de quem ele estava falando e entrei no assunto: “O Pedro.”

“Ele era apaixonado pela Eve”, ela diz com ênfase no “apaixonado”, e suspira.

Não sei porque me veio à cabeça um caleidoscópio que eu ganhara uma vez. Fechei os olhos para recordar como era aquela sensação de visualizar as cores vibrantes lá dentro, mudando de forma, desenhos iluminados por alguma luz externa. Uma espécie de ilusionismo acontecia enquanto meu pulso girava. Fiquei com uma vontade de brincar um pouco, de castelo, de rainhas poderosas e guerras bárbaras, de colocar fantasia de super-herói, de chupar pirulito. Tive a certeza, de que se eu tivesse irmãs ou irmãos mais novos, eu brincaria junto com eles. Tudo para imaginar-me uma criança e com isso não ter de lidar com conversas de adultos. Isso acabou com o meu falso bom humor. Num ímpeto estratosférico de cair fora, levantei sem mais demoras em manter aquela comédia.

Senti pelas minhas costas olhares de desaprovação pela saída brusca.

Durante todo o almoço, nenhuma bebida alcoólica fora colocada na mesa. Aquilo era muito suspeito.

Tomás entrando na sala. Logo atrás dele, vi uma moça de cabelos negros e longos até quase a cintura. Meus olhos moveram-se junto às pregas de sua saia, dava para notar o movimento agradável daquele corpo leve e ágil. Mal consegui tirar os olhos dela e ele veio até mim e deu dois beijinhos no meu rosto. Atrás dele, a beleza enigmática da jovem desconhecida. O calor subiu para as minhas faces como de costume naquela época, já havia me habituado àquilo. Quer dizer, o incômodo era esperado, mas quando surgia causava uma estranheza como se nunca o houvesse sentido antes. Logo em seguida, o calor formigava pelas costas, percorrendo a espinha dorsal até voltar novamente ao rosto. Um vinha depois do outro, sucessivamente. Corava as bochechas primeiro, e imediatamente após, uma espécie diferente de calor sobrevinha, pelas costas, muito mais denso. Era uma onda depois de outra. Só tinha um jeito de disfarçar aquilo: falar. Enquanto puxava os cabelos e os prendia com uma borrachinha que tirara do pulso esquerdo, tentei ser o mais natural possível, dando um olá simpático e deixando a nuca descoberta. Ele enfim fez um gesto como se quisesse me apresentar a garota mas não disse nada. Aquele sorriso que não era bem um sorriso. Mas ela abriu um sorriso espontâneo, bem diferente do dele, e do meu. Lavínia era o seu nome, ela disse. Associei imediatamente *Lavínia* com *lascívia*. Sua voz suave mas firme, em contraponto à voz de Tomás, rouca, me agradou. Sugeri que sentássemos. Eu queria entender o que a tal Lavínia estava fazendo ali, porque de jeito nenhum eu exporia meu passado e minhas confabulações literárias absurdas (ou não) diante de uma outra pessoa além de Tomás, como combináramos. Me irritou ele quebrar nosso pacto logo no terceiro encontro. Se ele pensava que eu iria contar qualquer coisa que fosse, a respeito de seu pai, diante dela, estava enganado.

“Como você é jovem”, disse Lavínia.

De repente a juventude dela se tornou intragável.

“Obrigada”, respondi, ao mesmo tempo em que pensei o porquê daquilo, de agradecer.

“Tomás me falou sobre o pai dele, e de você. Há muito tempo atrás. Que loucura que é a vida, não é mesmo? Cheia de surpresas. Então estamos aqui e...”

Tomás olhou para mim e eu para ele. Naquele instante percebi a mesma fagulha no olhar que Diego possuía. Nos seus olhos, embora diferentes, em alguns momentos se notava a mesma expressão do seu pai, como se um pensamento muito íntimo pudesse ser revelado a qualquer instante, mas nunca o era. Isso me causou um mal-estar no estômago. Foi como se eu e ele falássemos em código e Lavínia fosse um ser à parte, isolada pela sua inocência sobre

assuntos irreveláveis. A minha inocência nunca fora assim, como a de Lavínia. Nem a de Diego. E, pelo jeito, nem a de Tomás. Como se existissem inocências diferentes. Ou talvez, como se entre algumas pessoas se estabelecesse uma linguagem além das palavras.

Tomás decidiu se explicar. Ele resolvera cumprir o nosso combinado de aparecer nas sextas-feiras; porém, esquecera o compromisso marcado há um mês com Lavínia, de ir assistir a um ensaio dela na escola de dança. Fiquei um pouco surpresa pela falta de lógica. Por que então não estavam no ensaio? Perguntei isso a eles, e os dois começaram a rir.

A curiosidade de Lavínia em me conhecer fizera ela perder um ensaio importante.

“Li todo o seu livro, em uma semana”, ela disse, empolgada.

Ah, eu tinha escrito um romance!, e isso pareceu-me naquele momento algo tão difícil de acessar na memória. O meu “novo livro” tinha a minha atenção total, eu estava mais para virar as costas ao que já existia do que me dispor a ouvir elogios ou críticas sobre aquilo. Mas Lavínia pediu para eu falar como eu me sentia sendo uma escritora. Comecei a rir de um jeito meio estúpido, sem muita razão aparente. Inspirei profundamente para ganhar tempo e procurei encontrar palavras que explicassem algo que nem eu mesma conseguia entender.

“É bacana”, respondi.

Eles ficaram me olhando, esperando mais de mim. Ou foi a expressão “bacana” que os deixou perplexos, pela sua antiguidade. Pela primeira vez naquele encontro notei um ar de insatisfação nela. Já Tomás parecia ter adorado minha falta de interesse em falar de mim mesma. Mas ele era um pouco sádico. Na verdade sempre gostei de conversar e falar sobre meus pensamentos (interessantes ou não) sobre o mundo, mas nunca gostei de falar a respeito da minha escrita.

Lavínia começou a explicar que, se eu estivesse mais ativa nas redes sociais, poderia ter mais acesso aos leitores mais jovens. Descreveu todas as ferramentas com as quais eu precisava me familiarizar. No fim, acabei gostando do assunto, estava na hora de ouvir um pouco. Cheguei à conclusão de que ela estava certa. E eu também, por detestar me auto divulgar. Ambas tínhamos razão, eu teria de seguir com as minhas escolhas e aceitar o mundo como ele estava. Tomás não estava tão entusiasmado quanto ela em exaltar as possibilidades de utilizar as ferramentas das mídias atuais e redes sociais, etc., mas concordava com essa realidade inexorável. Ele mudou de assunto bruscamente, falando sobre a manifestação nas ruas, na noite anterior. Falei que não estava por dentro e ele suspirou. Os dois pareceram querer expressar sua incredulidade com a minha falta de noção da realidade.

Assim que eles fossem embora, pensei, eu iria para o computador escrever. Não. Eu estava no momento primitivo, na Remington amarelo-queimado. E ia prosseguir daquele jeito até desencanar com a literatura.

Lembrei de perguntar se queriam beber algo. Fui para a cozinha e Lavínia também se levantou. Ela se espreguiçou demoradamente, mexendo todas as partes do corpo e gemendo levemente. Perguntou onde era o banheiro. Tomás mostrou-lhe. Ela acabou percorrendo todo o apartamento exclamando coisas do tipo “quantos livros!”, “adoro esse filme também!”, “é aqui que você trabalha!”.

Achei boa a sugestão de bebermos um pouco antes de eles irem para a festa de uma amiga. Isso me deixaria mais relaxada. Já não sabia se preferia escrever ou beber. O que era a inspiração, afinal? O motivo pelo qual eles achavam interessante estar ali comigo eu ainda não sabia. Dei uma long neck para o Tomás e abri uma garrafa de vinho para Lavínia. Servi seu copo e peguei a minha garrafa de cerveja. Brindamos. Observando as expressões de Lavínia, tão espontâneas, e as covinhas do lado de seus lábios, tive de aceitar um certo desânimo da minha parte por não ter podido falar sobre Diego. Tomás perguntou se eu tinha um violão em casa. Respondi que não, nunca tocara violão.

“Minha mãe falou que você e alguns amigos tinham uma banda.”

“Sim, há séculos. Era uma brincadeira. Hoje em dia eu tenho um estúdio, alugo as salas, sabe”, falei.

“Bem, já é alguma coisa. Que tal uma música agora?”

Ele foi até o aparelho de som e ficou observando meus CDs.

Ouvi os primeiros acordes do baixo, depois a bateria. *Psycho killer*.

Lavínia levantou do sofá e desabotoou sua blusa. Estava vestindo uma espécie de malha de dança por baixo. Mexeu os ombros para frente e depois para trás, girou a cabeça e depois o quadril, e enquanto a música tocava ela entrava na melodia aos poucos, com todo o corpo, atraindo a nossa atenção. Então, ela abriu um espaço no centro da sala, arrastando a mesinha – a qual senti um prazer ao ver ser arrastada –, afastando a poltrona e empurrando o grande sofá com as pernas. Levantei e empurrei a minha poltrona. Seus gestos pareciam aleatórios mas também seguros, e todo o seu corpo encarnava uma expressão vital de dançarina. Na verdade, ela também fazia alguns movimentos de balé clássico, mas eles surgiam entre outros movimentos quebrados, improvisados. Tomás sentou mais afastado, na mesa de jantar, e bebia vinho agora, no cálice dela. De novo senti o calorão. Começando nas costas e trazendo o suor para as têmporas com uma rapidez impressionante. Abri a porta da sacada e depois escancarei os vidros da sala. Ali, na janela, inspirei o ar que supunha ser fresco porque vinha

da rua, mas não, era uma noite abafada. A dança de Lavínia exaltava sua personalidade; tudo o que ela não mostrara na conversa aparecia ali. Giros perfeitos de 360 graus. Alternava passos e movimentos de dança do ventre com o balé clássico. Recordei de um sonho que sonhara dias atrás. Ela dançava. Mas eu podia voar. *Ce que j'ai fait, ce soir-là, ce qu'elle-à dit, ce soir-là, réalisant mon espoir, je me lance vers la gloire, okay...*

Tomás me chamou fazendo um gesto com o seu dedo indicador, algo como “venha aqui”. Sentei e observei meu apartamento de um jeito diferente, ao escolher a cadeira do lado dele ao invés da habitual. O apartamento não era pequeno, e a sala, espaçosa, com uma mesa de jantar e ainda um local para sentar, ouvir música e ver filmes, essas coisas, e onde Lavínia dançava naquele momento. Meus quadros, tão minuciosamente escolhidos com o Felipe, não me davam nenhum prazer. As poucas esculturas, duas no chão e quatro na estante, embora de bom gosto, e mesmo eu sabendo que eram objetos de arte, me causavam pavor. Era tudo uma repetição da minha tentativa de ser uma pessoa de bom gosto. Onde eu estava com a cabeça quando comprei aquela máscara africana, extremamente pesada, e que em todas as casas de artistas que eu ia via algo semelhante? Desde que eu sentara ali, permanecera absorta nos meus pensamentos enquanto acompanhava a voracidade da dança, capturando todo objeto inútil daquela casa. Depois, me transportei para as emoções, escamoteadas por mim, até aquele instante. Dezesesseis anos dormindo na mesma cama. Sentir a respiração da pessoa todas as noites. Mesmo se não houvesse desejo e ainda que depois do tédio, ali se encontrava minha vida. Os pés poderiam se encostar durante a noite. E se viesse uma tempestade na madrugada silenciosa, poderia me agarrar num corpo íntimo, quase como se fosse o meu. O hálito, o suor, as cuecas velhas. O ronco suave, os pesadelos. Se meu coração disparasse, alguém estaria ali. Se quisesse falar mal da humanidade, alguém estaria ali. Contar um sonho, detalhe por detalhe, dividindo uma sensação em outra dimensão. Sentar na frente da televisão e não querer morrer por isso. Planejar a janta e o almoço. Se divertir em festas de casamentos que, você sabe, não perdurarão. Se divertir em formaturas, das quais você sente pesar. Saber que a outra pessoa vai colocar a música certa para te agradar, se ela quiser. E se aquele não é mais o seu som favorito, ao menos, foi uma vez. Uma pessoa esquisita que nem você, que tenha assistido ao *Enigma de Kasper Houser* e compreenda o que isso quer dizer.

Eu tinha de exorcizar a lembrança de Felipe.

A pontezinha que fora branca um dia, ainda se mantinha de pé; fui a primeira a me arriscar. Todos me olharam para ver se eu caía soterrada. Mas Diego nada falou, e isso me deixou na dúvida, só que me levou a percorrer a ponte sem demonstrar receio. Ela parecia algo aleatório no meio de um pátio enorme. Alguns peixinhos resistiam ao abandono em uma água que mais parecia lama. Vi uma estátua do Buda, e mais além, uma pequena capela. No final do jardim, antes da floresta, havia um muro de pedras, alto, e um arco com um portão de ferro. Diego nos falava detalhes sobre seus ancestrais, naquela família todos haviam sido batizados dentro da igreja católica, com água benta e tudo o mais. Depois, seu pai, que já era meio cético, virou um ateu pra valer. Perguntei o porquê de o Buda estar ali. Diego riu. Eu vi ele rindo, depois de dois anos sem vê-lo. Ele estava mudado. Daí ele falou que aquele jardim já fora uma trilha de fuga. E aquele “parque” serviu como um disfarce do seu verdadeiro intuito, em meio à violência militar. E havia os fascistas de um lado e os revolucionários do outro, e estes, procuravam se esconder, até partir clandestinamente. Ele surgiu com um assunto interessante para nós, que éramos alienados em relação à política.

“Por acaso aqui na nossa cidade isso acontecia?”, a Su perguntou. E antes que algum de nós respondesse àquela pergunta absurda, ela continuou: “Me poupem, nunca houve nem ditadores nem revolucionários nesse fim de mundo!”

June caiu na gargalhada, e depois encarou Diego. Ela estava querendo há tempos fazer uma pergunta, e fez: “Por que você nunca nos mostrou esse jardim antes? Eu nem sabia dessa coisa toda aqui dentro. Bem, na minha casa eu não levo ninguém porque meus pais são um saco. Mas se o seu pai era um cara de esquerda, imagino que seja um cara legal.”

“Ele é um cara legal. Com os outros.”

Diego possuía algo a mais do que a maioria das pessoas que eu conhecia, sempre querendo usufruir da vida aquilo que ela tinha pra lhe oferecer, e no entanto existia *um não sei o quê*, uma espécie de descontentamento perseguindo a sua existência. Enquanto eles seguiam a caminhada até o portão, eu parei subitamente. Observei eles se afastando e senti vontade de ficar para trás. Algo começou a me afligir, como uma tortura delicada, e deduzi, *aquilo era por causa dele*. Virei de frente para o Buda de concreto. Aquela paz de espírito que emanava daquela posição corporal com as mãos pousadas nos joelhos, sem intenção de movimento; os olhos eternamente fechados olhando para dentro de si, e dentro de si o universo.

Diego veio até mim.

“Por que ficar sozinha em lugares onde acontecem coisas estranhas?”

“É o eco do meu próprio pensamento que ouço, e o silêncio”, respondi. Não tentei impressioná-lo, porém ele exercia esse fascínio sobre mim, de me levar a querer filosofar.

Na manhã seguinte ao retorno inesperado de Diego, e à visita a sua casa, acordei antes do relógio disparar. Ainda sentindo a mente paralisada no infortúnio daquele descanso, no qual um terrível pesadelo cheio de cor vermelha ilustrava todas as cenas. Fiz um esforço e recordei, não era sangue e sim uns olhos demoníacos me espiando. Como se estivessem por trás do sonho, ocultos, e rondando a minha existência onírica. Eu fugia por uma estrada estreita e a todo momento olhava para trás, qualquer coisa estranha me seguia e era perigoso. Tinha de fugir e não podia parar um segundo para respirar ou decidir-me por alguma estratégia de fuga, não havia chance para isso; de todos os lados ouvia ruídos que me amedrontavam e aqueles olhos de sangue apareciam entre a paisagem e para qualquer lado que eu virasse lá estavam eles, onipresentes. Então, depois de um tempo, que parecia longuíssimo durante o sono, consegui encontrar um lago aparentando ser tranquilo e de água cristalina, e tudo em volta transmitia pureza e harmonia. Num alívio, parei de sentir aquela perseguição. Respirei profundamente, a jornada acabara, estava envolta numa repentina calma, e até os passarinhos nas árvores entoavam melodias agradáveis. Fui colocando as mãos devagarzinho na água fresca, deliciosa. Aproximei o rosto do espelho d'água. E me surpreendi quando vi, ali estavam os olhos vermelhos; o demônio era eu.

Ajeitei o travesseiro no encosto da cama e levantei a cabeça. Meu corpo estava quente, mas eu não tinha febre e nem estava gripada. Uma moleza vinda do sono ainda permanecia. Resolvi me acariciar, sentir meu corpo que estava quente, tocá-lo como se eu não fosse eu mas uma outra pessoa. A história traçada à minha volta, nas paredes, tinha seus primórdios numa tentativa de viver fora dali. Do lado da minha cama eu vinha cultivando aquelas imagens. E como se estivesse num santuário, ao acordar ou antes de dormir, fazia uma prece para aqueles desavisados santos. Porém, eles não me impediam de continuar me excitando, descobrindo pontos de prazer ainda desconhecidos. Olhei bem para o espaço reservado para as figuras célebres. Nenhuma delas parecia desgostar dos meus desejos. Jim Morrison, em suas calças de couro justas, e os cabelos nos ombros. Patti Smith, de gravata e suspensórios, toda enigmática. Matt Dillon, em cima de sua moto no *Selvagem da motocicleta*. E o calor nas minhas têmporas e nos lençóis fluiu para os pés e minha coluna se esticou, cheguei no limite, aprendera enfim a me dar prazer.

Queria adivinhar a minha sorte naquela semana. Provas finais, pouco dinheiro, Diego na cidade. Veio à minha mente a possibilidade de Sara ser realmente uma cigana. Observei as linhas das minhas mãos. A sorte podia ser algo bem duvidoso. Aproximei meus dedos do meu rosto, respirei fundo aquele cheiro que veio de dentro de mim, agridoce, argiloso. Os dias que

faltavam para o fim daquele ano letivo pareciam feitos de ferro. Sim, porque já sabia, e não tinha como fingir, se acordei numa segunda-feira, ainda eram uns doze dias até as notas finais. E, se somasse as prováveis recuperações, então teria de começar a me acostumar com a ideia de ir até o natal naquela função tardia, de estudar para passar de ano na escola.

Mas afinal, ao escrever as minhas impressões sobre o passado, e transformá-las em personagens, criando enfim um livro compacto, com nexos, e de certa maneira também, impetuoso e difícil, não adiantava mais dar muita importância para as dúvidas. Ao menos, não cem por cento. Se alguma dúvida surgisse, eu teria de domá-la com o fogo das ideias, com o apaziguamento de meu ego de escritora, parcialmente satisfeito. E eu aos poucos iria absorver a morte de Diego. Engraçado, quando as pessoas morrem parece que sentimos a falta delas de uma forma exasperadora, mas antes de elas se irem, não as víamos mais, e tudo bem. A possibilidade de talvez um dia rever uma pessoa. A certeza de nunca mais ver alguém. Teria sido isso o propulsor de uma retomada de minha prática adormecida? Seria mais difícil lidar com as neuroses da escrita ou com a impotência do vazio? Aquele vazio sem as palavras para explicá-lo, tornando-o um abismo impossível de olhar, uma sensação de fim sem saber ao certo o que está quebrado, onde estamos e qual o sentido da vida. A natureza existe para glorificar esse vazio. Porém, eu já tinha o conhecimento de minha alma correr junto com as palavras mesmo que eu desse menos importância a elas do que a uma árvore, e ainda assim, essa árvore seria descrita por mim.

Abri a porta e dei um “oi” voltando as costas rapidamente para Lisa e pegando uma caneta e um caderno velho. Coloquei as frases aos poucos ali, naquelas linhas fininhas de caligrafia escolar, e elas saíam como se fossem a salvação da lavoura. Como se transformassem o mundo. Estrelas lindas naquele momento, e depois talvez, cortadas como se ceifa uma erva daninha. Isso era a única saída para mim. Escrever, ceifar, preservar, ceifar, escrever... Então lembrei, eu mesma havia chamado a Lisa para podermos organizar a contabilidade do estúdio. Só precisava de mais alguns segundos de imortalidade e iria para o outro caderno, o da sobrevivência econômica. Pedi para ela aguardar um pouco, que já faríamos a nossa reunião, e avisei que tinha uma torta de chocolate e morango na geladeira, e que ela poderia preparar um chá para nós.

“Você não pode estar falando sério”, disse Lisa. “Onde foram parar os quadros e as esculturas?”

“Coloquei tudo em caixas de papelão que peguei no supermercado, e vou dar. Mas, por favor, não me peça nada. Não quero mais ver essas coisas.”

“Olha, sobre o Facebook acho perfeito. Você saiu daquele mundinho imbecil, tudo bem. Mas como escritora, é necessário ao menos fazer uma fanpage. Agora, jogar fora a máscara africana? E os quadros?”

“Eu preciso mudar, Lisa. Quero sair de dentro dessa prisão que eu inventei pra mim mesma”. Cheguei a enxergar as minhas palavras voando em torno de nossas cabeças. Tão chavão, tão banal, e muito verdadeiro.

Na questão da casa, eu estava determinada. Me desfazer de tudo que representasse uma vida de casal; mas sem mais aquela raiva inicial. Ao contrário, fui sendo absorvida por certo estado de espírito de novidade, liberdade. Claro, com altos e baixos, mas se encaminhando para qualquer coisa diferente. Sobre minhas radicalizações com a era digital, aí eu sabia, podia ser temporário, mas necessário. Tão necessário quanto respirar. Eu fiquei completamente absorta pela vida virtual durante um tempo razoável, o suficiente para compreender aquilo tudo. Agora já vestira a camisa vermelha da revolução. Eu estava num estado de alerta, nada mais eu aceitava como algo “natural”. Percebera a questão da velocidade munida com a ignorância. Depois teve aquele lance com as redes sociais, *eu estava lá mesmo não me sentindo mais lá*. Quando comecei, fiquei bem perdida, depois curiosa, depois ansiosa e por fim fatigada. Precisava argumentar somente com meu cérebro. Até que eu conseguisse usar o sistema a meu favor e não ser usada por ele. Estava me acostumando com a ideia de que a internet, essa teia infinita, era o caminho mais livre do nosso milênio. Ali podíamos criar situações, manifestações, pensamentos, onde todas as vozes seriam ouvidas numa sintonia sem líderes. Mas o problema era o que vinha junto. Propagandas impregnando tudo. E o controle das empresas de comunicação virtual. A falta de foco. A quantidade de informação e pouca reflexão. E o pior, e aí eu já dera início àquele caminho sem volta, era pensar seriamente na existência dos illuminati. Estavam nos rastreando. *Eles*. Eles quem? Pois bem, *eles* sabiam as marcas de chocolate de que eu gostava, os homens que eu achava bonitos, os filmes, as músicas, as botas, as férias, os livros, os cortes de cabelo, henna para cabelos escuros, *Talmude* traduzido, kibutz que ainda existiam, fronteiras, apocalipse, graal, cálices para vinho, Grécia antiga, feminismo radical, crítica à sociedade evangélica, filmes eróticos, passagens para o Egito, Itália, Santa Catarina, Irlanda e Escócia.

Olha, acho que aconteceu assim mesmo, me ocorreu sair um pouco disso, como sempre acabava fazendo; estava no meu sangue. Ninguém consegue ser leve escrevendo sobre o passado.

Me dispus a cumprir meu plano de passar de ano na escola, apesar da minha preguiça duradoura nos últimos meses. Eram as provas finais e eu estava por um triz. Sei que fiquei boa parte dos dias em casa, revendo as matérias que imaginava fossem cair nos exames, isso porque eu não tinha anotado muita coisa, na verdade não tinha nenhum caderno completo, então precisava contar com a minha memória e aqueles livros difíceis de extrair qualquer interesse da gente. A Su aparecia para estudar e só piorava a situação. Ficávamos divagando e rindo sobre os conteúdos dos livros; em outros momentos, olhávamos com desânimo para eles, como se fossem algemas. Me perguntava se algum dia em toda a minha vida eu usaria aquilo. Afinal, por que eu precisava saber a fórmula da relatividade? Ah, “tudo é relativo”, diziam, e com isso julgavam conhecer a teoria. *Tudo era relativo* na padaria, no ponto de ônibus, na fila do banco, na compra de um vestido de festa, nos casamentos deteriorados, na exaltação do dinheiro, na pobreza. Aborto não era relativo. Ser ateu também não. E por que raios eu deveria decorar a data da Queda da Bastilha? *Bastilha?* Mas bem, eu estudava porque existia um bom plano por trás disso. Se eu terminasse o segundo grau poderia dizer, com orgulho, para a minha irmã, quando ela surgisse de repente, que eu poderia ir com ela para qualquer lugar, porque afinal eu ao menos seria capaz de conseguir um bom emprego. Uma faculdade no exterior me agitava por dentro; antes era unicamente por causa da Eve e da minha fuga fantástica junto a ela. Só que, naqueles dias, começou a tomar uma dimensão de superação. Queria desafiar o Diego, que acabara de chegar da Itália, e ir eu também, para longe, com a desculpa de estudar em uma universidade. Sentia um prazer incrível ao me imaginar indo embora da cidade, antes dele. Virar as costas para ele, dar um “tchau” casual. E por outro lado, queria sentir suas mãos nas minhas costas, abraçá-lo.

Diana passou os dias fora, naquela semana, o que me ajudou a permanecer em casa. À tardinha ela chegava em casa e eu saía, de preferência antes do Abel dar as caras. Ele estava num “emprego honesto” agora, e por isso só podia aparecer depois do expediente. Esse fato, dela sair para a rua, estava diretamente ligado ao retorno de Abel. Isso a deixava cheia de vontade de se arrumar e resolver uma porção de coisas pendentes. Me irritava mamãe ter ímpeto para tratar de assuntos urgentes somente quando aquele infeliz aparecia. Agora, ele

estava “salvo”, porque parara de beber. Meu medo era o próximo passo. Se os dois resolvessem entrar para alguma religião fanática, eu jurara para mim mesma que iria insistir para que voltassem a beber. Quando ela chegou eu já estava de saída. Da cozinha ouvi o barulho de chaves. Aquele seu gesto tão conhecido, de largar as chaves na mesinha do corredor de entrada da casa, dentro de um cinzeiro azul de cristal. Encontrei-a observando o seu reflexo. Passou os dedos pelos cabelos que caíam por cima dos ombros, ajeitados com as pontas viradas para fora, alisados. Por um instante, ela me lembrou a personagem de um seriado de televisão a que eu assistia, quando criança; uma feiticeira moderna que fingia não ter poderes para viver entre as pessoas comuns. Suas unhas ainda lixadas e longas, com o esmalte vermelho. Porém, existia a lembrança de seus dedos manchados de tinta acrílica, apesar daquelas unhas. Aquele senso crítico que somente nossos pais provocam na gente, como se quiséssemos destruir o elo indestrutível, entre nós e eles, me fez falar:

“Foi ao cabeleireiro de novo? Na geladeira só tem um litro de leite e um presunto podre.”

Ela sorriu. Estava de bom humor. Eu não. Então, mudando de assunto, como de costume, perguntou se eu havia arrumado meu quarto, porque fazia quase um mês que o caos estava instalado lá dentro, segundo ela. Fui saindo com uma esperança vaga de ir bem na prova de física, e mais vaga ainda sobre a possibilidade de mamãe sair daquela vidinha medíocre. Falei antes de fechar a porta, “você sabe né, elas nunca mais estarão totalmente limpas”. Ela fez uma cara de quem não entendeu nada. Daí eu gritei, já da rua, “as unhas!”.

Depois da escola nos encontramos no cemitério que ficava perto do centro da cidade, e àquela hora estava vazio. À direita da entrada, podia se ver uma parte da mata que percorria todo o distrito. As árvores iam se afastando de nossa visão, acima das lápides, e formavam uma sombra densa, mais escura que a noite. Do outro lado, onde algumas luzes ao longe vibravam inconstantes, vindas dos postes de luz, via-se a rua de asfalto. Respirando fundo, dava para sentir algumas flores ainda frescas; visitas recentes, dedicação dos vivos às memórias de quem havia partido dessa vida para outra dimensão, ou mesmo, somente penetrado na terra. Encontramos uma túmulo que possuía uma cruz enorme, lembrando imagens de filmes de terror. Era para ser uma aventura e não uma profanação, e discutíamos sobre isso com bastante fervor. Embora “não profanar” fosse somente um medo não revelado de fantasmas. June comentava que jamais desejaria ser enterrada, fazia questão de ser cremada. “O fogo nos consome e nos leva para longe. Não quero deteriorar aos poucos, com aqueles vermes me comendo por dentro”, disse.

Diego assobiou no portão. Nos assustamos e a Su deu um pulo para trás. “Sou eu”, ouvimos. Depois do barulho provocado pelo seu corpo, escalando o portão de ferro e passos no cimento irregular, logo vi o seu vulto. June acendeu um cigarro e ofereceu para o Pablo, que pegou um. Os dois juntaram as cabeças e as brasas destacaram-se naquele breu. Diego trazia um toca fitas com ele, e isso me agradou. Ele disse, “a ideia não era uma noite *Pet sematary?*”, e apertou o play. Começamos a ouvir os primeiros acordes da música que conhecíamos bem e, logo em seguida, a voz estranha e gostosa de Joey Ramone preenchia a noite com certa animação, apesar do lugar.

“Quem teve a ideia de vir pra cá?”, Diego perguntou, “você fazem isso sempre?”

“Você já leu *Cripta do terror?*”, June perguntou.

“E Baudelaire?”, perguntei.

Todos ficaram surpresos porque eu pronunciei um nome em francês, que ninguém sabia que eu conhecia, e eles nunca tinham ouvido falar. Mas Diego sorriu e disse, “*As flores do mal?*”.

A sensação de ter rejeitado, nos últimos dois anos, os livros na pequena biblioteca de papai, me pegou de jeito. Senti que estava em dívida com ele. Afinal, foi lá a primeira vez em que vi esse nome tão estranho para mim, vindo de um lugar distante. Na época, eu pronunciava Charles como se fala em inglês, e o Baudelaire era quase um português. Foi Pedro, o namorado de Eve, que me ensinou a pronúncia adequada para uma pretensa conhecedora de poesia francesa.

Pablo subiu no túmulo e colocou os dentes caninos para fora. Diego tirou a fita cassete que estava tocando e pegou outra do seu bolso. Pelo que notei, ele trazia consigo umas seis fitas cassetes, três em cada bolso do casaco. Estava quente e ele, de chapéu de feltro e paletó, que pareciam antigos. Então, de repente um som, que nunca mais esquecerei a primeira vez em que o ouvi, começou a reverberar no ar, feito sinos de igrejas, invadindo nossos sentidos, quando menos esperávamos. Pablo arregalou os olhos fingindo espanto e perguntou, “que é isso?”

“*Tocata e fuga em ré menor*, do Bach.”

Olhei para o céu tantas vezes naquela noite, buscando as estrelas e a lua, e tão intensamente. Quem, em seu pleno despertar da juventude, não carrega esse espírito sonhador e ambíguo, ainda por se decidir se pertence a esse mundo ou a um outro, deixado aos poucos para trás? Meus instintos poéticos destruíam algo dentro de mim e, logo em seguida, me alimentavam. Com o passar dos anos fui percebendo que eles existiam mesmo sem eu pensar neles.

II

VERÃO: SEGUNDA PARTE

Ditirambos

As luzes sumindo devagarzinho, e acabei relaxando os ombros, deixando a cabeça se apoiar na cadeira. Desprendi os cabelos e desfiz o coque. No escuro, o perfil de Tomás adquiriu um tom de maturidade, mas tenso. Ele parecia estar sempre pronto para uma batalha. Seu nariz anguloso e longo lembrava o de seu pai, só que mais acentuado. Na verdade, deduzi naquele instante, Tomás era bem mais mal-humorado que Diego e isso ficava mais evidente quando eu o observava sem ele me ver. Um feixe de luz, vindo de um holofote grudado no teto, iluminou uma cadeira no centro do palco. Atrás da cadeira, aos poucos, uma imagem foi sendo revelada conforme as luzes invadiam a cena. Um bailarino entrou e sentou de costas para nós, diante da pintura na qual se notava uma espécie de corredor sem fim. Foi como se algumas palavras *entrassem em mim*, mesmo com a cena tendo apenas música. Naqueles dias, eu andava com um bloco de anotações, tentativas de resgatar a minha inspiração. “Você está se divertindo com essa sua nova fórmula de escrita, não é?”, disse Tomás. Atrás de nós, alguém fez aquele som que significa “calem a boca”. Resolvi, ao menos prestar atenção no espetáculo. Avistei Lavínia, no canto esquerdo do palco. Seu rosto tomava uma proporção quase trágica, e achei engraçado, porque ela não conseguia expressar aquele tipo de sentimento. Seus olhos estavam camuflados de pintura escura. Aos poucos, percebi se tratar de um espetáculo sobre pintores. As pinturas eram representadas por dançarinas e dançarinos e a imagem, projetada no início da apresentação, ia se transformando diante de nós, dentro da tela. Lavínia incorporava a Frida Kahlo. Sua coluna mexia como se fosse uma serpente no chão e depois esticava, de forma abrupta. Outras bailarinas juntaram-se a ela e reproduziam sensações através de seus corpos em movimentos, enquanto as imagens tratavam da biografia da Frida. Era bonito ver a dança e, no entanto, me desagradava o roteiro, achei-o infantil. E sem querer, de repente vi Eve na sua primeira apresentação em um palco. Ela e sua amiga

Raquel, e eu bem atrás, com medo de que tudo desse errado. Seguindo a ordem do panfleto sobre os esquetes, a próxima seria *O vestido vermelho*, e então eu veria Eve, atuando para aquela plateia. As duas tinham se posicionado em um ângulo bom para a minha visão, apesar das pessoas à volta do pequeno tablado, e eu podia enxergar a parte superior delas, da cintura para cima, e as expressões faciais. Devia haver umas cem pessoas assistindo, e aquilo podia ser chamado de um retumbante sucesso no meio artístico daquela cidade, e viajáramos quatro horas para sentir aquele gosto. As batucadas silenciaram e a luz no pequeno palco foi aumentando. Eve “sentia na garganta o coração”, ela contou depois.

Quando retomei a atenção para a cena real, duas bailarinas e dois bailarinos rodopiavam no palco, simulando quedas para, logo em seguida, levantarem, e então voltarem a girar até caírem outra vez. Por fim, ergueram-se do chão e ficaram estáticos, diante dos semblantes comovidos do público. Vi Lavínia ainda com a imagem de Eve tão presente como eu me chamava Janine.

Na saída, eu me perdi de Lisa e resolvi parar ali mesmo onde estava, atrás de uma viga perto da porta de entrada do teatro, e deixar para cumprimentar Lavínia em um outro momento. Vi Tomás entrando no camarim. Era melhor seguir com o plano de fechar a boca e não comentar nada sobre o espetáculo. Me diziam, quando eu era criança, “em boca fechada não entra mosca”, e eu sempre abria a boca e *as moscas entravam e faziam uma zona lá dentro*; as palavras saíam sem nem passar pela cabeça antes, parecia.

Puxei meu bloco de anotações e me encostei numa parede, para ler. Às vezes, eu tinha a certeza de que a literatura era um entusiasmo que surgia do tédio.

Coloquei a minha camiseta favorita, abrindo um sorriso do nada, antes mesmo de ver o efeito no espelho; era engraçado estar rindo à toa. Essa consideração, ao invés de me lembrar que podia estar sendo uma idiota, me trouxe diversão, daquele tipo de quando somos crianças e estamos nos arrumando para passear com alguém que mereça a nossa felicidade. Embora fosse velha e usada, ela parecia me representar mais do que nunca, como um emblema de personalidade. Fiz um risco preto, passando pela linha superior dos olhos, quase até o fim das sobrancelhas. Nos lábios, nada de cor, nem nas bochechas, seria patético tanta transformação. Vi uma espinha nascendo, decidi espremer. Sempre surgiam antes de vir a menstruação. Olhei as horas, estava atrasada. Dividi o cabelo com pressa, para fazer duas tranças que serviam

para segurá-lo, durante as idas e vindas em cima da moto. Perfume?, pensei, mamãe tinha uns bons. Achei melhor não, podia dar a impressão de eu ser uma garota fútil. Mas mesmo naquele instante, tive consciência de que aquela decisão era superficial, porque eu sempre gostara de perfumes, de todos os tipos, até daquelas colônias baratas vendidas nos mercados. No entanto, segui o plano de disfarçar meu desejo de estar sexy. Peguei a jaqueta no chão, a chave da moto, e sai do quarto.

O balcão debaixo da pia estava se desfazendo, tudo ali estava em desordem, mas o estojo de maquiagem teria de retornar para o lugar de onde viera. De jeito nenhum queria que pegassem no meu pé. Cheguei a ouvir a risada debochada de Abel, se me visse com um estojo de maquiagem. Ele sempre me chamava de “garota selvagem”, e eu gostava que fosse assim. Me dei conta da quantidade de comprimidos para dor de cabeça que ainda estavam por ali. Fazia tempo que não era eu a pegá-los para mamãe.

Ninguém no corredor. Ouvi conversas que vinham da televisão. Um diálogo dublado. *Se você me amasse, saberia do que estou falando. Não me fale em amor, seu ingrato. Desculpa, Érica, eu estava confuso, sabe como são as coisas por aqui, muita pressão, e se você visse... Suma da minha frente (sons de choro dramático numa voz feminina seguidos de um som de porta batendo) Érica! Érica!*

Puxei uma garrafa de vodca do congelador, a única, e pela metade. Eu já não era aquela criança que buscava remédios para a ressaca dos adultos.

“Meninas do interior têm duas perguntas constantes em suas cabeças: como vamos nos divertir hoje e o que vamos comer.”

“Sobe aí. Termina essa porcaria antes.”

Ela começou a criticar a maquiagem nos meus olhos, dizendo estar malfeita. Eu respondi que não estava nem aí. Mas ela também pouco se importou com a minha opinião sobre eu mesma e já foi desfazendo as minhas tranças. Cuspiu em seu dedo indicador e passou na linha pintada no meu olho direito, enquanto, na outra mão, segurava uma rosquinha mordida, que ela enfiou na boca de uma só vez. Senti que havia açúcar no meu rosto e passei a mão para retirá-lo; ela gritou comigo, dizendo que iria borrar a maquiagem. Então, fiquei parada e deixei ela tirar o excesso de lápis preto dos meus olhos. Depois, meus lábios foram pintados com um batom de cor mate. Observei aqueles seios se projetando num decote na minha direção. “Qual é o número do teu sutiã?”, perguntei. Ela fez uma cara de deboche, louca pra dizer um monte de coisas, que eu sabia serem sobre a pessoa que eu era e a que estava sendo.

“Agora você se interessa por essas coisas, é?”, disse ela. E depois de uma pausa ridícula, “quarenta e quatro.”

“O meu deve ser trinta e oito então.”

Enquanto ela guardava alguma coisa na sua bolsa e procurava uma outra lá dentro, eu me distraía com o movimento na rua. Uns carros iam, outros vinham, um caminhão cruzou outra rua lá atrás, dois meninos de uns doze anos atravessaram na nossa direção e seguiram calados, um senhor idoso abriu um portão baixo e foi até a caixa de correios, que ficava do lado de fora da casa, e enquanto ele voltava, demoradamente, voltei a olhar para a Su. Ela ainda mexia em sua bolsa, vasculhando tudo lá dentro, e falava sobre o Cris. Dava pra notar que seus lábios pequenos eram bem delineados e tinham o formato de um coração. Os olhos lânguidos de um azul hipnotizante. Seu cabelo castanho-escuro, tinha um corte em camadas, deixando-o mais volumoso. Então, ela subiu na moto.

Segui pela avenida principal, queria ir mais rápido. Aquela seria a festa de encerramento do ano escolar e estava sendo promovida pelo grêmio estudantil da escola. Ainda estávamos em época de prova, mas eu comecei a achar que poderia festejar, porque só me faltava uma prova de recuperação. A banda do Cris não iria tocar, porque “o evento era muito amador”, mas teria música, isso era certo, e eu conhecia o DJ, um garoto da sétima série que gostava das mesmas bandas que eu. Eu também tinha a certeza de que o Diego iria, porque ele fora convidado por todos nós e estávamos bem íntimos dele, éramos uma turma de cinco, agora.

Lá pelas três da manhã, comecei a recusar bebida. Fechei os olhos e fui imediatamente transportada para uma fantástica sucessão de cores acompanhadas de um zunido agudo, dentro da cabeça. Sopraram ar na minha cara, seguido de risadas. Era a June. Ela chegou mais perto e fez uma careta.

“A Jan não sabe beber de verdade”, disse.

“Ah, você bebe melhor, tudo bem, mas quem é melhor em cima de uma moto, hein, me diz...”

Me encostei na parede e fui descendo devagarzinho, empurrando as costas no concreto até encostar a bunda no chão, enquanto via ela se afastando, misturando-se com o amontoado de pessoas em movimento, na pista de dança. Reconheci o Diego. Sentou ao meu lado depois de fazer o mesmo esforço que fiz, para não cair. Ao falar com ele, percebi a minha língua letárgica e as palavras trêmulas.

“Não preciso de ajuda.”

“Não vim ajudar, também bebi demais. Gostei da tua blusa.”

“É da capa do disco...”

“*Raw power.*”

Ficamos olhando para a animação do grupo que resistira, dançando e continuando a beber, como se a noite não tivesse fim. Ao virar a cabeça levemente, na tentativa de observar meu estado geral, vi o rosto dele, bem perto do meu. Seu perfil me agradou, e aquele olhar absorto e concentrado, tentando voltar à normalidade, me capturou para dentro de uma onda de sensações eróticas e emotivas. Ele possuía um estado de espírito bem-humorado, ao mesmo tempo que uma seriedade impressionante. Fiquei com vontade de conversar.

“Quem é virgem com dezessete anos?”

“Eu era.”

A resposta dele me agradou, mas mesmo sem muita noção da realidade, naquele momento, deduzi que, no outro dia, eu não pensaria da mesma maneira.

“Vou nessa”, falei.

“Vou com você, quer?”

“E por acaso eu tenho cara de menininha desamparada? Desde quando preciso que me acompanhem, poxa!”

“É que eu acho que não é uma boa sair de moto agora...”

Fomos saindo, ainda meio tontos e por isso, tão próximos. O sol já aparecera, uma luz meio rósea meio amarela pairava num céu calmo.

“Ah, eu pego a moto depois”, falei.

No meio do caminho passávamos por uma espécie de fazenda, e fui atraída para uma cena que num primeiro momento, não identifiquei o que era. Então, vi dois homens segurando um animal grande e inerte. Meu olhar foi em cheio no movimento do facão cortando o pescoço de um boi. Em menos de um segundo, outro corte. A lâmina correndo firme enquanto o sangue jorrava. Diego havia parado também e estava num misto de curiosidade e indignação. Ficamos olhando para aquilo. O sangue se espalhava pelo chão, e um cachorro, vindo lá de trás, aproximou o seu focinho e lambeu aquele sangue. Uma vez, depois outra, e mais outra. Me afastei de Diego e vomitei. Quando levantei o rosto, ele sorriu, consentindo o meu ato. Fui falar algo, mas tive de me afastar, longe do vômito anterior, para vomitar outra vez. Daí, ele disse para eu sentar na calçada que ele já voltava. Tentei limpar meu rosto com a parte de baixo da minha blusa, e depois preendi os cabelos. Sentei no cordão da calçada, achando normal se ele nunca mais aparecesse por ali. Alguns minutos depois, avistei-o com uma garrafa de Coca-Cola.

“Essa porcaria é ótima para ressacas.”

Bebi o refrigerante e tentei me recompor.

“Como você era quando criança?”

A pergunta parecia vir do além; muito estranho, mas agradável refletir sobre isso, diante dele. Sempre pensava na minha infância vinculada à minha família. Naquele instante, surgiu uma outra criança. Suja, bagunçada, desamparada e livre ao mesmo tempo.

“Eu nunca fui uma pessoa realista, do ponto de vista da realidade encarada pela maioria, mas eu era, e talvez ainda seja, um bocado fria, o que faz com que a minha análise dos acontecimentos tenha um certo distanciamento, o que seria contraditório com a dita fama de selvagem.”

Ele ficou surpreso. Achei que esse fato se devesse à minha facilidade em falar sobre algo esquisito. Depois, me perguntei se a surpresa, estampada em seu rosto, não poderia ser pelo conteúdo ali alojado como uma armadilha: uma mulher fria e distante, independente dos sentimentos ao seu redor, e o pior, *observadora*. Comecei a rir, tentando desculpar minha natureza, mas já pensando nela de um modo absoluto, como se uma porta se escancarasse diante de mim, e lá dentro, eu mesma. O silêncio dele permaneceu sem nenhum desconforto, porque, nos olhos de Diego, vi uma vontade de me compreender. Esse tipo de coisa, entre duas pessoas em harmonia, o silêncio sendo absorvido sem expectativas de conversas, apenas as horas passando ao sabor dos acontecimentos. Deixei meu olhar pousar nas suas mãos. A luz da manhã sobre as suas veias, feito rios que se encontram e se dispersam.

Veza ou outra eu esticava a coluna e levantava, então aproveitava o intervalo e ia em busca de água ou preparava um café. À noite eu me deslocava da mesa de trabalho até a sacada e da sacada até a mesa. Ficava um pouco de pé, olhava um canto do céu e espiava as possíveis nuvens, a luz indistinta da lua, ou aquelas cores avermelhadas indicando poluição, que dão um clima *Blade runner* para as nossas vidas em apartamentos. Me espreguiçava e gemia, passava na cozinha para comer algo e pegar água ou cerveja, e voltava a sentar. Como estava sem usar o computador e sem celular, durante aquele processo criativo, se quisesse ouvir música enquanto escrevia, tinha de ligar o aparelho de som e colocar um CD. Nada me prendia ali que não fossem as ideias. Dicionário online não podia acessar, e nem o Youtube para ouvir algum som ou investigar sobre assuntos importantes no meu trabalho. Se aparecesse alguma dúvida, e elas apareciam com frequência, não consultava o Google. Teria

de encará-las de frente, sem respostas imediatas. Ou qualquer outra coisa que fazemos na internet, porque sabia, eu sempre acabava desviando a minha atenção em investigações intensas sobre assuntos irrelevantes. As minhas redes sociais, ou estavam extintas, ou eu as deixara para depois do livro terminado. Não queria exaltar o passado e apenas voltar para aqueles aparelhos de décadas atrás, e pronto, estava resolvido meu problema. Como se ouvir um CD, preparar um café na máquina e usar o telefone fixo, não fosse utilizar a tecnologia. Não era algo tão ingênuo; uma outra coisa estava acontecendo comigo. Não chamaria de rebeldia ou crítica e nem mesmo ponto de vista. Em alguns momentos, durante esse primeiro empenho em escrever meu novo livro, eu tive uma experiência estranha; fui sendo levada por um sentimento de que, se eu desejasse, a realidade não existiria, e, se tudo fosse uma ficção, eu poderia pular de uma dimensão para outra, assim como naquele seriado *O túnel do tempo* em que dois cientistas se perdem no tempo e vislumbram épocas diferentes. Ah, como eu queria, quando criança, pular do presente para o futuro, e para o passado depois, e assim seguir, fora desse dilema que o tempo nos impõe. E ainda desejo, e por isso vez ou outra um pensamento místico atravessa a minha razão. Sempre tive a impressão de que o mundo seguia seu curso enquanto nós estancávamos nossas possibilidades de acompanhar esse movimento, que poderiam ser sublimes, e voaríamos através das horas, e elas ficariam para trás, feito um rastro de pegadas desaparecendo, conforme as ondas as vão engolindo. Para encarnar a personalidade apocalíptica é que eu evocava esse sentimento; como se, ao não ultrapassar as possibilidades de uma realidade social, eu preferisse uma fuga sem nenhuma lógica, e para lugar algum. Tudo dentro da minha escrita parecia ter perdido um pouco ao menos da sua necessidade genuína. Um jeito de um novo já visto e revisto e ultrapassado, apesar de “novo”. A empolgação com a máquina de escrever diminuía. Porém, toda a vez que eu aceitava esse fato, do desânimo prolongado independente dos métodos, e apesar das minhas “geniais decisões” de trabalhar no obscurantismo da modernidade serem irrevogáveis, a vontade ressurgia. Primeiro uma sementinha, depois vinha um clarão de percepções. E assim foi, durante um longo período. Deuses e demônios nos rostos debochados de Dostoievski, Clarice Lispector, Jane Austen, Tolstoi, Philip Roth, Herta Müller, Jack Kerouac, Virginia Woolf, Rimbaud, Sylvia Plath, Ana Cristina Cesar... me circundando em suas genealogias mitológicas. Quase uma tortura mental. Nenhuma decisão sobre a história do meu livro se fixava em mim e permanecia por mais de um dia. E junto a esse fato, terrível por parecer ser algo irreversível, uma quantidade de guerras por todo o planeta, brutais, colocadas diante de nós como se estivéssemos comentando algo sobre nevascas, enchentes ou falta de luz. Mesmo sem acessar à internet, as notícias estavam estampadas nos jornais. Como lidar com uma crise

dentro de um mundo de ficção se a sociedade clamava por justiça, algo, aliás, muito mais urgente. Será que eu não devia escrever sobre os presídios lotados, a falta de comida em quase todos os continentes, a escravidão humana em tempos cibernéticos? E a ignorância, o que dizer sobre ela? Ler o Kundera talvez, rever suas críticas quem sabe. Mais uma vez, eu enveredava para o caminho da alienação. E, no fundo, eu sabia, esse era o meu caminho. Então, meu corpo começou a sentir isso. No início, fora minha mente, ela se rebelara primeiramente e depois estancara. Aí, meu corpo passou a ficar menos leve, e estranhamente acelerado. Eu precisava parar esse fluxo ininterrupto e superficial, de fora para dentro, para sentir aquela espécie de *agarramento*. Eu ansiava por me sentir ancorada, embora fosse uma âncora de ideias, e muitas vezes impossíveis. Abriam-se as lojas, as padarias, os supermercados, as farmácias. Tudo tinha um funcionamento, uma utilidade. Ir contra a corrente da vida trivial seria impossível. Sumir no sonho repleto de utopias, para destruir e depois construir, podia ser considerado uma insanidade. Um mito urbano e efêmero. Eu sabia bem como eram essas coisas.

Atravessamos o jardim, e, ao olhar para trás, vi a extensão da grama crescida, repleta de inço, urtigas, ervas daninhas, e a minha calça estava cheia de pega-pega, até os joelhos. Por cima das colunas do alpendre havia um pórtico, provavelmente colocado depois, com relevos de anjos rechonchudos envoltos numa hera compacta, enroscando-se por toda a construção. Esses anjos não eram românticos, parecia que estavam tendo um mau presságio, com suas bochechas infladas e os olhos esbugalhados. Era estranho, mas antes mesmo de entrar na casa, eu já gostava de lá. Pablo tocou duas vezes seguidas na campainha. Depois de alguns segundos, ele fez uma careta de tédio e sentou na escadinha entre o alpendre e o jardim; Su se afastou e foi na ponta dos pés espiar por uma janela. Segurei o trinco na mão direita e senti o ferro gelado ceder ao meu movimento. Ouvei uma música distante, devia vir de algum lugar longe da porta de entrada. Então, enxerguei Diego vindo na minha direção. Ele passou por um largo corredor que desembocava na sala onde eu havia entrado, sem bater e sem chave. Me senti meio ladra meio voyeur.

“Que música era aquela?”, perguntei.

“*Lorelei*, da Clara Schumann.”

Fiquei parada ali na frente dele num misto de indignação e atração.

“*Lorelei* não é uma música do Cocteau Twins?”

“Pois é”, ele disse, “mas essa é outra”.

“Eu nem sabia que Schumann era mulher”, disse Pablo.

Aí, Diego riu e logo em seguida começou a se espreguiçar, como se estivesse acordando naquele instante. Abriu a janela que ficava no centro da sala de estar, e com o rosto virado para o jardim, deu um bom dia. Ao erguer os braços, ele deixou um detalhe de sua barriga para fora da camisa, e o botão da calça estava aberto. Devia ter se vestido correndo quando ouviu a gente entrando em sua casa. Não conseguia tirar os olhos do ventre dele. E depois dos braços. Pescoço. Mãos. Eu percebi, naquele corpo virado para a janela, que eu estava realmente hipnotizada e que aquele era um fato inesperado, uma novidade estranha. Virei o rosto para encontrar alguma escapatória para aquele encantamento.

Passei o dedo na madeira que ia além da fila de livros. Um pé compacto grudou na ponta do meu indicador. Era de admirar, não somente pela quantidade de exemplares, mas pela organização que nada lembrava o sujeito que morava naquela casa e a bagunça instalada ao redor. Como, me perguntei, dentro de toda aquela anarquia, Diego mantinha os livros em ordem alfabética? Por cima dos móveis e no chão, livros abertos, marcados com outros livros, suas capas escancaradas pela casa, e ali tudo retornava para uma ordem rígida e acomodava-se na lógica bibliotecária. Assim se passava com os discos, estavam organizados e, nesse caso, era por estilo musical. Lembro de ter achado agradável isso de um referencial para a mente completamente organizado, como um castelo ordenado por uma população de autores mortos e suas almas vaidosas, mantendo tudo em pompas intelectuais, exibindo sua obra imortal; lá embaixo, as miseráveis rotinas dos armários, cadeiras, mesas, e a aventura dos seres humanos comuns. Aquilo me animou e tentei conversar com Diego num outro nível, como se eu tivesse o direito de *entrar no mundo dele*.

“As melhores ideias podem ser perigosas.”

“Entre o céu e o inferno.”

“O Prometeu moderno.”

Que vantagem ele tinha sobre mim, podendo morar naquele casarão sozinho. Dois anos a mais lhe davam o direito de viajar por todo o país e até para o exterior sem autorização da família. E a família dele, pelo jeito, nem ligava onde ele estava. Disse Diego, certa vez, que o pai o incumbiu de reformar e ajeitar a casa antiga, essa em que ele estava agora. Isso nunca aconteceu.

Passamos o domingo por lá, entre o jardim e a casa. No final de tarde, a June chegou e veio com a proposta de fazermos uma fogueira na floresta. Achamos ótimo, porque isso

prolongaria nossa noite e ninguém queria retornar para as suas casas. Quando ainda estávamos na sala, conversando e ouvindo música, alguém tocou a campainha. Su levantou correndo e foi atender. Era o Cris. Assim, lembro que quando a noite chegou, atravessamos o portão dos fundos. Os galhos foram recolhidos e colocados no centro da clareira. Daí, como sempre acontece numa roda em volta de um fogo, começamos a conversar sobre a existência humana no planeta, e em espíritos além dessa dimensão na qual nos encontramos. Então, June falou que, apesar de tudo, tinha gostado de estudar para a prova final de física, porque compreendera que as fórmulas existem para pensarmos sobre elas.

“Se queremos saber onde um objeto estará no futuro, temos de usar essa aqui...”, ela disse, enquanto simulava um desenho com o dedo indicador no ar.

“Velocidade do objeto dividida pelo trajeto, a distância pelo tempo”, eu disse.

“A Jan decorou a fórmula!”, gritou a Su.

E nos divertimos quando lembramos que estávamos de férias. Mas Diego manteve o ar sério, estava gostando de pensar naquele assunto.

“São coisas que permitem prever o que vai acontecer, e isso é uma loucura, não é?”, disse ele.

“Isso é aquele negócio de Big Bang?”, perguntou Pablo.

O Cris começou a cantar uma música, enquanto olhava para o fogo, como se fosse o momento mais especial da noite. Su entrou na canção e eles se empolgaram.

“Imaginem aquela explosão espalhando partículas por todo o universo...”, falou Diego.

“O Big Bang?”, insistiu Pablo.

“O futuro dessas partículas está traçado. Pobres partículas! Dependem do que já aconteceu antes...”

“Começo a acreditar que o destino existe”, disse eu, interrompendo Diego. Como sempre, eu gostava de aplicar na conversa frases poéticas sem nexos. E, caso tivessem sentido, eram por puro acaso ou intuição.

“E você tinha alguma dúvida?”, me perguntou Diego, olhando nos meus olhos, de uma maneira intensa e cômica ao mesmo tempo.

“Somos feitos de partículas, imagina a trajetória dos pensamentos”, disse.

“Isso me parece determinismo”, a June falou.

“Talvez a consciência surja depois que o cérebro decidiu algo, sozinho”, disse ele.

“É, mas isso aí fala sobre decisões simples como qual o sabor da pizza que vou pedir. As decisões mais complexas são diferentes”, disse ela.

“O livre-arbítrio”, continuou ele, “quanto mais complexo um cérebro, mais liberdade ele tem.”

Ele sorriu e eu quase desfaleci, mas mantive meu corpo e minha mente conectados com a realidade. Dentro de mim parecia que um animal queria se soltar, preso lá dentro e louco para se deixar levar pela noite, pela lua que estava quase cheia.

Na manhã seguinte, acordei antes dele e fiquei observando seu quarto. Com certeza ainda existiam ali vestígios do Diego que eu conhecera dois anos atrás, antes de ele se mudar para outra cidade. Até alguns brinquedos estavam alojados nos cantos de um enorme armário com uma escrivaninha embutida. Vi um coelho de pelúcia, lá no alto, e tive vontade de rir. Observei uma coleção de soldados e índios em miniatura, na prateleira acima da mesa de estudos, e o imaginei brincando com aqueles homenzinhos. Tive a certeza de que Diego, quando criança, fazia de conta ser um índio e não um soldado. Notei alguns livros mais recentes, provavelmente, largados na mesa. Uma mala aberta com roupas dentro e em volta dela. Virei o rosto bem devagarzinho para olhar para ele ali, deitado, em sono profundo. Sua respiração era ritmada e lenta, sem ruídos. Me veio aquela impressão que eu sempre tinha quando via alguém dormindo. Ele parecia meio morto, meio vivo. No entanto, estava vivo. E essa conclusão me encheu de prazer. Sua coxa esquerda quase encostava na minha coxa direita. Fiquei paralisada. Ainda queria observá-lo antes de ele acordar. Era uma experiência enigmática. Os sonhos dele, ali, naquele instante, sobre o que seriam? Quanto ainda restava de tempo para nós dois, antes de ele retornar para a sua família? Pensei no que ele me contara dias atrás, sobre a sua mãe ter estado gravemente doente e por isso a saída às pressas para o país em que ela nascera. O último desejo dela era rever seus familiares e olhar para a paisagem de sua infância. O quarto em que eu estava, aquela casa, os jardins que outrora foram magníficos, ficaram para trás. Os móveis e utensílios também. E os livros. E o pai de Diego nunca mais quis retornar para aquele lugar que remetia à sua esposa. Diego era o mensageiro enviado. Mas esse mensageiro perdera-se na própria missão. Recordei do nome dela. Sim, Diego falara o nome de sua mãe numa voz diferente, como se ela pertencesse a um lugar muito distinto dentro dele, não revelado, secreto e profundo. Com certeza, ele amara a sua mãe. Mais do que eu amava a minha, concluí, e isso me deixou inconformada comigo mesma e com Diana. *Manuela*. Nunca eu a conheceria.

Fiz as contas e concluí que Tomás estava trabalhando nas suas entrevistas comigo, para o seu mestrado, há mais de dois meses. Foi no início das férias de verão que ele me contactou. Isso significava que ele já tinha material suficiente para seguir sozinho. Inclusive, estávamos nos encontrando além das sextas-feiras, como era o combinado. Eu assistira ao espetáculo de Lavínia, tinha ido com ele na biblioteca nacional, mostrara para ele o estúdio que eu e Lisa construímos, para ganhar algum dinheiro; levava-o para conhecer o primeiro lugar em que morei, quando cheguei na cidade, e outras tantas saídas em bares e restaurantes. Durante esse período, ele não me disse quase nada sobre o Diego, alegando que, primeiro iria trabalhar no seu mestrado e que, depois sim, teria disposição para enveredar em assuntos mais emocionais. Mas aquilo era falso, porque toda a vez em que nos víamos, conversávamos sobre assuntos emocionais, psicológicos, espirituais. Mas quem se enredava era eu. Na verdade, falávamos, sim, sobre o Diego, mas o Diego que eu conheci, quando ele ainda era muito jovem. O *Diego pai*, nunca.

Enquanto preparava alguma coisa para comer, assim que Tomás chegasse, reparei que eu estava praticamente viciada em bebida alcoólica. Era a primeira coisa que eu pensava quando planejava uma reunião, um encontro, uma janta. Mas, por outro lado, vício não era alcoolismo, pensei, porque de vícios estamos todos acumulados. Mas sempre gostei de enfrentar os dramas íntimos como eles se apresentavam e fiz algo bem peculiar. Antes mesmo de Tomás chegar, telefonei para a central de ajuda dos alcoólicos anônimos.

O interfone tocou, atendi. Depois o barulho do elevador no meu andar, as portas abrindo e fechando como se fosse uma geringonça. Aquilo me divertiu. Porque nos julgamos tecnológicos, mas não passamos de seres humanos consumidores, e por isso, quase toda engrenagem do sistema diário, a que somos levados a viver, é feita para durar pouco. A modernidade é uma ilusão, pensei, com a certeza de quem acaba de vislumbrar uma sentença original. Então, a campainha tocou, estridente, inadequada, ridícula. Eu poderia ter evitado essas críticas infantis se eu tivesse simplesmente aberto a porta antes de ele acionar o botão da campainha. Poderia, mas preferi encarar a situação geral à minha volta.

Sentamos como de costume, na sala de estar. *A sala de estar pós Jan 2017*. Estava mais livre das recordações visuais ao menos. Em compensação, outras referências afetivas estavam me fazendo mergulhar naquele estado que somente a escrita me permitia. Mas tudo bem. Porque para mim, era isso afinal, o que importava. Ao remover quadros e fotografias e objetos da sala, e depois de todo o apartamento, eu me libertava, de certa forma, daquelas homenagens formais a uma vida familiar, casamento, essas coisas. Naqueles dias, eu já estava

em um estado de espírito ousado e neurótico coexistentes, algo temerário em alguns momentos. Talvez eu fosse imortal, mas talvez eu apenas tivesse pavor de não conseguir terminar a obra à que me propunha. Nesse ponto, tive de admitir que a artista, em mim, era o que me movia e eu deveria seguir esse rumo, mesmo que isso tudo parecesse qualquer coisa excêntrica e egoísta. Meu instinto autodestrutivo estava tão presente quanto a criação.

“O que vamos beber hoje?”

“Ah, olhe o que eu trouxe.”

Ele abriu sua mochila e tirou seis garrafas de cerveja, das pequenas. Olhei o rótulo e não reconheci.

“É artesanal, das boas, uma novidade.”

“Essa eu não conheço. Tomás, eu estava pensando, faz dois meses que estou narrando meus processos criativos e falando isso e aquilo sobre a criação do meu romance, esse que é a tua dissertação... será que não terminamos com isso? Já estou com a cabeça no novo livro...”

“Eu ia mesmo falar sobre isso. Queria te perguntar se posso vir mais um mês. Não me sinto preparado para terminar as entrevistas.”

“Nem para falar sobre o seu pai.”

“Pois é.”

Como as cervejas estavam geladas, abri uma. Ele abriu outra e brindamos, com dois toques de fundo de garrafa. Levantei e coloquei as outras quatro na geladeira. Quando voltei para a sala, me senti estranhamente à vontade com ele. Como se a intimidade tivesse sido instalada assim, sem nem eu mesma perceber. Mas era uma intimidade dúbia, existia algo de ambíguo na personalidade dele, que nunca permitia a gente se sentir confiante. Pensei se Lavínia se sentia assim. Achei que sim. Era algo que pertencia a ele e não a mim, disso eu tive a certeza.

“Preciso ainda ouvir sobre o teu processo de criação, fazer anotações.”

Ele tirou seu computador da mochila e abriu a tela. Sua sobrancelha esquerda levantou e aquele sorriso meio sádico, meio simpático, veio à tona. Não era nem o sorriso de Diego, nem o de Sara.

“Não faça essa cara de tédio, por favor. Afinal eu sei que você voltou a escrever. Será que isso não tem a ver com o fato da gente trazer de volta o processo do primeiro livro?”

“Acabei de fazer um teste na internet pra saber se eu tinha potencial pra ser considerada uma alcoólatra.”

Ele quase se engasgou com a cerveja que acabara de beber. Depois riu, desacreditado. Virei a minha garrafa até a última gota.

“Não sou. Pelo teste.”

Achei que eu deveria me comportar melhor, como a pessoa mais velha do que ele, que eu era, e acima das obsessões infantis dele a respeito do seu mestrado.

“É verdade. Definir as memórias antigas, como tudo começou lá atrás.”

“Até chegar no romance.”

“Depois de anos no limbo, parece que aquela inércia foi embora.”

Fui surpreendida por mim mesma, passiva e feliz. Aceitando os caprichos dele que, eu bem sabia, eram inflexíveis.

“Mas entenda que é algo meu, somente meu”, eu disse.

Ele fez uma afirmação com a cabeça.

“Daqui de cima dá para ver toda a cidade”, eu disse, orgulhosa de levá-lo até um lugar desconhecido para ele. Ficamos em silêncio contemplando a paisagem diante de nós. Era como se fôssemos Zeus e Hera ou Afrodite e Hermes, com poderes de comandar a existência de quem, lá embaixo, desconhecia os mistérios da vida, sua seiva escorrendo a cada segundo na terra. Via a paisagem ao redor e a cidade pequenina sob esse olhar curioso, que sempre que passamos por um lugar onde dá para ver de longe uma cidade, falamos ou pensamos “puxa, daqui se vê tudo”. E cada vez, mesmo sendo a milésima em que voltamos a esse ponto de onde tudo se vê, nos ocorre tal reflexão. Uma sensação de poder, por estar numa posição distanciada e, ao mesmo tempo, e contraditoriamente, o sentimento de insignificância. Como se o poder e a insignificância fossem dois lados da mesma moeda.

As chaminés formavam um caminho sinuoso no lado oeste, bem longe do centro da cidade. A fumaça subia e se dissipava pelas montanhas e pelo céu azul. Diego falou sobre as indústrias e em como elas poluíam o ambiente. E eu sabia bem *qual era a indústria dele*. E ali, bem debaixo do nosso nariz, aquela estrutura despontava na nossa visão ampla. Mas a herança de Diego parecia mais uma cicatriz do que uma sorte. Ele estava na cidade para resolver questões familiares da casa e da fábrica desativada que o seu pai deixara aos cuidados de um amigo. Mas até aquele instante ele não havia feito nada em relação as vendas das propriedades, os documentos no cartório, advogado, essas coisas práticas as quais recebera dinheiro e permissão para não estudar durante aquele ano para resolvê-las. Sua promessa ao pai fora em vão, e “seu ano de outsider” desenrolava-se junto à minha fixação por ele e por aquele estado etéreo que exalava a sua existência ali naquele momento, sem

escola, sem família, sem compromisso, e aberto para o mundo como somente ele conseguia ser. Éramos almas gêmeas, pensava com certa censura, pois achava de mau gosto a expressão. Porém, imaginar almas semelhantes, de intensidade espiritual e intelectual, a agora física, mexia com meu lado romântico que, por incrível que parecesse, eu possuía.

A tarde foi indo embora, enquanto conversávamos e comíamos as ameixas vermelhas colhidas do quintal de Diego. O céu foi ficando num tom de azul quase roxo.

“O que você escreve no seu diário? Você tem um diário, não tem?”

“Várias coisas. Às vezes poesia, e acho que são uns versos tristes e aborrecidos.”

“A alegria não serve pra poesia. E as letras das músicas? Não são tristes.”

“Não somos nada, mas mesmo assim temos de fazer coisas que possam nos transformar em alguém.”

“Só que esse alguém também não deixará de ser nada. Eu adoro ler sobre o começo de tudo. Imagina uma espécie de ovo. O primeiro, o original, dentro de uma situação cósmica da qual não podemos compreender. E esse ovo atinge temperaturas exorbitantes, de milhares de bilhões de graus Celsius e *bum*, explode.”

“Uma vez eu li sobre as energias yin e yang, que elas surgiram desse caos inicial, e então entraram em equilíbrio...Quando você voltar pra casa já sabe qual faculdade vai fazer?”

“Talvez física.”

Fiz uma cara de nojo.

“Ou moda.”

Daí, ele levantou e deu um giro.

“Sem brincadeira, aposto que você vai ser uma escritora daquelas metidas a intelectual, pensando que o mundo só vale a pena se você falar sobre ele.”

“Olha pra mim, olha bem. Eu tenho jeito de intelectual?”

A noite estava chegando. Eu tinha de aparecer em casa e dar notícias, depois, iríamos nos ver outra vez. Aquilo me suscitou um frio repentino pelo corpo todo e meus joelhos tremeram antes de eu dar a primeira pedalada para o “motor pegar”. Ele se acomodou nas minhas costas. E apesar de estarmos encostados um no outro e eu sentindo a sua respiração e seus movimentos, parecia uma experiência incorpórea que não podia ser compreendida por nossos sentidos.

Naqueles últimos dias, parecia que tudo o que eu via e observava, e julgava interessante, só se tornava digno de ser considerado realmente interessante se eu escrevesse sobre esses fatos, ou melhor, sobre as minhas impressões sobre os fatos. Ou, se ao escrever, esse instante que almejava palavras em meu cérebro, mesmo se proviesse da natureza, só se tornasse o que era, ali, na narrativa distribuída em letras que formavam palavras que formavam frases, e me faziam sobreviver. A minha existência, ora vaga, ora cheia de importância, se dedicava à ideia de concretizar algo; embora eu dissesse muitas vezes, para mim mesma, que nada poderia ser concreto diante do sistema solar, onde eu me encontrava com outros 7,6 bilhões de seres humanos, perdidos em destinos incomensuráveis para mim. A transcendentalidade era impossível na escrita. Comecei a compreender o *Ópio da imaginação*, de Théophile Gautier, uma visão fantástica que cria um outro mundo, do qual se extrai algo de nossas vivências reais, não somente através da razão, mas de forma encantatória; vem, juntamente com a realidade, o sonho. *O clube dos haxixins*. Mas aqueles poetas estavam extintos e eu não queria me aventurar em nada ligado às sensações provocadas por alucinógenos. Ao menos, não sozinha, e sem experiência para tal. Balzac recusou o convite de provar haxixe quando os poetas dos paraísos artificiais o convidaram. Na verdade, eu sabia que isso, no fundo, se tratava de uma discussão séria e não de um capricho qualquer de escritora. Me imaginei como Baudelaire, admirando Gautier, mas indo de encontro à transfiguração da realidade através da intensificação da consciência. Mas como isso aconteceria comigo? Se minha filha estivesse em casa, e não morando no exterior, será que eu me deixaria levar por essas confabulações? Aquilo afinal era escrever sobre a escrita. E sobre um passado que navegava entre lembranças reais e outras imaginadas, e que talvez somente na solidão poderia suceder. *É tudo uma ilusão*, pensei, *eu sei que é. É a ilusão da Matrix. Eu serei uma espécie de Neo*. Parecia uma loucura, muitas vezes, mas algo muito racional sobrevinha a essa perturbação. Isso era escrever, um misto de experiência visceral, com racionalidade ao extremo. Algumas vezes, durante esse período, eu pensava em sair para umas férias sem nada para escrever, e qualquer *ideia brilhante* que porventura me ocorresse, eu então a rejeitaria. Para não cair na armadilha, seria bom levar livros interessantes, mas não bons demais. Fiz uma lista. Queria somente me distrair e sair da obsessão. Afinal, aquele estado de espírito não me ajudava a terminar meu romance. Talvez se tratasse disso, daquele impasse tão recorrente na minha prática de escrita. Primeiro, a excitação em iniciar um novo projeto de escrita. Depois, o bloqueio. Mais adiante, uma recuperação da autoestima e o desenvolvimento da narrativa, até que sobrevém um medo de terminar o processo e surge uma certa paranoia. Eu estava realmente com medo da minha potência criativa, embora não tivesse discernimento do que era bom ou ruim nela. Deixar-me

livre para essa neurose era outra opção. Meu ópio teria de ser capturado ao acaso. As crises passam, isso sim, é real. Elas vêm e vão, e a gente sobrevive.

Abrira a janela do quarto querendo um ar fresco para tirar a impressão rançosa daquelas divagações estéreis. Apenas olhar o que havia na minha frente e me deixar vagar por qualquer imagem. Me detive nos galhos das árvores que apareciam por entre os edifícios. Lembravam partes de corpos humanos que se agigantavam no meio de janelinhas vazias. Corpos nus vibrando mesmo sendo açotados pelas fumaças dos automóveis, lá embaixo. Aquele céu numa cor de chumbo ia se transformando em qualquer coisa diferente. Fiquei ali, sem nenhuma segunda intenção. E depois, quando comecei a planejar escrever sobre aquele sentimento de desprendimento da escrita, me perdoei. Poderia ser um caso de amor. Eu a minha vontade de escrever. Um sino tocou. Como sempre se ouve o badalar dos sinos, longe, longe. Deveriam ser seis horas da tarde, e a catedral que ficava na rua de baixo chamava seu rebanho para a missa. De repente, um fio de luz dourada saiu para fora do céu escuro e iluminou uma parte da calçada oposta ao meu edifício, na frente do parque. Duas mulheres, um homem e duas meninas chegaram na luz do sol que rebatia no chão de concreto. As crianças, deviam ter uns oito ou dez anos, e vestiam roupas cintilantes de festa, talvez, ou fantasias. Uma delas estava com uma saia cor de púrpura, de lantejoulas. Quando o fio de sol, isolado na calçada, rebatia na saia, eu via uma pintura. A cena era linda. Mas notei, assim que parei de me embasbacar com a imagem que me remetia à Irmandade Pré-Rafaelita, que uma das mulheres e o homem estavam fotografando sem parar. E a cena que eu via parecia lenta e densa porque as meninas estavam pousando para as fotos e quem fotografava não saía do lugar. O sol, então, morreu. E aquelas pessoas saíram, agora, com movimentos rápidos. Sumiram da minha visão de proa de barco. Os instantes que ficaram no pôr do sol foram para registrar, em seus celulares, o pôr do sol. Fiquei feliz por perceber esse fato somente depois.

O ponto crucial da escrita é que ela nunca acaba. Se estamos produzindo, parece que tudo se resolve ao colocarmos frases no computador, no papel ou nas telas disponíveis para digitarmos e sentirmos que caminhamos para frente; mas logo em seguida, às vezes em questão de segundos, ocorre essa mudança brusca, parece surgir uma sensação de retrocesso. Linhas inteiras apagadas, frases que julgávamos expressivas, perdem todo o seu sentido. É uma angústia que desestabiliza nossos nervos, mas, aos poucos, temos de aprender a lidar com isso e, para mim, o mais importante foi quando defini que escrever era a minha salvação, mas não a do planeta. Fazer pão ou plantar hortaliças seria tão importante quanto *A convidada* ou *Martin Eden*. Mas mesmo até chegar nisso, a criação trazia suas peculiaridades. Depois de

me envolver em demasia com as questões existenciais, e por vezes, egoístas, e ter buscado o auxílio onde mora a vaidade do intelecto, encontrei um outro caminho. Por incrível que pareça, tanto a mente quanto o coração têm o mesmo poder de abarcar nossas almas e levá-las para um outro estado de consciência. E na ficção existe um fator que a desestabiliza: a arte. Ela precisa do caos. Quem mergulha no caos não consegue manter-se orgulhoso de sua obra. A obra é cusvida como algo que, se ficasse dentro da gente, se tornaria maligno.

Nos encontraríamos nas linhas férreas, na frente de uma figueira que ficava ao lado do único mercado existente por ali. Cheguei antes, sozinha. Tentara falar com a Su, mas ela não estava em casa. Desliguei a moto e a deixei de pé, perto de onde eu pretendia sentar. Me encostei no tronco grosso da figueira e fiquei olhando para o horizonte, sem pressa. Estávamos de férias e podíamos ensaiar mais vezes, sem hora para voltar pra casa e ter de fazer deveres escolares e outras coisas impostas por nossos pais, com a desculpa de preocupações sobre o nosso futuro. Para mim aquele fora um ano tão diferente dos anteriores. Eu começara a mostrar as minhas poesias em forma de letras de músicas e comprara um novo diário com um intuito mais arrojado, de sair das experiências diárias e falar de assuntos existenciais. Minha família estava diluída em minha mente. Nada me impedia de ser livre e sair por aí.

Ouvi o barulho de um motor se aproximando e tive a certeza de não ser uma moto. Em questão de segundos vi um carro preto numa manobra perigosa, girando na minha frente. O descampado de areia grossa virou uma nuvem de pó. Algumas pessoas saíram do mercado para ver a cena. Quando o carro parou, a Su e o Cris desceram. Fecharam as portas atrás de si e vieram na minha direção como se estivessem saindo de uma tela de projeção do filme *Mad Max*.

“O que acharam do meu Escort xr3?”, ele perguntou.

Peguei a moto, dei duas pedaladas e o motor roncou, acelerei e fui até o centro daquele terreno aberto. Me desloquei do banco para o tanque da moto e, acelerando aos poucos, enquanto segurava o freio, fui fazendo o pneu de trás se mover em uma circunferência. O efeito foi bem menor do que o do Cris, mas eu me senti bem. June e Pablo chegaram logo em seguida, de moto, e nem desceram. June acenou e seguiu acelerando.

A banda do Cris já havia chegado. Seria o nosso primeiro ensaio com eles, que fariam a apresentação principal. Sara tinha permitido que fizéssemos nosso primeiro show lá. Mas, achávamos que não éramos bons o suficiente, para segurar um show sozinhos, e por isso chamamos os *Delinquentes*. Sei que depois de terem passado todo o set list deles umas três vezes, continuaram ensaiando como se nós não existíssemos.

“Isso era para ser um ensaio geral”, disse a June, “ge-ral, sabe como é?”

O clima pesou um pouco. Mas estávamos numa situação delicada porque tínhamos pouca intimidade com eles. Eu mesma só conhecia o Laranja, o baterista, e superficialmente. O baixista e o guitarrista me pareciam hostis.

“Mas quantas músicas vocês vão tocar?”, o Cris perguntou irônico, “duas?”

“Oito”, respondeu a Su com raiva.

“Agora vamos tocar dez”, disse June.

Aí o guitarrista deles olhou para nós, como se estivesse diante de um bando de crianças arteiras.

“Dez?”, disse ele, “é muito.”

“É mesmo? Vocês se acham umas estrelas! Ficam aí falando se tá bom se não tá, quem errou quem não errou, será que vai dar certo será que não...”

O guitarrista começou a discutir com a June. Podia se dizer que era um duelo de guitarras sem som. Os dois com as suas guitarras penduradas nos ombros, batendo boca e se ofendendo. Eu resolvi ignorar aquilo porque, se não, a coisa iria piorar.

Saí para a rua. Pablo me seguiu. Lá de dentro vinham as vozes exaltadas. E agora, somavam os gritos da Su xingando o Cris.

Pablo acendeu um cigarro e tragou fundo, como se soubesse fumar desde sempre. Estava com uma blusa vermelha de gola alta e mangas curtas e uma calça preta justa, que lhe acentuavam aquela androgenia natural. Seu cabelo tinha um novo corte, a franja caía para o lado direito do rosto. Mas o olhar estava distante. Perguntei se ele estava bem. Ele riu, porque realmente era o tipo de coisa que não costumávamos perguntar. Nossa rotina juntos era intensa, nem passava pelas nossas cabeças falar algo como *você está bem?* Mas ele respondeu.

“Fui expulso de casa hoje. Meu pai bateu em mim. Me chamou de bicha, como se isso fosse uma ofensa. Na verdade, ele me deu um tapa na cara.”

Isso era uma notícia e tanto. Para onde ele iria eu não fazia a mínima ideia e pelo jeito nem ele. Nem podia convidá-lo a vir morar comigo, por causa do Abel todo o dia lá em casa e tudo o mais. Tão pouco eu queria morar na minha casa. Enquanto ficamos ali, ouvindo as

discussões vindas do bar e tentando organizar um plano, eu avistei o Diego vindo na nossa direção, de bicicleta. Quando ele chegou perto da gente eu fiquei na dúvida se lhe dava um beijo ou não. Optei por dar um “oi” apenas, casual. Mas ele se aproximou e me beijou na boca. Depois, olhou para mim, com aqueles olhos negros e profundos, que sempre pareciam dizer mais do que as palavras, e lembrou o porquê havia ido até ali.

“Passei na tua casa e tua mãe pediu para eu procurar você.”

“Espero que você não tenha comentado nada sobre O Viajante.”

“Ela pediu pra avisar que a tua irmã estava em casa.”

“A Eve”, disse Pablo.

Eu devia ter onze ou doze anos nesse dia. Passeava junto com a minha irmã, na beira da praia, bem na hora do pôr do sol. Eu havia pedido para acompanhá-la, quando fora designada para comprar pão. Antes de sair, as recomendações foram para eu não me sujar, pois já tinha tomado banho e o jantar seria servido logo após o nosso retorno. Eu via as pessoas passeando ou indo para suas casas, fechando os guarda-sóis e recolhendo as cadeiras de praia, sacudindo as esteiras e as cangas no ar. Um menino andava de bicicleta na areia molhada, deixando um rastro temporário. Vi uma garota e um garoto de mãos dadas, molhando os pés na água turva e avermelhada. Eve encontrou algumas amigas no caminho e parou para conversar. Me afastei delas, e me detive nas pedras escorregadias que avançavam pela água. Toquei nos musgos e fiquei absorta com aquela textura, e a cor, e as espumas das ondas se aproximando cada vez mais. Então, Eve gritou meu nome e eu lembro de ir até elas, correndo; mas nessa passagem, suas figuras distantes pareciam fadas coloridas, como se aquelas risadas e as roupas ao vento as deixassem suspensas. Ou era a leveza de suas existências. Ao voltarmos para casa, o céu já estava repleto de estrelas. Olhei para minha roupa com pavor, pois eu estava completamente molhada. Mas, ao invés de ralharem comigo me deixaram tomar outro banho. Antes de tirar os shorts, coloquei as mãos nos bolsos, procurando as conchas colhidas. Na verdade, olhei para elas e achei que eram as conchas que me escolhiam; não se tratava da beleza ou do tamanho delas. Porque, quando me propunha àquelas considerações estranhas, nas areias da praia, onde as ondas as cobriam de água espumosa e recuavam, era com o auxílio de uma concha que eu praticava a minha caligrafia, sem medo de ser pega errando. As palavras erradas e mal escritas sumiam. As palavras que escolhemos, depois de um ímpeto de ação, seguido de uma reflexão maior, maior que as próprias palavras.

Essa época foi muito distante, claro, e por isso, às vezes, eu tinha a impressão de estar inventando situações. No entanto, mesmo assim, algumas dessas imagens que permaneciam em minha memória aconteceram. Eu sabia disso porque outras pessoas me contaram. E tem momentos da primeira infância que surgem do nada. Sobre essa temporada na praia especificamente, as lembranças vinham muito vívidas, porque eu me apegara a elas. Eram momentos eleitos pela minha psique, para provar aquilo que desejava provar para mim mesma. Foram dias nos quais a minha hereditariedade estava no seu auge, vibrando como uma chama recém-acesa, com muito tempo para queimar.

Diana estava apaixonada pela sua arte. Mesmo depois, ao me recordar das imagens pintadas por ela, achava-as bregas, mas de certa maneira, bonitas, vibrantes, como se as cores ali traduzissem uma vida em ebulição. Existia um vigor em sua vida e uma rotina da qual não abria mão. E mesmo tendo ido para a praia, ela levava consigo algum material de pintura e duas ou três telas de tamanho médio. Mamãe e papai falavam sobre a possibilidade de ela voltar para a faculdade e finalizar seu curso interrompido na gravidez. Ao falar da gravidez de Eve, sempre sobrevinham olhares cúmplices, e dentro dessa sensação surgia, ao menos para mim, o recado subliminar do passado infeliz de Diana com o outro marido. E quando os dois conversavam sobre assuntos do futuro com a minha avó, eles pareciam tão jovens, diante de uma anciã que nunca iria entendê-los.

Eu tinha um pouco de vergonha de meu pai, achava-o indeciso, inseguro, sobretudo quando alguém perguntava qual era o seu trabalho e ele respondia “tabelião do terceiro tabelionato de protestos”. Mas ele parecia alegre naqueles dias. Usava calção de banho, e suas pernas magras e longas, desnudas, acentuavam a sua fragilidade. Parecia que a sua alma já estava saindo do corpo, de tão magro e leve; e, no entanto, preguiçoso e sedentário. Mas o caráter de meu pai era firme, ele nunca maltratava ninguém, nem deixava de cumprir suas obrigações, não se metia em fofocas, e também achava justo o seu destino e por isso não desejava mais do que tinha. A única coisa que despertava em mim certa curiosidade boa dizia respeito ao hábito de leitura de papai. Ele lia praticamente durante todo o seu tempo livre e nunca falava sobre os livros. Se alguém citasse algum título de livro ou um autor que, por acaso ele conhecesse, ele nem comentava, apenas sorria e balançava a cabeça como se estivesse ouvindo pela primeira vez aquele nome.

Entrei fingindo que era normal eu chegar lá, depois de tudo o que havia acontecido. Era um domingo e não havia nenhum cliente, apesar da hora do almoço. Eu estava vestindo a minha jaqueta de couro e ainda assim as mãos estavam geladas. Só que, quando enxerguei o rosto de Sara, atrás do balcão, meu sangue ferveu. Arranquei as luvas de couro sem dedos, com os dentes, e as enfiei nos bolsos; minha cabeça virou para baixo e, pela primeira vez, observei aquele assoalho antigo, marcado pela bebida e pelo tempo. Tive a impressão que meus pés me levavam até Sara, porque meus pensamentos não decidiam qual rumo tomar. Mesmo sorrindo, como de costume, por trás desse semblante agradável eu vi uma sombra. Mas logo percebi não se tratar de amargor, nem tristeza. A sombra efêmera no seu olhar fora o constrangimento. Na verdade, ela parecia mais feliz do que nunca. Dei um “oi” o mais natural possível, tirado sei lá de onde, numa batalha louca dentro de mim. Eu decidira não bancar a ciumenta, até porque a situação era bem mais complexa do que uma revolta pessoal sobre amores e descasos. Mas eu tinha a nítida impressão de estar sendo intrometida, e isso era pelo fato de que eu estava desconfortável.

“Hoje eu vou beber com você”, ela disse.

Era o mínimo que deveria fazer, pensei. Mas depois percebi uma amargura em mim desnecessária. Aquilo era destino, ela nada podia fazer de diferente. Preferi manter o tom conciliador. Ela esquecera o fato de eu ainda ter dezessete anos e por isso não poder comprar bebida no seu estabelecimento? Aquela conversa fiada durante todo aquele ano fora descartada em um segundo. E se a polícia que entrava nos bares da estação ferroviária, atrás de vagabundos, aparecesse? *Talvez fosse a solução*, passou pela minha cabeça. Mas era raro a polícia conferir esse tipo de coisa naquela cidade, e esse pensamento até me envergonhou. Sara pegou uma cerveja e dois copos, com agilidade, e os colocou diante de nós. Eu avistava seus cílios longos e negros protegendo aqueles olhos verde-escuros, sedutores. Ela era bem mais baixa do que eu. Fiquei ali refletindo se eu a achava bonita. Comparei seu rosto com o que lembrava ser o meu. Virei o primeiro copo como se faz naqueles filmes de faroeste, como se eu fosse o bandido malvado chegando na cidade para arrasar com tudo. Ela riu. Na certa me julgava uma criança.

“Como ele está?”, perguntei.

“Na mesma. Não quer ver ninguém.”

Aquilo doeu porque eu nunca teria me considerado “ninguém”. Era isso que eu era agora? Então vi no rosto dela um certo desconforto, seus olhos vislumbraram algo através da porta aberta. Virei a cabeça e enxerguei a rua. Um táxi estacionara bem na frente da porta. Vi quando o motorista abriu, desajeitado, uma cadeira de rodas. Por um instante veloz, me veio a

certeza de que aquele fato era real e, por outro lado, completamente doido. Cheguei a cogitar que Diego estivesse armando uma cena pra nós. Sara foi ajudar o motorista. Aí, Diego começou a mexer os braços com força, girando as rodas, e subiu o degrau da entrada sozinho. Fingi que eu estava bem, que aquilo não tinha importância, mas comecei a imaginar ele correndo no jardim de sua casa, indo em direção ao portão que dava para a rua e pulando por cima, aterrissando na calçada. Ele me viu. Desviei o olhar, poderia parecer que eu estava chocada com o fato de vê-lo numa cadeira de rodas. E era verdade. Olhei para o teto e me detive na poeira acumulada nas antigas vigas de madeira. Lembrei de uma estrada da cor de alcatrão com suas florzinhas de miosótis à volta, quando estava na primeira infância e passava as férias na casa de minha avó materna. E me veio aquela sensação de um Diego antes e um depois do acidente. De uma Sara antes e uma depois. De uma Jan igualmente dividida em duas partes que não se encontravam nunca.

Ele se esforçava para me contar. Dava para notar o empenho em ser o mais sincero possível comigo. No entanto, pensei, estava sendo sincero consigo próprio? De qualquer maneira, a história vinha direto nos meus ouvidos e eu a absorvia como quem leva uma injeção de morfina. É um mundo paralelo, muitas vezes, a realidade encarada de frente. Porque a realidade tem ponto de vista. Ajeitei as calças para dentro das botas e levantei a gola da jaqueta, como se estivesse me preparando para subir na moto. Lá fora o clima mudara, um vento daqueles que antecede uma tempestade chegou até nós.

“Está com pressa?”, ele perguntou.

“Nenhuma. Tenho todo o tempo do mundo.”

Meus cabelos estavam soltos e bagunçados. Eu mesma notei um aspecto selvagem em mim. Meu olhar devia estar esquivo e inquietante. Eu era um ser primitivo, pronto para gritar ou me agarrar a ele. No entanto, estava sentada, respirando normalmente. Olhei para o bar e ele pareceu-me tão honesto com aquele letreiro em vermelho e verde, O Viajante. Imaginei Sara no centro do bar, tirando a roupa. Depois, ele se aproximando com a cadeira de rodas e derrubando uma mesa com uma garrafa que se espatifava no chão, com um som brusco, seco e violento, como aquele momento. Os cacos esparramados e seus pés pisando entre eles, sem cuidado. Aí ele diz: *Se você está pensando que eu não posso mais fazer sexo, está enganada.* Ela beija os lábios dele e segura as palavras de contentamento, fingindo que isso não tinha importância.

“Você está ouvindo, Jan?”

Diego continuava o seu relato. Notei que ele ainda falava do acidente. Tentei fixar a atenção naquele discurso quase monótono, não fosse a voz ser dele, porque eu queria pular tudo e *chegar em nós dois*. Devo ter demonstrado minha impaciência, pois ele calou-se.

“Pablo me contou”, falei.

“Achei que você queria ouvir de mim.”

“Quero ouvir por que raios você veio morar aqui.”

“Não posso morar sozinho. Nem banho consigo tomar. E meu pai veio pra cá depois do acidente. Bem, ele não se importou de me dar dinheiro para pagar o aluguel de um quarto aqui. A nossa casa foi à venda, enfim. E o terreno da fábrica, também.”

“E quem está dando banho em você? Por que você não foi embora?”

“Quero ficar isolado, repensar tudo. Preciso desse tempo só pra isso. E ficando aqui nós podemos nos ver de vez em quando. Tenho a certeza de que ainda somos amigos.”

Levantei pensando em ir embora, mas me detive. Senti um desânimo intenso nele, uma desistência da própria vida. Era algo maior do que eu podia supor, somente consegui captar que se tratava de um terreno no qual eu desconhecia completamente os caminhos. Quando Diego percebeu meu estado emocional, voltou ao ponto de onde tinha parado. Mas ele estava distante. Parecia ter se comprometido em falar e iria até o fim, como se quisesse terminar uma enorme tarefa e se libertar daquilo. A ausência do próprio narrador em sua narrativa era constrangedora. Somente anos mais tarde, e conversando com meus amigos daquela época, foi que cheguei à conclusão de que Diego queria perpetuar o que tivemos juntos e deixar eu levar a minha vida sem ter de “carregá-lo”. Cheguei a me arrepender pela minha demonstração de vontade de liberdade e de “correr mundo”. Aquilo poderia ter parecido egoísmo da minha parte. Me culpei por não ter sido outra diante dele. Mas essa outra jamais teria sido aquela que ele talvez amara.

Estiquei a coluna, abrindo os braços, num ímpeto de me espreguiçar longamente. Olhei para a Sperry Remington. Eu havia estocado quatro fitas de tinta. Espiei-as dentro de uma caixa com canetas e prendedores de papel. Na certa, não iria usar todas, no máximo mais uma, além da que estava na máquina. Mas quando as encontrei numa papelaria, no centro da cidade, comprei mais do que precisava. Achei graça da situação ao meu redor. Já estava sentindo falta do computador, pela facilidade, pela organização. E, no entanto, estava apegada àquela nova prática de escrita na minha rotina. Não iria abdicar dessa árdua conquista, não

naquele segundo romance. Ao menos a primeira versão seria assim, de maneira totalmente independente dos métodos digitais. Isso porque, a essas alturas, eu tinha plena consciência de que, apesar de ser um capricho, algo até mesmo retrógrado e sem muita razão, aquilo estava me deixando mais calma, mais introspectiva, quando trabalhava. Como se o fato de ter de lidar com as dificuldades de armazenar o material produzido, tentando recordar de como fora a minha escrita nos primórdios, e resgatar um hábito antigo, despertasse minhas lembranças de forma mais vívida, mais eficaz. Assim, estar longe do celular e das redes sociais me trazia esse jogo estabelecido por mim e no qual eu deveria chegar até o fim. Quase como se eu fosse uma personagem à margem da vida corriqueira e tendo de lidar com uma realidade distinta dessa nossa. Jurara voltar a escrever com aquela disposição da adolescência. Como quem brinca dentro de uma paisagem desconhecida, adentrando com medo e fascínio o âmago dela, *onde reside uma percepção acerca de nós próprios*. Sempre indo, nunca vacilando e voltando, e sem se dar conta dessa entrega. Ah, que coisa generosa acontecia!, bastava estar viva para criar um poema no meio de um dia e terminá-lo na madrugada, e depois colocar o papel dentro do diário ou enfiá-lo no bolso das calças e esquecer-lo. Esquecer!, partir para outros versos diferentes, a vida correndo solta, os versos correndo. Dane-se o estilo, a métrica e o ritmo, isso tudo vinha sem elucubrações. Daí, no momento em que *me chamei de escritora*, vieram as neuroses. Mas não seria a angústia o agente principal da vontade de escrever?, sim, seria; porém, a escrita em mim existia antes, sempre existiu. Eu sempre fora uma alma atormentada?

Dilemas à parte, eu tocava o barco e seguia trabalhando. Assim foi e assim será, pensava. Eu não tinha outra saída. A fantasia era a coisa mais real que existia. Mas sobre as questões de usar isso ou aquilo, romper e recomeçar, eu cheguei à conclusão de que tanto fazia o método, se a arte estava presente. O grande lance era encontrar a arte dentro de mim. Em alguns momentos, raciocinar dessa forma parecia ingenuidade da minha parte. Mas nada podia contra essa fixação, segurando meu corpo e minha mente diante de um abismo. Ou eu me lançava nele e voava, ou retornava para o limbo. “A arte é algo que nos move além das tecnologias disponíveis”, pensei alto, e essa certeza me preencheu. Eu poderia voltar para a escrita no computador. Poderia reativar o celular, me enredar novamente em fios elétricos, observar as imagens iluminadas e obter informações diversas rapidamente, acrescentando minhas impressões intrínsecas, sem problema algum. Também poderia continuar com a máquina datilográfica, com o papel e a caneta. Tanto fazia. Se esse estímulo estivesse dentro de mim, aquela fagulha sempre disposta a incendiar o coração, novas e boas soluções criativas viriam. Porém, o fato era que eu só conseguira reativar esse *sentimento de arte* no que eu produzia,

quando me dediquei a buscar uma maneira longe daquele esgotamento digital virtual. Naquele momento, eu devia minha verve criativa a essa decisão.

A manhã entrando devagarzinho pela janela do meu quarto. Avistei as mesmas roupas da noite anterior, jogadas no chão. Estava tudo ali, os pôsteres nas paredes, o material da escola por cima da mesinha com o abajur. Parecia que somente eu não estava no meu quarto. Me deu vontade de subir na moto e pegar a trilha que chegava até o topo do morro, onde ficava a estação elétrica e dava para observar toda a cidade, mas fiquei ali na cama porque, da última vez em que fora lá, eu estava com Diego. Apesar de não ter dormido bem durante as últimas noites, não conseguia pegar no sono. A voz da June, naquele dia, no telefone, não saía da minha cabeça. Cada palavra, uma por uma seguindo sua ordem lógica absurda, num desfile fúnebre que me enchia de arrepios por todo o corpo ao lembrá-las; afundando meu coração num estado de dor, de peso, e o acelerando. Me imaginei num esconderijo, apartada daqueles últimos acontecimentos, e deitei novamente, como se estivesse doente. Daí, lembrei da máquina de escrever de papai, que estava sob meu domínio, desde os meus quatorze anos. Levantei outra vez, dizendo para mim mesma que eu estava viva; puxei-a da parte superior do armário de roupas, e eu estava tão fraca que ela quase caiu por cima de mim. Me recompos depois de ter evitado espatifar a máquina ou a minha cabeça. Coloquei uma folha. Suspirei fundo e senti meu peito doído do choro contínuo e escondido dos últimos dias e das últimas noites. Estiquei os dedos e quase pude começar. Mas nada me impulsionava a trazer as palavras para fora. Levantei e abri a cortina. Era um dia ensolarado e ventoso. O vento mexia com as copas das árvores que se abriam, por cima do telhado do vizinho, a árvore de tangerina inclinava-se levemente e suas folhas tremiam. Os frutos balançavam e quase caíam, mas permaneciam nos galhos. O mundo continuava do mesmo jeito. Calcei as botas e fui para a garagem, de pijama. Precisava me distrair. *O tempo curaria tudo.*

Vasculhei aquelas caixas que guardavam alguns pertences de papai. Não achei nada de fantástico por lá. Cada caixa que eu abria, e eram seis, só revelavam objetos sem nenhuma importância para mim. Medalhas de olimpíadas escolares. Canetas antigas. Cadernos de anotações de trabalho. Certidão de nascimento. Atestado de óbito. Um cachecol de lã com o emblema de seu time de futebol. Era desolador. Virei o rosto para o armário dos livros, cheio de teias de aranha e pó. Sorri complacente, afinal, era aquilo que importava. O que mais eu

queria? Um super-herói? O que poderia me salvar daquele desânimo? Eram somente recordações de uma vida comum. Se eu morresse ali, naquele instante, pensei, quais seriam as minhas memórias através das coisas? Ah, iriam abrir algumas caixas e veriam nada mais do que eu estava vendo nas relíquias de papai. Minha jaqueta e alguma camisa, ainda com meu cheiro. Os livros que eu roubara da estante de papai. Material escolar, e isso seria até uma vergonha para mim, pois estavam incompletos, rasurados, cheios de anotações absurdas. A agenda telefônica, as borrachinhas de cabelo com fios de cabelo ainda presos nelas. E os meus diários?, isso era realmente sério. Se eu morresse, eles salvariam a minha existência nas caixas de papelão. Mas achei fútil pensar assim. Tanto fazia. Morrer é morrer. Resolvi pegar uma pequena caixa de lata que estava embaixo dos cadernos de contabilidade de papai. Era daquelas de biscoitos, antiga. Aos poucos, as figuras incrustadas na caixa foram me levando para uma sensação de saudade de algo que nem eu mesma vivera. Uma carruagem puxada por quatro cavalos e, no banco da frente, um homem, o condutor, com o relho na mão, que olhava para duas jovens de pé, na calçada. Elas iriam subir na carruagem, com certeza, e para onde iriam? Abri a lata. Nunca havia visto aquelas fotografias de meu pai. Talvez porque fossem somente a representação dele antes de sua família. E com um olhar bem diferente daquele que eu conhecia. Ali, ele revelava claramente o que diziam sobre ele quando, muito antes de ter filhas, gostava de viajar com alguns amigos, para pescar. Aquela sua atitude, no passado remoto, puído, esfacelado passado que tive de observar com certa desconfiança. Ele vestia uma jaqueta, até então desconhecida por mim, azul-escuro e com capuz; calças de linho fino, marrom, e botinas de caminhada no campo. E atrás dele, o campo. Vasto e aberto. Três imagens, e em todas, ele sozinho; e nelas a sensação de liberdade, tanto pela paisagem rústica, quanto pela sua fisionomia.

Ainda havia borboletas; o clima mudava lentamente e elas buscavam o sol e a porta da garagem aberta revelava algumas delas lá fora. Era nítido, e nem sei como explicar, quando eu falava frases para mim mesma, sabendo que elas não me pertenciam, eram destinadas a um outro lugar que não eu. E minha voz saiu chorosa e rouca. E eu disse assim: *Elas fogem das sombras assim como nós do esquecimento, mas não existe nada mais vivo do que a presença de um morto.*

Lá dentro, avistei mamãe de roupão, diante do fogão, aquecendo água na chaleira, enquanto conversava com Eve. Fui até elas, só para me certificar de que era mesmo a Eve, a minha irmã, quem estava ali. Ela retornara para casa e estava agora sentada, diante da mesa da cozinha, como se nunca houvesse saído dali. As minhas expectativas sobre a sua aventura de

dois anos, longe de mim, em nada me surpreenderam. Ela mesma parecia cansada de suas tentativas em outra cidade. E eu não me interessava mais pela sua odisseia. Ela sorriu para mim e falou que o café estaria pronto em alguns minutos. Resolvi seguir para o meu quarto e deixá-las para trás, com as suas discussões. Diana queria explicações de Eve e Eve queria explicações de Diana. Nessa cadeia de desilusões, entravam assuntos variados, mas principalmente, os afetivos e os financeiros, e sempre nessa ordem. A volta do namoro de mamãe com Abel, o fato de Eve ter gasto toda a sua poupança nas tentativas de morar longe de casa, a casa da vovó que fora vendida por uma ninharia de dinheiro e por onde andava esse dinheiro, os dois casamentos frustrados de Diana, a irrisória pensão de papai, o desemprego na cidade grande e na cidade pequena, e por aí iam-se os dias.

Me fechei no quarto. Depois de alguns minutos olhando para as paredes, senti o cheiro do café recém-passado. Cheguei a pensar em buscar uma xícara com bastante café, mas, ouvindo a conversa na cozinha, desanimei. E além disso, Abel estava lá agora, e ele queria contar a novidade.

“Ah, deixa eu contar uma coisa. O filho do Graco se acidentou de carro. O Roberto Graco, da indústria de tijolos...”

“A Jan é amiga do garoto.”

“A Janine por acaso se relaciona com gente rica?”

Aí, Eve entrou na conversa.

“A Jan é como eu era, um dia ela cresce.”

Voltei a atenção para a máquina de escrever e os dedos iniciaram a sua jornada hipnótica. Chorei sem nenhum esforço e isso me assustou, mas mantive o ritmo descompassado das letras pipocando, barulhentas, diante de meu corpo cansado.

Levantei e fui conferir no meu escritório o material antigo. Peguei duas caixas de papelão, tipo arquivos. Levei-as para a sala. A mesa estava transformada em uma base de criação literária. Eram livros acumulados uns por cima dos outros. A máquina de escrever numa ponta, e na outra, o computador. Folhas de papel com anotações por sobre os livros e canetas, soltas por tudo. Um porta-incenso no centro da mesa e cinzas ao redor. Blocos usados apenas nas primeiras folhas. Um caderno preto, grosso, aberto sempre em alguma página diferente, como se ali eu conseguisse encontrar alguma ordem. Na verdade, tudo fazia

sentido. E aquela confusão cheia de suas próprias lógicas era só a ponta do iceberg. Porque, querendo ou não, eu sabia da existência desse livro, antes mesmo de assumir que estava trabalhando nele. Vinha de anos atrás. Agora se tornara público, só isso. Meus amigos sabiam, minha irmã sabia, alguns conhecidos do estúdio ouviram eu ou a Lisa comentar sobre um segundo romance de minha autoria, e até mesmo o porteiro do meu prédio me perguntara, dias atrás, sobre o que eu estava escrevendo. Olhei para a mesa com um olhar cúmplice, como uma extensão de mim mesma. Quando me sentiria apta a remover aquele cenário, criado para ser efêmero mas me deixando desestabilizada ao aceitar a ideia de que tudo ali já havia cumprido a sua necessidade? Cheguei a fantasiar fazer um jantar e reinaugurar a mesa da sala, apenas com festividades, e nada mais de trabalho dentro de casa, ao menos por um ou dois meses. Convidaria amigos que eu não via mais; chamaria Eve para vir me visitar, e até pagaria a passagem de avião para ela vir mais rápido. Cobriria a mesa com uma toalha branca e colocaria por cima bandejas de prata, cheias de uvas, como nos banquetes romanos. Precisava de um distanciamento do passado, agora, para terminar a minha história; usá-lo a meu favor. Era um paradoxo interessante. Verifiquei as constelações ao meu redor. No computador havia uma pasta com todos os textos soltos de quando resolvera escrever, há uns dois ou três anos, e depois falhara no meu intento. Poderia utilizá-los sem medo, afinal, eles traziam o significado do que eu estava procurando. Muita coisa seria deletada, claro, disso eu tinha a certeza. Nas caixas de papelão, eu encontrei anotações de anos atrás, em guardanapos de papel de lanchonetes, restaurantes, e bares. E folhas de ofício com textos escritos à mão, na maioria poemas. Talvez alguns daqueles escritos pudessem ser representativos, no caso da minha personagem central, que era eu mesma. Recordei o significado de caos no dicionário; podia ser confusão dos elementos antes da criação do universo.

III

OUTONO

Um epílogo é uma morte

Fiquei olhando para ele. De longe. Ele não me via. Claro que pensei na insanidade daquilo, de estar observando alguém às escondidas, como uma detetive particular, na espreita dos desdobramentos sobre a condição humana. Mentiras, segredos, revelações sórdidas. Talvez eu fosse uma espécie de caçador na espreita da presa. A presa, naquele caso, era apenas uma ideia vaga sobre a existência humana dentro de um acampamento. Minha visão seguia através de um caminho estreito entre as barracas erguidas num chão de terra escura e folhas úmidas, e galhos ao redor, com outras tantas folhas verdes e luminosas. Eu vislumbrava no final dessa passagem, aquela presença masculina, jovem, autêntica. Era o “homem do fogo” e fazia parte do clã “os filhos de Belenus”. Na noite anterior mostrara a arte de manipular o fogo, fazendo uma performance de pirofagia. Era como se eu usasse uma luneta porque ele não me via de jeito nenhum, meu olhar era inexistente para ele. Mas eu podia até sentir seu maxilar retraído enquanto mexia em algum instrumento delicado e complicado, que supus ser uma peça de alguma de suas tochas. Toda aquela vitalidade concentrada em qualquer coisa que me parecia crucial para a sua existência. Me emocionei. O cheiro das folhas molhadas, misturadas à terra, chegava até mim. Fazia um século que eu não sentia aquilo. A paz da floresta e o colorido das barracas e das roupas penduradas em varais improvisados. Uma brisa circulava e aliviava a umidade retida na terra por conta da chuva que agora cessara, e o calor voltava aos poucos, mas um calor mais ameno, querendo ceder para o outono. Imaginei o corpo dele por dentro. Como era o meu. O de todos nós, vivos. Seres humanos, mortais. A qualquer instante. Nossas vísceras. As vísceras daquele lindo homem. Nosso sangue. O dele. Ossos, cartilagens, artérias. Tudo ali dentro, por trás dos cabelos volumosos, em dreads cor de amêndoa. Dos penduricalhos presos nas orelhas e no pescoço até o ventre. Nos pulsos, pulseiras de couro. E as artérias delicadas por trás de desenhos

tribais tatuados em preto e vermelho. Tudo dentro dele reagia ao seu próprio sistema, e por fora, um outro sistema aparecia, na maquiagem borrada nos olhos, nos sorrisos espontâneos, quando alguém se aproximava, nos óculos ajustados, enquanto consertava aquela peça desconhecida para mim, mínima. A possível esperança do amor antes da relação se instalar por completo, tomou conta de mim. Estaria ele naquele estado de espírito? Eu o vira anteriormente abraçado com uma mulher. Uma mulher esguia, jovem, com um rosto longo e duro, mas naquele estágio de abertura para o mundo, por causa do acampamento ou da idade que tinha, ou sei lá, pelos pensamentos que aprendera a cultivar, talvez. Estaria ele numa utopia gostosa, plena?, que embora inexistente, existia. Mexia com os nervos e o coração dele como já ocorrera comigo, muito antes de ele nascer? Talvez sim. Quem saberia dizer quando e por que deixamos de acreditar nessas impressões, possuídas de uma verdade diferente daquela que acreditamos mais tarde.

Depois de observá-lo por mais ou menos meia hora, eu me senti como se tivesse sido transportada para um lugar no passado que eu, na verdade, nunca conhecera. O interessante era justamente isso: um passado inexistente, na realidade, trazendo uma nostalgia pertencente ao plano das ideias. Um sentimento já detectado tempos atrás, voltando com ímpeto. Algo como uma expectativa no ar, vaga, mas perdida em mim, e reencontrada como uma memória indefinida.

Tomás apareceu. Falou algo sobre Lisa e Lavínia terem ido acompanhar um grupo destinado a fazer uma simulação de montanhismo. Aí, ele bocejou e perguntou se eu queria ir ao restaurante beber um café. Fiz que sim, com a cabeça, mas permaneci sentada no chão, eu ainda estava sob o efeito da minha imaginação. Então, ele sentou de frente para mim. Nos olhamos com certa cumplicidade porque acreditávamos que, naquele momento, estávamos reconhecendo o fim de um ciclo, e podíamos agradecer um ao outro pela convivência, e pelas mudanças suscitadas em ambos, diante disso. Ele tocou na minha mão com as pontas de seus dedos, delicadamente. Deixei nossas mãos se entrelaçarem aos poucos. Meio amigos, meio não. Talvez amantes, talvez não. Ele não era o Belenus. Era Tomás.

“Você está confundindo as coisas”, falei.

“E você também.”

Fui sendo levada pela minha própria curiosidade. Por uma estranha razão, eu me senti à vontade. Beijei-o e fui entrando na minha barraca. Ele veio atrás, respirando fundo na minha nuca. Éramos os dois parecidos de energia corporal. Magros e leves, quase sem músculos. Apenas ele era mais alto. Foi difícil ver Tomás sem imaginar Diego *ali dentro*; através de seus olhos, nos ossos e no sangue eu poderia encontrar alguma partícula *dele*. Na saliva. Meu

cabelo caiu sobre o seu rosto. Ele aproximou sua boca da minha, agora com mais voracidade. Uma euforia disfarçava certa tristeza vinda da minha intenção de encontrar Diego em Tomás. Depois me esqueci de tudo e me deixei levar por um prazer estranho, completamente diferente do que eu sentira nos últimos anos com Felipe. Então, eu simplesmente afastei os pensamentos.

Ouvi uma música vinda de alguma parte do acampamento. Distingui ser Black Sabbath. No chão, coloquei minha blusa e a calcinha. Depois fiquei de pé e vesti uma calça jeans e as botas cheias de barro nas solas. Abri o zíper da barraca e senti aquele clima de início de noite e as vozes das pessoas à minha volta. Eram conversas agradáveis. O acampamento era chamado de “camping celta”. Muitas pessoas se reuniam naquele local para vivenciar a cultura celta. Durante os dez dias e as dez noites em que ali permanecemos, eu fui me distanciando da cidade e gostando daquela alienação. As horas ali passavam lentamente.

“Terminou seu livro?”, ele perguntou. Virei e vi ele se vestindo. Uma certa ternura me invadiu. Afinal, desde o meu casamento, eu não havia “ficado” com ninguém. Me senti bem comigo mesma. Aquilo se devia ao camping? Ao sexo? Ou ao término do meu livro? Era quase um vazio. Um espaço pronto para ser preenchido e, por isso mesmo, em paz. Embora ainda aguardando o desfecho. A completude, no entanto, seria temporária. Mas eu sabia, assim se passava a vida. Períodos determinados seguidos de outros. O importante era tentar capturar o máximo possível de ciclos verdadeiros. Assim, os vazios pertenciam ao plano da criatividade. A alma podia ser livre se estivéssemos conscientes dos nossos atos e do mundo ao redor.

“Falta só o epílogo.”

E era verdade. Eu já iniciara o fim, e me dei conta disso naquela manhã. Acordara bem cedo e resolvera ir até o rio. Atravessei a ala das barracas e segui até o espaço coberto onde havia um restaurante, vestiários e um enorme saguão para eventos. Depois de ir ao banheiro, cruzei a parte externa do espaço destinado aos festejos e às tendas dos artesãos. A fogueira da noite anterior estava quase apagada e a fumaça branca saía dos troncos que jaziam no centro do terreno. Quando cheguei ao rio, tirei a roupa e entrei naquela água gelada de calcinha e sutiã. Mergulhei, e de olhos fechados vislumbrei o fim do meu livro. Ele já existia, era só assumir isso e parar. Viver um pouco que fosse, sem escrever, pelo menos alguns dias. Me divertir a valer, sair sem ter de me agarrar a alguma ideia louca para a concretizar em

palavras. Minha mente pedia um descanso. Nadei de uma margem a outra, cuidando para não ser levada pela correnteza. Sentei nas pedras e deixei o rosto absorver os raios do sol. Eu não tinha mais idade, nem corpo, nem vaidade. Eu precisava acomodar a minha vontade de escrever e olhar um pouco para as minhas emoções. Senti uma saudade da Brenda. Parecia que eu a havia esquecido. O amor existia, eu sabia. Fizera tudo que podia por ela. Agora, se eu não cuidasse das minhas frustrações, ela se afastaria de mim, disso eu tive a certeza. Assim se passou comigo e a minha mãe. Por isso, *eu poderia me sentir eu*.

Nem eu nem Tomás parecíamos culpados quanto a Lavínia. Ele se levantou com calma e olhou o relógio. Perguntou se eu queria ir ao show que aconteceria no saguão de festas. Peguei uma jaqueta preta com uma gola que imitava pele de ovelha negra. Nas costas, tinha um tigre desenhado. Eu ganhara de Lisa, antes de sairmos para aquela viagem. Eu adorara. Era quase brega. Fui andando na frente. Ele passou na sua barraca e também pegou um casaco. No caminho, cruzamos Lisa e Lavínia. As duas vinham conversando e só nos viram quando estávamos cara a cara com elas. Combinamos de nos encontrar mais tarde.

No balcão do restaurante, eu pedi um copo de chope artesanal. Bebi um gole e senti o sabor inicialmente adocicado e, por fim, um leve amargor. Adorava a cor da cerveja amber lager. Se parecia com a minha máquina de escrever. E com a moto. Escolhi uma mesa no espaço coberto e sentei sozinha. Tomás estava conversando com uns amigos. Toquei nos meus cabelos, passando dos ombros. Pareciam ter parado de cair. A água do rio também lhes dava um novo vigor, e eu não estava usando xampu, somente aquela água pura. Os calorões da menopausa tinham diminuído consideravelmente, quase me esquecera deles. Vinham mais espaçadamente e com menos intensidade. O pessoal da banda se preparava. Lembrei do nosso show que nunca aconteceu, naquele dia, lá trás da minha vida, no O Viajante. Na verdade, eu começara a *relembrar das lembranças* eleitas para a minha história. Ali estavam elas, destinadas a serem lidas. E agora eu as recapitulava com um olhar mais distanciado, porque estavam aprisionadas no meu livro. E eu, bem, eu estava saindo de um estado fictício levado ao extremo, onde o real e o imaginário se confundem. E embora essa configuração da razão assemelhe-se à loucura, é uma espécie de terapia que fazemos, e sobrevivemos então aos eternos rumores da consciência. Depois daquele último ensaio e das brigas, tudo mudou. Assim se passa a vida, as certezas viram nada. Pablo, com a sua blusa vermelha, com o mundo todo aos seus pés. Um dândi baterista. E Diego. Ele era poeta. Os dois resolvem pegar

um automóvel velho, largado na garagem de Diego, e se aventurar pela estrada em busca de diversão. E isso trouxe aquele destino. Simples assim. Fazem-se escolhas a princípio sujeitas às incertezas do acaso e lá estamos nós, diante de realidades que acontecem com a gente, sem explicação, como se o vento as trouxesse, situações que mais parecem as histórias inventadas pelos dramaturgos na Grécia antiga. Mas uma estranheza me percorreu a espinha em forma de arrepio, enquanto pensava nas Bacantes, em Medeia, Édipo ou Ifigênia. Porque não seriam os deuses que nos levariam ao sacrifício ou à boa sorte, seria algo vindo de nós mesmos. Ao menos, em muitos casos; ou mais filosoficamente ainda, e inalcançável para o meu conhecimento, as duas coisas juntas.

Lavínia chegou até a minha mesa, perguntando por Tomás. Fiz um gesto com a cabeça mostrando onde ele estava. Ela então acenou para ele e pediu um gole da minha cerveja.

“Que delícia. Quero uma igual.”

Abri meu computador. Agora eu escrevia ali novamente, no Word, sem problemas. Meu momento de reivindicações passara e com ele acabei colhendo bons e novos frutos. Fiquei namorando as últimas frases do último capítulo, destinado a finalizar tudo. Estava difícil me decidir se continuava escrevendo ou se apenas ajustava o que sobrara depois de tanta produção, porque afinal, eram parte da mesma narrativa. Aquela minha mania de escrever dez páginas para ficar com apenas uma tinha me levado aos picos da loucura.

Lisa apareceu na minha frente, vestindo uma saia xadrez vermelha e marrom e uma blusa preta. Nos cabelos, havia pendurado uma pena de pássaro, presa num enfeite de bambu.

“Que pena é essa?”, perguntei.

“Comprei hoje, ali naquela tenda. Pavão azul. Não me olhe com essa cara, claro que eles só pegam as penas que caem! Jan, você realmente gosta de ser diferente!”

“Como assim?”

“Na cidade, era só escrita à mão ou naquela máquina de escrever barulhenta e agora, em plena Idade Média, vem você com esse computador de última geração.”

“Você vai realmente percorrer o mundo atrás do café perfeito?”

Ela compreendeu a pergunta. O assunto caía bem dentro daquela quebra de paradigma a que estávamos nos propondo naqueles dias. Mas Lisa havia desistido de ser barista e conhecer cidades exóticas. Na verdade, eu esperara por aquilo. Fora uma empolgação momentânea, típica de quem está saindo de um casamento duradouro e não teve filhos, e tão pouco seguiu a carreira desejada. Por trás da constante animação e jovialidade de Lisa, existia uma mulher em crise. Éramos amigas há mais de dez anos; eu podia olhar para os problemas dela, agora. Afinal, durante meu processo criativo, ela fora um apoio, tanto emocional, quanto de trabalho

mesmo. Seguramos os problemas financeiros do nosso pequeno negócio, o estúdio de ensaios e gravações, e estávamos chegando ao final daquele ano sem dívidas. Olhei para ela, que acenava para as suas novas amigas. Seu disfarce sobre a sua frustração profissional permaneceria oculto. Decidi não insistir naquele assunto. Algumas pessoas possuem, definida para si, essa vontade de extrapolar a existência, as relações, tudo. Uma vontade de se superar e realizar algo. Quem tem não sabe *como tem*, e quem não tem, nunca terá. Ao menos, eu pensava assim, porém nada podia concluir dessa intuição e muito menos afirmá-la.

Luzes vindas de holofotes iluminavam os corpos e as expressões faciais dos músicos, em tons alaranjados e verdes. O público vibrava com a melodia; cantavam e dançavam. Muitos homens vestiam kilt e era agradável vê-los com aquela espécie de saia. As pessoas carregavam, pendurados em suas vestimentas, copos de chifres de boi. Grupos variados misturavam-se. Seres fantásticos, deusas, magos, guerreiros, guerreiras, bruxas, arqueiros, gnomos. Alguns traziam em suas vestimentas elementos atuais e outros medievais. E outros me remetiam a mim mesma na adolescência, porque tinham um estilo meio gótico meio rock, e esses eram os “filhos de Belenus”. E havia aquelas pessoas vestidas como a gente, penetrando aos poucos nessa fantasia, quase infantil, e no entanto, mais interessante do que as nossas vidas nas cidades. Se todos pudessem, vez ou outra, participar de celebrações como aquela, as pessoas estariam mais felizes, pensei. Me afastei do palco e fui para a parte descoberta, que dava para o descampado, onde a fogueira permanecia sempre acesa, alimentada por todos. Durante o dia, com pouca lenha, e apenas uma chama sutil, para não apagá-la. À noite, o fogo subia às estrelas, faiscando caminhos pelo céu. Era um ritual que não podia ser interrompido até o fim daquela temporada. Sentei num banco perto do rio. Ouvi o som da água percorrendo seu rumo até algum delta mais além; desde sua nascente, lá em cima, brotando violentamente, até ali, batendo nas pedras e transformando-se numa melodia constante e tranquila. A música chegava até os meus ouvidos também. Distinguia a flauta, o tambor, o violão e um canto irlandês. Conversas e risos, gritos e barulhos variados. Sentia-me rodeada de sensações vibrantes e meu coração mais apaziguado com a sensação do fim do meu livro. Eram duas coisas distintas que acabavam confluindo para o mesmo lugar, dentro de mim, como dois afluentes se encontrando no oceano. E esse oceano, incomensurável, me levava à dúvida sobre se aquilo representava uma liberdade ou um medo.

Tomás veio na minha direção, com duas canecas em forma de guampa de boi e me ofereceu uma.

“O que é isso?”, perguntei.

“Hidromel.”

Bebi um gole e gostei. Observei o chifre. Era preto e possuía um desenho pintado de branco no meio. Olhei com atenção.

“É um lobo.”

“Em algumas tribos indígenas dizem que o lobo é o precursor de novas ideias.”

“É um animal que causa medo e fascínio, e tem a lua como aliada.”

Depois de uma pausa prolongada, bebi mais dois goles seguidos.

“Você não acha que devemos contar para a Lavínia?”

“Pode relaxar, eu e a Lavínia não estamos namorando. Somos amigos e nada mais.”

“Sério? Desde quando?”

“Achamos melhor assim, não nos amamos mas gostamos da companhia um do outro.”

“Mas estão dormindo na mesma barraca”, falei rindo.

“Na verdade, desde ontem ela está dormindo com uma amiga.”

“E você sabe o que é o amor, Tomás?”

“Não.”

Rimos.

A noite avançava e a lua estava alta e hipnótica, como o são as luas cheias longe das cidades. A chuva da noite anterior deixara suas marcas nas botas e nas roupas, o barro estava por tudo. Depois do hidromel, voltei a beber cerveja, mas agora no meu “chifre negro, lobo branco”. Fiquei pensando na possibilidade de beijar ou mesmo transar outra vez com Tomás. Mas a mágica acabara, e eu estava munida de novas vontades. A minha existência, isso sim, deveria ser toda a minha fonte de preocupação, o resto eram distrações. Nunca conheci alguém sem esse dilema: ego. Nem mesmo os santos nem os espiritualistas, até pelo contrário, há algo de extremo egocentrismo no altruísmo. Mas enfim, decidi que não era, nem melhor, nem pior estar sozinha, porque tanto fazia. A solidão era o que menos importava. Ou melhor, era tudo o que existia e era inexorável, portanto, existir dentro dessa solidão seria o mais inteligente a fazer. O espanto era a certeza disso. A religião, a ciência e a arte são caminhos a serem percorridos para evitarmos os abismos. Dançamos e cantamos e assistimos ao planeta se movimentar pelas pequenas criações. Podemos nos sentir sublimes em determinados momentos efêmeros, na memória talvez eternos. Até um determinado dia, uma data qualquer no calendário, um feriado, dia de trabalho, segunda-feira, domingo, final de tarde, amanhecer,

hora do almoço, calor, frio, chuva, ventania, catástrofe geológica, cinzas. Às cinzas voltaremos. E de onde viemos? Voltaremos para onde? O interessante era a mente estar sempre livre das amarras sociais, e isso era uma árdua tarefa. Dediquei a minha atenção a isso, durante aqueles dias. Horas se passavam e eu pensava nos muros que foram erguidos diante de mim, depois que casei, e tudo aquilo que me anulou por completo, por causa das regras que, achamos, estamos evitando, mas não, *entramos nelas* como cãesinhos amestrados numa pet shop. A gente está sempre caminhando para a morte; e quanto mais nos aproximamos dela, mais vida temos de extrair de nós mesmos, à força. A vida tem de lutar sempre. A morte não. Por isso que, naquele jogo de xadrez, do filme *Sétimo selo*, a morte ri de seu oponente, um homem comum, ou melhor, um artista. Assim como eu. Mas o jogo estava só começando. Nem a lua era imutável.

Já estava me acostumando com a rotina de acordar no meio das árvores. Ouvir o burburinho vindo das barracas próximas e prestar atenção nos diálogos distantes, alegres, geralmente. Lisa montara a sua barraca perto de um galpão onde havia palestras sobre a cultura pagã e workshops de danças tribais. Lavínia estava no clã das “Elfas guerreiras” e Tomás escolheu o lugar mais distante possível, perto de um terreno destinado à prática do arco e flecha. Eu estava bem no miolo do acampamento, e escolhera o local porque dava para ouvir o barulho da água fazendo seu trajeto, das montanhas até o lago. Verifiquei se tinha bateria no computador. Queria escrever o fim do livro e uma dúvida me açoitava. Na madrugada, eu achara que finalizar a narrativa falando do amor seria o melhor desfecho. Eu me encontrava sob o efeito de uma conversa que eu estava querendo ter com Tomás sobre Diego. Era algo que só estava na minha mente, mas parecia real. Eu planejava perguntar tudo. Mas ao ler o resultado da insônia e daquela preocupação, eu decidi colocar um ponto final. Não no livro ainda, mas na minha curiosidade mórbida. De nada adiantava saber mais nada sobre o Diego *depois de mim*. Ao menos, não naquele instante. E se Tomás estava resistindo em falar sobre o seu pai, eu teria de aceitar. Eu mesma falava sobre a minha mãe e meu pai somente através da escrita. E todos estavam mortos. Arrancara, durante todo aquele nosso convívio, apenas algumas informações do tempo em que Diego ficou na cadeira de rodas e sua recuperação parcial. A união com Sara, que durara seis anos e então nascera Tomás. E depois, o seu isolamento e a morte, causada por um linfoma não hodgkin. E para que eu precisaria de mais dados? Eu estava sendo egoísta. E masoquista.

Li em voz alta aquele fim que já não seria mais o fim do capítulo: *A roseira estava seca, parecia que todos os botões nunca mais desabrochariam. Era sempre assim naquela estação, até que num belo dia elas vingavam novamente. Deixe o inverno chegar. Esqueça as flores, pense nas teias das aranhas... Lembre: a morte se aproxima, a cada dia mais; e assim, faça teu corpo elevar-se acima da carne e dos ossos, num frêmito de prazer, breve como tudo, porém distinguido na memória (depois saberás). Alcance meus pensamentos, amor; beba comigo a chuva de espinhos. Por eles estarem ali, fixados na tempestade, e produzirem em nós a dor de querer a vida.*

Realmente *não servia*. Mas eu deveria terminar logo com aquilo. Me veio a imagem de Eve como uma possibilidade de finalizar o último capítulo. Ela morando em nossa cidade natal, casada com o antigo namorado. Vinha uma vez por ano me visitar, e nunca mais tocamos no assunto sobre os dois anos de sua vida longe de casa, incomunicável. Comecei então a discorrer sobre os anos incógnitos de Eve. Quando o ônibus entrou em movimento e parecia que a vida dela fazia sentido. E depois, as tentativas frustradas de uma carreira de atriz, na cidade grande. E aí, a bateria do meu computador acabou. Peguei o caderno e continuei. De repente, a voz de Lisa invadiu minha reclusão, me chamando para almoçarmos juntas.

Olhei para o prato de louça branca, vazio. E isso trouxe a imagem de uma linha em branco infinita, depois do último capítulo de um livro. Quando lemos *fim* e logo após fechamos o livro, fechamos também os olhos e tentamos apreender o que ficou em nós daquela história. E se retornamos para o que já foi lido, temos a sensação de algo que já passou.

Me deu vontade de comer um doce e beber um chá. Fui até o balcão do restaurante e entrei na fila. Escolhi uma torta de banana com açúcar mascavo e canela e um chá de frutas silvestres. De um modo profundo e diferente, eu me sentia bem, mesmo no impasse final. Talvez eu ficasse assim para sempre. Querendo perpetuar aquele mergulho intenso e neurótico muitas vezes, mas misturado à minha existência com certo prazer. Levantei e atravessei o salão. Ali havia uma extensão elétrica e o pessoal usava para recarregar suas baterias de celulares. Retirei meu computador da tomada e voltei para o meu lugar. Lisa revirou os olhos e disse que ia escovar os dentes. Abri a tela. Raspei os restos da torta do prato de sobremesa e bebi o último gole de chá, já frio. Tudo o que eu escrevera sobre Eve era

sobre eu mesma, afinal. Até a falta do sucesso dela pertencia a mim, de certa maneira. O final da história tinha de ser outro. A verdade sobre os fatos era uma ilusão. Terminar tudo com ênfase nas frustrações causadas pelas frustrações de outras pessoas pareceu distante daquelas memórias afirmadas como uma estrutura insondável, até aquele epílogo. O pai de Eve era um bêbado. O meu também. O dela, dizem, era mau-caráter. O meu, também dizem, era uma boa pessoa. Meu pai me levava para pescar, o dela a levava para as corridas de cavalo. A nossa mãe era a Diana. Diana morreu cedo, com sessenta e oito anos, e nos passou a certidão de propriedade da casa de praia de vovó e algumas telas pintadas por ela mesma. Eu escolhi as naturezas mortas e Eve ficou com as ruas e as casas.

A fogueira estava enorme, naquela noite. Passei por ela e fui tomar banho. Lá dentro do banheiro, as garotas se arrumavam para os festejos noturnos. Haveria um desfile de clãs e elas se ajudavam com as maquiagens e vestimentas. O vapor da água quente deixava o lugar úmido e os espelhos estavam embaçados. As risadas e as conversas eram gostosas de ouvir. Vi Lavínia colocando um vestido de cor lilás com detalhes prateados na cintura, no peito e nas mangas largas e longas. Ela me chamou para ajudá-la com a parte de trás do vestido. Apertei as duas fitas de seda entrelaçadas, dos quadris até a sua nuca. Sentia seu corpo sendo moldado pela pressão do tecido sobre a pele. Ela me perguntou se eu estava gostando de estar ali, participando daquele encontro para celebrar a cultura celta. Eu disse que sim, e agradei por ela ter nos convidado. Aí, avistei um chuveiro desocupado e fui até lá. Tomei um banho rápido e me vesti no meio da bagunça geral instalada. Tive de fazer acrobacias para não molhar as meias e as barras das calças. O chão estava molhado e sujo, como sempre, àquela hora. Sentei para calçar as botas do lado de uma garota que estava sendo penteada por uma outra, de pé. Daí, a que estava de pé sentou no colo da que estava sentada e se beijaram demoradamente. Era bonito de ver tanta mulher junto, se ajudando, se divertindo e andando nua pra lá e pra cá. Ali, a gente se sentia livre. Pedi um espaço na pia para poder me ver. Eu comprara um colar naquela tarde, em uma das bancas dos artesãos, e resolvi colocá-lo. Lavínia surgiu atrás de mim e vi o seu reflexo no espelho, enquanto ela juntava as duas pontas do cordão no meu pescoço. Cheguei à conclusão de que ela *nascera para ser uma elfa*.

Sentei na ponta de um banco de madeira comprido, de frente para uma mesa coletiva, também de madeira. Mas eu estava sozinha ali. Coloquei os fones de ouvido e deixei a minha playlist tocando. Só faltava o último parágrafo. Era o fim do fim. Apenas deveria fazer isso, e o que me impedia? Poderia utilizar até mesmo trechos prontos, e eles me representavam. Estava evidente, a narrativa tivera o seu resultado final. Qual era o problema em colocar o ponto final ou reticências e depois, nada mais? Não seriam sobre o amor as minhas últimas frases, isso eu havia decidido. Nem sobre a minha genealogia e o destino, e essa seria uma boa maneira de terminar, mas algo me dizia *não*. Quem sabe eu partisse para uma outra e nova ideia de epílogo? Poderia trazer as figuras de Su, June e Pablo e terminaria assim, abordando a efemeridade das relações humanas e seus desígnios complexos. Afinal, a Su estava casada com o Cris. Ele nunca alcançou a tão desejada fama, e trabalhava numa oficina mecânica. Os dois tiveram gêmeos e a Su cuidava deles e da casa, e desistira de terminar os estudos. June fora morar em outra cidade e trabalhava com publicidade. Aquele seu jeito rebelde fora substituído por uma figura bem sucedida. E Pablo. Ele não sofrera quase nada depois do acidente de carro com Diego, apenas arranhões. Logo em seguida, viajara para a Nova Zelândia. Ninguém tinha mais notícias dele. Mas esses assuntos envolviam despedidas e os desdobramentos delas. Fechei a tela do computador repentinamente. Eu mesma fiquei surpresa com meu ato.

Levei um susto quando abri os olhos e vi Tomás e Lisa rindo do meu estado de alienação.

“Terminei meu texto”, ele falou.

Olhei espantada pra ele. Por um momento achei que Tomás estava falando do meu livro como se fosse dele. Aí me dei conta, se tratava da sua dissertação.

“Que símbolo é esse?”, ele perguntou, e tocou no pingente.

“É um nó celta.”

“E o que significa?”, perguntou Lisa.

“Representa a interconexão de todas as coisas, acho.”, falei.

Vimos uma movimentação em direção à fogueira. A festa havia começado. Acompanhamos a passagem dos clãs: “Filhos de Belenus”, “Sacerdotisas da lua”, “Mensageiros de Cernunnos”, “Elfas guerreiras”, “Tuatha Dé Danann”, “As duas faces de Morrigan”, “Os filhos de Lir”, “A Deusa das feiticeiras”, “Tribo da deusa Danu”. Desfilavam diante de nós e depois seguiam para a parte coberta. Lá, eles fizeram apresentações curtas, que consistiam em declamações de versos celtas e irlandeses, ou cantos ao som de tambores e outros instrumentos. Simularam lutas, rituais pagãos e danças. Por fim, os músicos que fariam

o show de encerramento da celebração daquela noite subiram no palco, sob aplausos entusiasmados. Deviam ser conhecidos, e eram apenas dois. A mulher começou a tocar uma harpa pequena, colocada em seu colo, e entoava uma canção. O homem tocava um instrumento de corda que não identifiquei qual era; parecia um banjo. Prestei atenção na letra. Dizia assim: *O caminho é aquilo em que a humanidade acredita, até agora, até aqui. Quando se chega a ele uma canção surge, entre as névoas percorremos nosso passado e futuro, porém nada é definitivo. É a jornada que nunca tem fim, nem podemos ver seu início, mas enquanto caminhamos enxergamos a nós mesmos...* Eram signos e palavras diferentes das minhas. Deixei-me envolver por algo que a princípio me causara estranheza.

No dia seguinte, acordei cedo outra vez, embora tenha ido dormir tarde, e fui até o rio. Coloquei minha mochila no chão e entrei na água. Ela estava gelada como das outras vezes, mas fiz um esforço para me acostumar àquela temperatura. Valia a pena um mergulho antes de iniciar o dia. Sentei numa parte onde não havia correnteza e ali fiquei, com o rosto virado para o sol como costumava fazer. Sentia as pedras escorregadias nas minhas coxas e nas mãos. Lancei algumas pedrinhas pequenas para o lado fundo do rio e as via afundando na água turva. Quando acabasse aquela curta temporada no camping, eu voltaria para a minha cidade. Me vi diante daquele viaduto se erguendo com as suas ramificações rodoviárias, por todos os lados. Podia parecer um jogo de roleta. Todos os caminhos levariam a algum lugar diferente. Mas eu estaria voltando para o único conhecido. Se quisesse, eu poderia ir para lugares de praias extensas, ou ir ao encontro das vegetações densas das montanhas serranas; adentrar em cidadelas nunca vistas por mim. Havia ainda a possibilidade de pegar uma estrada para o litoral de outra região mais distante, ou seguir para a fronteira. Mas não, eu estava voltando para casa. E esse era o caminho mais estranhamente misterioso. Era engraçado, porque todas as coisas possíveis que eu imaginara deixar para trás pareciam realmente pertencerem a outra pessoa, e o que me aguardava era da mesma maneira algo que não me pertencia mais. Eu estava voltando para casa. Até conseguia me ver como uma aventureira incurável, porém, meu espírito estava na escrita. *Preso ali. Livre ali.*

De repente, um aroma de tabaco chegou até mim. Lembrei da lotérica do seu João e daquele perfume de fumo para cachimbo, misturado ao cheiro dos doces recém-feitos por sua esposa. Abri os olhos. Eu ainda estava lá, no rio. Saí com frio da água. Peguei uma toalha e me envolvi nela; depois, me afastei um pouco e, atrás das árvores, coloquei as calças e a blusa

de manga curta, branca, e por cima uma camisa de flanela, num xadrez em vermelho, preto e branco. Essa blusa era igual a dos meus tempos de colégio. Fui andando de pés descalços pela terra escura, cheia de raízes, pedregulhos e bichinhos pequeninos. Procurava não pisar nas formigas e por isso olhava para o chão. Então alguém falou comigo.

“Você está escrevendo um livro?”

Fiquei atônita com a pergunta. Raciocínios muito rápidos e loucamente esclarecedores vieram. Eu não escrevia para ninguém. Podia queimar o que escrevia. Amassar e rasgar e jogar pra cima, e que as intempéries dissolvessem cada palavra ali escolhida. Como se fosse possível salvar-se por elas! Grande ilusão! Achar que ter sucesso é importante. Deixar sua marca. Calçada da fama, Nobel de Literatura, Academia Brasileira de Letras. Meu autógrafo, qual a importância disso, meu deus? Dedicando-me a esconder o que escrevo. Guardando a sete chaves o grande romance! Quem poderia copiá-lo? Ideia original inviolável, até quando? Se somente meus amigos mendigos lessem, ótimo. Se eles lembrassem como ler. Se a minha editora quisesse publicar, ótimo. Talvez, talvez tudo. Nada importava mais nessa questão. Era como amassar o pão de todo o dia, colocá-lo para descansar, ter de aguardar na fofalha e depois comê-lo; reparti-lo, talvez. Como beber água. Sobrevivência. Ofício. Determinação cósmica que entra nos genes. Eu já sabia disso, por que então aquele drama?

“Estou.”

Sentei ao lado dele. Aquele homem, observado por mim dias atrás, e depois, outra vez, na noite anterior. Cada detalhe do seu corpo e de sua expressão facial havia sido estudada por mim e aquilo não me abalava, porque era secreto. Quem era ele, afinal? Eu teria de acabar com aquele mito.

“Como adivinhou?”

“Observei você escrevendo. Fiquei na dúvida, mas depois cheguei à conclusão de que só podia ser isso.”

Se eu estivesse nos meus dias de escritora, dentro do meu apartamento, eu teria entrado naquele assunto. Porém, todas as minhas razões, que me impulsionavam para o lado intelectual da vida, pareciam destituir-me do mais importante. As minhas impressões estavam cedendo para os mistérios de uma outra existência, além da que eu conhecera até aquele momento.

“Qual é o teu nome?”

“Andy. Com ípsilon. Meus pais me deram esse nome em homenagem a um ator que eles adoravam porque ele vivia o Spartacus num seriado de televisão. E o cara morreu antes do seriado terminar.”

“Eu me chamo Jan. Janine.”

Aí, Andy, ou Belenus, me ofereceu o seu cachimbo. Traguei cuidando para não tossir e lancei a fumaça no ar. Observei-a se desfazendo diante da paisagem. Gostei desse ritual.

“O que estamos fumando?”

“Fumo de kumbayá.”

Achei melhor fingir conhecer o tal fumo.

“Um índio me disse, num sonho, essa frase: *simplifica, vive, assimila, modifica.*”

Sorri. Ele estava sendo generoso em me contar aquilo. Poderia ser um recado destinado a mim. Passei o cachimbo. Ele tapava e destapava o forninho com o dedo polegar para manter a brasa acesa. Calmo e seguro de si. Suas mãos me agradaram. Ficamos lado a lado como se fôssemos conhecidos. Notei que o clima havia mudado, uma brisa mais fresca vinha de encontro a nós, e dava para ver alguns relâmpagos ao longe, silenciosos. O que movia a minha escrita era o espanto que me causava a passagem do tempo. E as nossas vidas jogadas nesse universo complexo regido por ele, o tempo.

Resolvi pegar meu computador da mochila ali mesmo, sem me importar de ele ficar assistindo minhas divagações. *O que o fim de um livro não faz comigo*, pensei. Esse propósito de vida podia ser tão complexo quanto os mistérios do mundo. Meu microcosmos estava ligado às palavras e ao sentido que eu dava a elas. Sentia os dedos inertes mas a mente avançava e eu podia *ver o fim* se aproximando. Era uma ilusão mantida ainda, mas com a certeza de um resultado iminente. Um êxito carregado de certa melancolia; eu sabia disso. O mais triste era imaginar que tudo continuaria depois que partíssemos, morrêssemos. Nossa fala seria breve, assim como fora breve nossa história. E mesmo que o cosmos nos absorvesse, e nosso espírito permanecesse em algum lugar, esse lugar era desconhecido.

2 FOGOS DA LINGUAGEM: ENSAIO SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROMANCE *BREVE COMO TUDO*

2.1 A aluna autora

Ao iniciar o processo criativo do romance *Breve como tudo* no primeiro ano do mestrado em Escrita Criativa, pude constatar que os meus hábitos anteriores como escritora estavam sujeitos a uma transformação. Meu percurso sofreu mudanças por conta do próprio estudo exigido nas disciplinas da Pós-Graduação em Letras, e mais especificamente em Literatura e Filosofia, Literatura e Linguagem Digital e Literatura e Subjetividade. Isso porque fui compreendendo, no decorrer dos primeiros semestres, que me interessava muito pensar sobre os caminhos da literatura nos tempos atuais e, conseqüentemente, em mim, como autora. Por um lado, eu me sentia uma *escritora em busca de si própria*, querendo escrever em fluxo contínuo, mas “impedida”, de certa forma, por conta das reflexões teóricas a que me propunha; e, por outro, eu queria me aprofundar justamente nesse impasse: o exato questionamento sobre o ato de escrever na contemporaneidade. Ou seja, havia dentro de mim, essa aparente dicotomia: a busca pela liberdade de expressão, como estava acostumada, munida apenas de criatividade e conhecimento sobre literatura, e, em outra esfera, os estudos sobre o ofício do escritor na atualidade a partir de um prisma de análise social, histórica e filosófica. Esse fato, de alguma maneira, produziu em mim uma mudança radical, inclusive o ponto de vista da minha criação.

O que mais me interessava, nesses campos de estudo, era percorrer um caminho no qual eu pudesse vislumbrar a minha escrita como uma manifestação de arte, e não como um hábito de escrita veloz no computador, ou de exposição, igualmente veloz, na internet, onde as redes sociais nos permitem divulgar nosso trabalho. Diante de um mundo cada vez mais cibernético, esse limite entre a arte manifestada e a exposição/publicação imediata através da internet fica, muitas vezes, embaralhado; como se pela facilidade em propagar ideias, pensamentos, criações, nos permitíssemos ser “lançados” para o público/leitor antes mesmo de verificar em nós próprios se aquilo que consideramos uma criação é de fato uma expressão genuína, vinculada aos nossos anseios mais profundos em relação à literatura. Esse fato era demasiado importante no meu pensar sobre a escrita porque, querendo ou não, a realidade virtual se estabeleceu de tal forma em nossa sociedade que o ato de escrever não está mais desassociado das mídias digitais. E quando digo isso, também me refiro aos princípios e tendências da escritura, e não somente aos meios de comunicação, divulgação, propagação. O

próprio autor se transforma a partir dessa circunstância. Digamos que o problema a ser discutido não se resume ao “mundo cibernético” em si, mas aos desdobramentos da prática da escrita dentro desse panorama de realidade virtual/digital. Porém, é inevitável, para mim, não deixar de tomar o filósofo Jean Baudrillard como referência, apontando para certa preocupação que me afligiu nesses tempos de estudos:

Hoje, não pensamos o virtual; somos pensados pelo virtual. Essa transparência inapreensível, que nos separa definitivamente do real, nos é tão ininteligível quanto pode ser para a mosca o vidro contra o qual se bate sem compreender o que a separa do mundo exterior. Ela não pode nem sequer imaginar o que põe fim ao seu espaço. Assim não podemos nem imaginar o quanto o virtual já transformou, como que por antecipação, todas as representações que temos do mundo (BAUDRILLARD, 1991, p. 22).

Embora Baudrillard não fale especificamente sobre o que pretendo aqui (refletir sobre literatura e arte e a minha própria produção ficcional), ainda assim a abordagem do filósofo sobre vivermos sob a égide de uma mídia onipresente me leva a rever esses conceitos. Digo isso porque, se a realidade já está contaminada pela mídia, conseqüentemente a minha escritura também o está, e dessa maneira, seria impossível seguir escrevendo sem refletir sobre esse fato. Esse assunto interferiu bastante no início de meu processo criativo, por conta, e cada vez mais, dessa complexa discussão sobre o *lugar* da literatura nos dias de hoje. E é assim que surge o questionamento inevitável: o que é arte nos tempos atuais?

Quando me faço essa pergunta sobre o significado da arte para a discussão aqui apresentada, apoio-me inicialmente nos conceitos do filósofo Walter Benjamin no texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1969 [1936]). Ao pensar sobre como a análise do modo de produção capitalista, a partir das investigações de Karl Marx, afeta todos os setores da cultura, ele nos leva à reflexão mais ampla a respeito das tendências evolutivas da arte dentro desse quadro econômico e social. Segundo o filósofo, é a própria “reprodutibilidade técnica” inserida dentro do sistema econômico e social do mundo contemporâneo que aponta para um novo paradigma sobre o lugar da obra de arte e a sua importância na modernidade:

Dessa forma, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana. Graças à litografia, elas começaram a situar-se no mesmo nível que a imprensa. Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. Se o jornal ilustrado estava contido virtualmente na litografia, o cinema falado estava contido virtualmente na fotografia. A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução

técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos. Para estudar esse padrão, nada é mais instrutivo que examinar como suas duas funções – a reprodução da obra de arte e a arte cinematográfica repercutem uma sobre a outra (BENJAMIN, 1969, p. 1).

Diante dessa circunstância, com a qual eu havia sido “enredada”, ocorreu-me também a obra *A sociedade do espetáculo* (1997 [1967]), de Guy Debord¹, na qual ele atenta para o efeito da produção vinculada ao conceito de *espetáculo*, a partir do que ele desenvolveu sua teoria. Diz Debord: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculo*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p.13).

Esses pensamentos sucediam-me constantemente, de modo que eu já nem distinguia se pertenciam ao meu interesse acadêmico ou à necessidade de falar a respeito deles na minha produção ficcional. Por fim, decidi “enfrentá-los”, e isso significava encaminhar a criação do romance para a unificação desses dois pontos, ou seja, a ficção: personagens e enredo, que eu já havia desenvolvido, e, ao mesmo tempo, a reflexão sobre a escrita, nos termos que aqui descrevo. De certa forma, eu sentia a urgência de repensar o papel do escritor e de fato *transformar a minha própria escritura* a partir dessas considerações, mas não queria abdicar da construção já concebida do meu romance, sua história e tudo o mais que fazia parte de um processo de entrega e concepção. E foi assim que o meu processo criativo tomou o seu rumo; as minhas jornadas, como aluna e autora, convergiam para o mesmo lugar, e eu deveria uni-las de maneira produtiva. Portanto, os estudos sobre os fenômenos midiáticos atuais e a relação da arte e da escrita, nesse panorama, são importantes para o desenvolvimento da criação do romance *Breve como tudo*, assim como deste ensaio aqui apresentado. A tentativa de me aproximar da filosofia e obter conhecimentos mais específicos que me alargassem a reflexão sobre o ato de escrever foi fundamental. No entanto, são tópicos sobre os quais ficaria impossível, neste momento, um aprofundamento suficiente para algo além da ficção; sendo assim, essas questões são levadas para o meu romance através da personagem central, que relata suas impressões sobre o mundo e sobre a escrita, dentro da narrativa (aqui se faz necessário um adendo: essa personagem que é o cerne do romance é uma escritora em crise com seu ofício, o que a leva a esses pensamentos sobre os quais discorro aqui).

¹ Foi o próprio Debord, além de pensador e escritor, um interessado nas artes em geral. Ele foi crítico de arte, diretor de cinema e participante dos movimentos artísticos do Surrealismo e do Dadaísmo. Foi também um agitador social e um dos editores da revista *Internacional Situacionista* nos anos de 1950.

Posso concluir que toda obra de ficção requer uma qualidade de entrega diversa da de outras produções textuais, não pela complexidade ou importância, mas pela inclinação à qual somos naturalmente levados, que é a da arte permeando o tempo todo essa produção. Sendo assim, o dilema havia sido estabelecido para mim. As dificuldades foram enormes, no início, porém, sempre surgiram soluções interessantes, dentro da própria academia, para conseguir unir os estudos com a produção ficcional.

Claro que, em todo trabalho de escrita, nas mais variadas áreas, e inclusive no campo teórico, existe a criação pessoal, e o envolvimento sempre pode ser intenso e reflexivo, até mesmo existencial. Para todos que trabalham com a escrita e se encontram numa circunstância de pesquisa, as vivências no âmbito das ideias vão surgindo e são desenvolvidas conforme o aprofundamento do tema investigado. Existe certa simultaneidade entre a criatividade e o estudo acadêmico, como se um levasse ao outro e vice-versa. Mas quando se trata de ficção, adentramos num mundo distinto, de outra natureza, ou seja, da “invenção de uma realidade”. Nesta circunstância, os fatores que podem nos influenciar vão além do caráter de um mestrado ou doutorado, e ao encontro desse “lugar deslocado”, que apenas a arte possui. Deslocado, porque não diz respeito somente a conceitos, ideias, ou à linguagem em si, mas ao processo da criação, que nos leva a expor sensações íntimas sob o efeito da imaginação. Como diz Barthes, “escrever exige clandestinidade” (BARTHES, 2005, p.23).

A essa condição de arte manifestada, soma-se a conjuntura complexa que recai sobre a questão da autoria². Isso porque lidamos com uma categoria específica, a de “inventores”, incorporando em nosso ofício esse estigma que, apesar de tão debatido na atualidade e desmistificado por muitos, ainda traz consigo uma aura de autoridade. Falo daquele aspecto de o escritor ser considerado alguém que “criou algo novo”, concebendo uma obra inédita no sentido que compreende valores estéticos e artísticos. Somos lidos, não somente como pensadores e estudantes, mas como artistas. O caráter dessa manifestação artística, e da autoria em si, leva a pensamentos que fogem muitas vezes das premissas de uma produção acadêmica, pelo fato de estarmos diante de uma narrativa completamente inventada. Ora, a própria universidade nos leva a certos padrões acadêmicos, a algumas regras vinculadas aos procedimentos fundamentais de uma pós-graduação e seu reconhecimento como tal, os quais somos orientados a seguir. Já na questão dos hábitos de uma prática de escrita criativa,

² Nesse caso refiro-me ao conceito de autoria de Roland Barthes no texto “A morte do autor” (publicado em *O rumor da língua*, 2004), no qual ele desmistifica a questão da autoria em si e cria um dilema filosófico existencial, o qual se tornou uma quebra de paradigma dentro do mundo literário pós-moderno.

sabemos da necessidade de um outro estado de espírito, de empenho e concentração, pois estamos falando da expressão pessoal, conseqüentemente, sujeita à quebra de regras. Não há como simplificar essa discussão, alegando que tanto o empenho como os dilemas aqui apontados ocorrem da mesma forma que em outras esferas da produção textual. Em verdade, não é o caso de fazermos uma crítica, mas sim, de percebermos as nuances desse estado complexo e rico de um escritor/aluno. Assim como ocorre em outras áreas como as Artes Plásticas, a Música e as Artes Cênicas, a Escrita Criativa carrega dentro de seu cerne a fagulha da arte, a ideologia do autor. Certo, estamos diante de um projeto de pesquisa, porém muitas vezes nos vemos apenas como escritores e com aquela necessidade de isolamento e concentração intimista que requer o processo de um romance, de uma novela ou de um poema.

Cada escritor traz consigo suas vivências, e nem sempre elas estão ligadas à escrita propriamente. O que nos leva a escrever não é somente a vontade de trabalhar com a linguagem e o intelecto. Às vezes, são constelações estranhas que nos impulsionam até a palavra escrita.

Nesse mesmo ano de 2017, no qual eu mergulhava em um mundo novo para mim, a própria universidade parecia também estar se transformando. A troca de nome, de Faculdade de Letras (FALE) para Escola de Humanidades, representava isso. Pensei: *a Escrita Criativa adentrando terrenos da filosofia, teologia, história, sociologia*. Era a “autora aluna” buscando significações para a necessidade da criação ficcional em uma época tão velozmente em transformação como a nossa.

3 FOGOS DA LINGUAGEM

“Fogos da linguagem” é uma expressão que Barthes utiliza para designar o texto como um corpo, *o nosso corpo erótico*, e refere-se ao fenotexto³:

Parece-me que os eruditos árabes, falando do texto, empregam esta expressão admirável: *o corpo certo*. Que corpo? Temos muitos; o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala: é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, filólogos (é o fenotexto). Mas nós temos também um corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas, sem qualquer relação com o primeiro: é um outro corte, uma outra nomeação, do mesmo modo o texto: ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem (esses fogos vivos, essas luzes intermitentes, esses traços vagabundos dispostos no texto como sementes e que substituem vantajosamente para nós as *semina aeternitatis*, os *zopyra*, as noções comuns, as assunções fundamentais da antiga filosofia). O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo? Sim, mas de nosso corpo erótico. O prazer do texto seria irreduzível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irreduzível à necessidade fisiológica (BARTHES, 2015, p. 24).

Segundo Barthes, esse corpo de fruição, que nós humanos possuímos, e que é “feito unicamente de relações eróticas”, é como o texto. Como se através do *prazer do texto*, de sua condição extrema como conversão ao que se anseia, uma completude, pudéssemos obter as *sementes da eternidade*. Ora, *sementes da eternidade* pode nos remeter ao cosmos, imortalidade que alcançamos com essa fruição possível, que é a criação de uma obra escrita dentro de uma realização plena por parte do autor (e quiçá do leitor), nesse sentido de “texto definitivo”.

Faço alusão a esse conceito de fruição do texto (e do corpo) e ao fenotexto, expressões que Barthes emprega em *O prazer do texto* (2015 [1988]), para falar da escritura em si e da relação do autor com a sua linguagem particular, que é diversa da do leitor ao *lê-lo*. O que me interessa, sobretudo, é fazer a ponte entre as ideias de Barthes sobre a fruição e a relação escrita/prazer com uma possibilidade de chegar o mais próximo possível do conceito sobre o que é uma obra de arte em termos de literatura. Embora o conceito sobre arte seja amplo e divergente, baseio-me por ora nessas diretrizes referentes às obras às quais me refiro especificamente neste ensaio. Meu intuito é discorrer sobre o meu processo criativo e o

³ Fenotexto é uma palavra que tem origem na filologia e significa “aquele texto que é considerado definitivo pelo seu autor”. Barthes se refere ao termo, na sua obra *O prazer do texto*.

que considero “uma manifestação genuína de arte em mim”, independente dos méritos econômicos e sociais da sociedade. Entretanto, essa própria sociedade me leva a pensar sobre o meu papel como escritora e artista. Essa dialética me interessa, e é através dela que movo os meus desejos e a minha produção literária. Quero dizer com isso que, para este estudo aqui desenvolvido, remeto-me à arte como representação de uma manifestação única e individual, em contraponto à “reprodutibilidade técnica”. Esses princípios passaram a ser imprescindíveis ao meu interesse como pesquisadora/autora, sendo que a minha escritura é influenciada por todos esses meandros relativos à criação, sobre os quais podemos encontrar referências em estudos psiquiátricos, sociológicos, históricos, semiológicos, etc. No caso deste ensaio especificamente, limito-me aos princípios estudados nas obras *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1969), de Walter Benjamin, *O prazer do texto* (2015), *A preparação do romance* (2005) e *O rumor da língua* (2004), de Roland Barthes. Nesses dois autores, consegui vislumbrar uma alternativa para lidar com as questões aqui já apontadas sobre a inserção da realidade digital em nosso ofício, bem como todas as outras questões e conjunturas que dizem respeito à arte e à escrita e seus efeitos sobre nós, escritores.

A preocupação em voltar minha dissertação/romance para algo novo (no sentido de *novidade* para mim antes de mais nada) estava muito presente durante as aulas no mestrado. Esse fato estava ali, rondando feito um fantasma; *sempre por perto, nunca palpável*. E aquela impressão de *como se tudo tivesse sido feito*, típica de uma crise pessoal, somada à minha análise sobre os fenômenos midiáticos, deixou-me, de certa forma, bloqueada. Parecia que eu havia esgotado a minha capacidade criativa, e que qualquer caminho que eu tomava para prosseguir com o texto *não era bom o suficiente para mim*. Se eu não me empolgava mais com a minha escrita, algo deveria ser mudado em relação a isso. A novidade me interessava nesse sentido de que falei anteriormente: algo que me movesse, independente do novo para os outros porque, afinal, *tudo já havia sido feito*. As questões primordiais desse problema, que poderia dizer serem a respeito de uma intenção de mudança, eram somente a urgência de uma manifestação pessoal. Foi então que surgiu a ideia de reestruturar a narrativa do romance e trazer o relato pessoal em paralelo à ficção. E de modo algum eu desejava seguir os moldes dos depoimentos que eu acompanhava nas redes sociais, tão comuns hoje em dia: essas práticas de “falar de si” e “sobre tudo”. Esse *insight* aconteceu após eu me dar conta de que obras como *A morte do pai* (2013), de Karl Ove Knausgård, *Histórias reais* (2009), de Sophie Calle, e *Só garotos* (2010) e *Linha M* (2016), de Patti Smith, traziam a resposta para o que eu buscava. Esses três autores me chamavam a atenção por conseguirem fazer de uma literatura influenciada por depoimentos pessoais algo bem

estruturado dentro de uma narrativa longa. A identificação também existia, por eles terem em comum comigo experiências com a arte no geral, além da literatura: música (rock especificamente), artes plásticas e dramáticas. A necessidade de mudar e encontrar o mote para isso aconteceu então.

E é sobre essa condição necessária de alteração da escritura, quando o escritor está num impasse, que Barthes comenta que só resta *essa mudança*, oriunda de uma “descoberta”, e traz para a discussão a ideia da *Vita Nova*⁴:

Portanto, mudar, isto é, dar um conteúdo à “sacudida” do meio da vida – isto é, em certo sentido, um programa de vida (de *vida nova*). Ora, para aquele que escreve, que escolheu escrever, isto é, que *experimentou o gozo, a felicidade de escrever* (quase como “primeiro prazer”), não pode haver *Vita Nova* (parece-me) que não seja a descoberta de uma nova prática de escrita. É claro que se pode imaginar mudar de conteúdo, de doutrina, de teoria, de filosofia, de método, de crença (alguns o fazem: grandes mudanças doutrinárias, sob a determinação de um acontecimento, de um trauma). Mas isso é banal, mudar de ideia, a gente o faz quase como respira: investir/desinvestir/reinvestir, é a própria pulsão da inteligência (noção aliás proustiana), não tem outro meio de mostrar seu desejo a não ser amando/desamando, porque seu objeto, não sendo uma forma, não é fetichizável; até mesmo os militantes eternos são raros (cada vez mais): citamo-los sempre como exemplo da “fê”, que é outra coisa: alguns vêm a ela, saem dela, mas é duro, porque isso tem relação com a morte. Portanto, para quem já escreveu, o campo da *Vita Nova* só pode ser a escrita: a descoberta de uma nova prática de escrita. Excetuando o Novo, é apenas isto; que a prática de escrita rompa com as práticas intelectuais antecedentes; que a escrita se destaque da *gestão* do movimento passado: o sujeito que escreve sofre uma pressão social para o levar (o reduzir) a *gerir a si mesmo*, a gerir sua obra repetindo-a: é esse *nhenhenhém* que deve ser interrompido (BARTHES, 2005, p. 9-10).

Às vezes, penso que para encontrarmos aquela fagulha que nos leva à criação, independente de ideologias sociais ou da necessidade de produção acadêmica e outras produções necessárias à sobrevivência de um escritor, precisamos, antes de mais nada, observar o mundo que nos cerca. A escrita, embora seja algo extremo em relação à busca pessoal, exige uma relação com esse mundo, sem o qual nada nos impulsionaria a escrever. Escrevemos sobre o que sentimos a partir da vida que vislumbramos à nossa volta. E mesmo que sejamos intimistas, o que nos move são essas impressões sobre a *vida que vivemos*. Portanto, em certos momentos, a única coisa que precisamos para arrancar de nós essa vontade de *voltar a escrever* está bem próxima; temos de parar por um instante e deixar o

⁴ *Vita Nova* (1292) é uma coletânea de prosa e verso de Dante. *Vita Nuova* é também uma expressão utilizada por Michelet, quando se casa, aos 51 anos, com uma jovem, e se prepara para escrever novos livros de história natural; Barthes utiliza a expressão remetendo-se aos dois autores, sendo que ele próprio também se utilizara da expressão como título do seu projeto de romance (1979), redigido durante os cursos ministrados no Collège de France, que geraram a obra *A preparação do romance*.

desejo retornar. E é um prazer caótico, muitas vezes difícil de detectar, quando inicia o “gozo do texto” e quando inicia a neurose. Ou, como aponta Barthes, quando é somente prazer e quando é fruição, e como isso *se manifesta em mim*. Em ambos os casos, prazer ou fruição, é esse estado de espírito que move a escrita, segundo o autor. É complicado definir se estamos adentrando o terreno de um ou de outro conceito, mas no meu caso esse fato era só o começo de uma jornada.

Podemos notar essa diferença entre prazer e fruição no seguinte texto:

Se leio com prazer essa frase, essa história ou essa palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), *sem saber onde ele está*. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo (BARTHES, 2015, p. 9).

E sobre a neurose:

A neurose é um último recurso: não à “saúde”, mas em relação ao “impossível” de que fala Bataille (“a neurose é a apreensão timorata de um fundo impossível”, etc.); mas esse último recurso é o único que permite escrever (e ler). Chega-se então a esse paradoxo: os textos, como os de Bataille – ou de outros – que são escritos contra a neurose, do sexo e da loucura, têm em si, *se querem ser lidos*, esse pouco de neurose necessário para a sedução de seus leitores: esses textos terríveis são *apesar de tudo* textos coquetes (BARTHES, 2015, p. 10).

4 A JORNADA

O relato pessoal surgiu como uma alternativa à minha inércia literária. Porém, essa maneira de desenvolver a dissertação teria de trazer algo a mais, e juntamente com as minhas impressões particulares sobre o ofício da escrita, eu também queria explorar a ficção. Vislumbrei um depoimento extenso, mas com alguma conexão com a história que eu já vinha desenvolvendo anteriormente, e que isso fosse algo simultâneo e, no entanto, trouxesse duas vertentes bem determinadas; e que, apesar de elas serem a priori heterogêneas, fluíssem para um mesmo *estado de espírito*. Então, defini que seria um romance em tom de relato em dois tempos: um passado distante e um passado mais recente, quando a personagem central está mais velha, e em ambos os casos a ficção estaria presente no enredo, simultaneamente com as minhas impressões, como “desabafos” sobre o ofício da escrita. Nos dois momentos a premissa é a da narração em primeira pessoa de um modo confessional, sendo “quebrada” pelos diálogos dentro de uma história ficcional, existentes por trás das confabulações literárias da personagem central. Através do uso da primeira pessoa na narrativa, com o teor de depoimentos, trago a minha opinião sobre o *repensar a literatura* na voz da personagem central que é uma escritora, e, ao fazer isso, abordo algumas reflexões teóricas, munindo-as de enredo e drama existencial. Em outras palavras, *permito que a ficção exista ainda que sob a influência do meu depoimento pessoal e crítico*.

A decisão de adotar uma narrativa imbuída de relatos pessoais como principal forma de expressão no romance surgiu com o estudo mais aprofundado sobre a literatura em tempos de linguagem digital, mídias e plataformas digitais. Tornou-se imprescindível para mim, no decorrer de meu percurso dentro da universidade, pensar sobre o trabalho do escritor na atualidade. Isso porque me parece que estamos entrando num novo paradigma de criação e produção de obras escritas, que se deve em parte à publicação literária na internet, inclusive com a substituição de palavras por novos sistemas de linguagem, sendo aos poucos assimilados até mesmo em nossa escrita criativa. Além desse fato, e *por trás dele*, as questões sempre presentes, já comentadas aqui, da busca incansável pela escrita pessoal; e essa obsessão ocorrerá sempre, independente das mudanças externas intervenientes na escrita. Portanto, esse tema em voga, e latente para mim (ou será para todo o escritor?), que é a literatura digital em plataformas variadas e seus desdobramentos, pode ser somente um subterfúgio para abrandar a grande e eterna preocupação: a minha escritura. De qualquer forma, os questionamentos e os estudos nessa área, e mesmo em outras, fazem-se necessários

em qualquer circunstância e, principalmente, dentro de uma universidade.

Essa escolha de afinar a escrita do romance com os estudos teóricos durante o mestrado levou-me a reflexões sobre o meu processo criativo que, até então, não eram tão urgentes, e isso trouxe certa estagnação no início. Tais mudanças, a princípio, resultaram na diminuição do material feito anteriormente, por consequência de um novo rumo tomado no tocante à criação, como, por exemplo, as alterações no estilo narrativo já comentadas.

O “querer escrever”⁵ não está desassociado da discussão sobre a produção textual concomitantemente com a análise da literatura em seu tempo. Quando nos preocupamos com a prática da escritura, o resultado importa; e mesmo que digamos que escrevemos porque temos de escrever, ainda assim a crítica que fazemos sobre o resultado de nosso texto (obra) é recorrente. Mas o que me trouxe até aqui, apesar de tudo o que penso e exponho, é o sempre presente desejo de compreender minha própria escritura, e com isso transformá-la constantemente para obter um desejo contínuo no ato de escrever:

O *brio* do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria *a sua vontade de fruição*: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas (BARTHES, 2015, p. 20).

Nas palavras de Barthes, posso compreender essa necessidade da busca pela fruição, sem a qual eu mesma não poderia prosseguir. Logo, o impasse com o qual nos deparamos em determinado momento de nosso ofício, não obstante o que isso traga de dificuldade e estagnação, pode nos levar a um novo padrão pessoal, e que somente ocorre devido a essa própria mudança oriunda da crise.

As influências filosóficas e teóricas eram inexoráveis no meu processo, não adiantava evitá-las: a “morte do autor” de Barthes, a “contra assinatura” de Derrida e a “reprodutibilidade técnica” de Benjamin, por exemplo, eram como que *fantasmas assombrando* minha criação. Eu já tinha conhecimento prévio dessas obras e autores os quais cito, mas o confronto da teoria e dos estudos ajustados com a dissertação, que é uma obra de ficção, e a demanda que precisava cumprir como aluna, levaram-me a esse aprofundamento. Uma coisa é pensar na “morte do autor” mas chegar em casa e escrever o que quiser. Outra é ter de trabalhar a teoria a fundo, paralelamente com a produção criativa, com tempo determinado para a finalização de ambas as produções. A demanda de produção de trabalhos

⁵ Expressão empregada em *A preparação do romance* (1978); obra oriunda do curso ministrado por Barthes, no Collège de France.

no campo universitário, além do ensaio sobre o romance, trouxeram um novo olhar para a minha escritura. Sendo assim, todo o percurso até aqui, para chegar numa definição de estilo narrativo, história e personagens, e da interferência na minha dissertação sob o prisma dos relatos pessoais, passou pelos estudos teóricos. Logo, o ensaio sobre a dissertação nasceu junto com a definição do romance. E esse fato *exigia* expor minhas observações na ficção. E foi com *A morte do pai*, de Karl Ove Knausgård que me ocorreu que a autobiografia romanceada poderia abarcar essas questões e “me resgatar”. Por outra via, os romances de Patti Smith e a obra escrita e performática de Sophie Calle, contribuíram para que eu encontrasse o tom que me interessava, onde a afirmação do eu/escritora/artista acontece com a elaboração de suas próprias experiências e a exposição delas para o público/leitor.

Roland Barthes adentra o terreno da originalidade e da criação:

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura (BARTHES, 2004, p. 62).

Ainda acrescentarei que, além dos autores e de suas obras, as quais já citei e comentei e que são a base para este ensaio aqui desenvolvido e para a dissertação, as obras de Jean Baudrillard, Guy Debord e Antonin Artaud também serviram de referência para esse assunto de repensar a função do escritor e do artista dentro do padrão atual/mundial/social.

E em outra esfera, mas que também diz respeito à minha vertente criativa, vieram as influências e referências para além dos estudos teóricos, as quais posso denominar de *vivências*. Através delas, posso compreender que o meu caminho de escritura também passa pela minha jornada anterior ao mestrado, e é sob o efeito do resgate dessas vivências que posso alcançar o “prazer do texto”, quando as trago para *ele*. Sendo assim, faço alusão à escritora Patti Smith, conforme descrita pela jornalista Glenda B. Ferreira, em entrevista para o *Cidadão Cultura*: “Influenciada por Arthur Rimbaud, pela rebeldia poética de Jean Genet (escritor e poeta francês) e pela música de Bob Dylan, ela misturou poesia nas suas canções pós-modernas com o existencialismo de Simone de Beauvoir”.

4.1 “A morte do autor”, de Barthes, e *A morte do pai*, de Karl Ove Knausgård

A questão da autoria, posso dizer, é controversa. Vivemos em uma sociedade que até agora exaltou o papel do autor, mas por outro lado, estamos lidando com a necessidade de imersão nas tendências contemporâneas que fazem uso tanto da apropriação e do hipertexto,

quanto da prática de relatos pessoais. No momento em que me utilizo de um depoimento pessoal para criar uma obra, poderei defini-la como uma criação, como estávamos acostumados na ficção literária? Claro que já existia essa tendência autobiográfica com referencial narrativo em *primeira pessoa* em Marcel Proust, por exemplo, ou Clarice Lispector. Por outro lado, é de conhecimento geral o fato da livre utilização de conteúdo como uma recriação. Mas o que ocorre agora é mais generalizado. Permeia quase todas as vertentes de produção literária esse tom pessoal recorrente, aliado à apropriação de outras criações que se inserem em uma proposta a priori e, contraditoriamente, ou não, autoral. É nesse ponto que podemos nos deter em Barthes, que não somente confronta o ponto sobre o mérito da obra, mas também coloca o leitor como centro dessa discussão:

Apesar de o império do Autor ser ainda muito poderoso (a nova crítica muitas vezes não fez mais do que consolidá-lo), é sabido que há muito certos escritores vêm tentando abalá-lo. Na França, Mallarmé, sem dúvida o primeiro, viu e previu em toda a sua amplitude a necessidade de colocar a própria linguagem no lugar daquele que era até então considerado seu proprietário; para ele, como para nós, é a linguagem que fala, não o autor; escrever é, através de uma impessoalidade prévia – que não se deve em momento algum confundir com a objetividade castradora do romancista realista –, atingir esse ponto em que só a linguagem age, “performa”, e não “eu”: toda a poética de Mallarmé consiste em suprimir o autor em proveito da escritura (o que vem a ser, como se verá, devolver ao leitor o seu lugar) (BARTHES, 2004, p. 59).

Quando Barthes fala sobre “devolvermos o lugar do leitor”, compreendemos essa abordagem, mas quando observamos o que nos cerca nas mídias atuais, notamos uma tênue linha que separa (ou unifica?) esse leitor e o próprio autor que ali existe. Estamos lidando atualmente com uma realidade virtual irrevogável, na qual a escrita alcança desdobramentos e funda novos conceitos, os quais ainda não compreendemos totalmente, ou, ao menos, ainda não conseguimos classificar por completo. Nesse contexto, fica cada vez mais frágil a categoria “autor”, pois notamos a proliferação de escritores e já nem sabemos se de fato o são, ao mesmo tempo em que no próprio texto deparamo-nos com o uso da apropriação, tão fácil de se fazer através das plataformas virtuais. Isso é um problema? Podemos nos indagar. Acho que aqui entramos numa questão de mudança de paradigma e seria impossível voltar aos antigos moldes ou mesmo avaliar com certezas e definições aonde chegamos e para onde vamos em relação ao nosso ofício.

Para Barthes, a figura do autor, como a conhecemos, é um fenômeno da sociedade moderna, surgida após a Idade Média, e que cultivava uma crença no indivíduo, a “pessoa humana” em evidência no empirismo inglês e no racionalismo francês. Com o capitalismo, essa figura do autor foi sendo de certa forma santificada na literatura, sendo possível mesmo

engessá-la. A dialética aqui deve ser investigada; e com certeza estamos em processo de transformação, em que vemos essa santificação do autor sofrer alterações. Por fim, podemos dizer que é um paradoxo ter de lidar com a concepção de criador e, ao mesmo tempo, com as tendências contemporâneas de apropriação, adaptação e hipertexto. São questões importantes e complexas quando sabemos que *a poética do eu* circula em espaços nunca antes tão coletivos nessas mídias digitais, sempre presentes. Barthes nos dá uma pista de como a nossa cultura contemporânea, ou quem sabe até as anteriores à nossa, é por si só uma cadeia de recriações e reproduções:

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura (BARTHES, 2004, p. 62).

Ao pensar sobre todas essas questões que Barthes propõe, deparei-me com uma necessidade de revigorar a minha própria escritura e buscar certa adaptação. Ao mesmo tempo, não queria me tornar refém de nenhuma concepção, pois de certa maneira sentia uma espécie de “morte” e não conseguia mais ver “verdade” na minha escrita. Consequentemente, não bastava adotar uma nova técnica ou modificar o curso e/ou estilo da narrativa. Foi na leitura de *A morte do pai*, de Karl Ove Knausgård, que senti o poder de uma mudança dentro de mim, desse “eu autora” sempre querendo se expressar captando o que lhe ocorre no entorno, as mudanças e tendências da arte, da escrita e da sociedade. Knausgård utiliza-se do relato pessoal sem deixar de lado a potência da narrativa, pois temos, diante de nós, uma autobiografia na forma de um romance. Conseguimos vivenciar o relato como se *ele* fosse ficcional, devido à maneira como o autor compõe o texto, narrando suas experiências com o vigor de uma “invenção” e riqueza de “personagens”.

O seu impulso de romper com a ficção foi gerado pela mesma inércia que me acometeu e, portanto, a identificação foi imediata:

Não conseguia escrever um romance normal. De repente, pensei: que se lixe a ficção, que se lixe isto tudo, vou contar as coisas tal como são. Comecei a escrever de maneira bastante confessional, contando e descrevendo acontecimentos íntimos, entrando numa intimidade que os romancistas costumam deixar de fora. Estava a transgredir um tabu, e isso agradou-me. E então tudo começou. Depois de ter o primeiro livro escrito, finalmente sobre o meu pai, sobre a morte dele, achei que conseguiria ir mais longe e comecei a transformar a linguagem do dia a dia numa coisa mais literária, mais romanceada. O segundo livro é sobre o contrário da morte, sobre quando me apaixonei e as dificuldades dessa relação. Os livros seguintes foram a continuação da narrativa da minha vida (KNAUSGARD, 2014).

Embora haja reflexões intermináveis que perpassem a jornada da criação, e essa, mesmo contaminada, revista, assimilada pelas novas tendências, deverá sempre chegar ao fim desejado: a obra realizada. Faço das palavras de Knausgård as minhas:

Quis tentar chegar ao âmago das coisas, ao centro que lhes dá sentido, e descrevê-las como creio que elas são. A velocidade da escrita foi também a chave para esse processo. Sei que não vou tornar a escrever assim. E se um dia voltar a escrever terá de ser algo completamente diferente. Escrever tem de ser sempre uma viagem até um lugar desconhecido (KNAUSGÅRD, 2014).

Acrescento que, em contrapartida à reformulação do conceito de autor proposto por Barthes, ele próprio, ao mesmo tempo em que nos coloca diante desse dilema, apresenta-nos, em outro momento (comentado nesse ensaio anteriormente quando falo sobre *A preparação do romance*), argumentos interessantes para justamente nos revigorar. Embora ainda tenhamos de lembrar que está presente em seu discurso algo também complexo, que se trata do “neutro”⁶.

Observemos o conceito de Barthes sobre a escritura, segundo Eurídice Figueiredo⁷:

Para Barthes a “escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (BARTHES, 1988, p. 65). Assim, a partir do momento em que o narrado se torna texto e é dado ao público, começa a morte do autor. O estruturalismo de Barthes apoiava-se fortemente no desenvolvimento da linguística de Benveniste, para a qual só existia sujeito da enunciação enquanto pessoa verbal: o eu que escreve é vazio, ele só existe enquanto enunciador (FIGUEIREDO, 2014, p. 186).

De qualquer forma, se me utilizo das ideias de Roland Barthes, isso por si só já fala de mim como uma autora que coloca em jogo a sua própria escrita, o tempo todo. E, sendo assim, destaco que, nestes três termos da abordagem sobre a escritura: “a morte do autor”, a “fruição” e o “neutro”, eu foco o meu interesse no estudo sobre o ofício do escritor.

4.2 A inevitável literatura digital e seus efeitos sobre nós ou *A contra-assinatura*, de Derrida e a literatura digital

Diários, relatos, autobiografias, depoimentos são formas muito difundidas nas mídias interativas da atualidade. Somam-se a isso as práticas de uso de textos diversos e alheios

⁶ Anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France (1977-1978).

⁷ Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense.

como parte de algo particular, simultaneamente. Onde está o papel do escritor/leitor nesse oceano virtual em que navegamos como observadores enquanto temos a possibilidade de reproduzirmos facilmente o que desejamos? E acrescentando nossas próprias impressões? O *outro* e o *eu* se confundem nas linguagens crescentes das mídias sociais, interagindo com a nossa produção de escrita. Sendo assim, para mantermos uma produção ativa, é necessária uma comunicação intensa e diversificada, adaptada à construção midiática de significados, que não se restringe ao comportamento e expressão nas redes sociais, mas à própria linguagem digital em si, utilizada como literatura em plataformas como o Twitter e Facebook e outras, de ficção interativa como jogos de videogame ou mesmo criações de fanfics, além da disseminação do hipertexto. Há uma disposição que ultrapassa a da escrita vinculada ao intento editorial de publicação em livro, impelindo-nos ao compartilhamento e uso de conteúdo alheio, que já não é mais *de ninguém*, mas *de todos*. Então, deparamo-nos com o conceito de “pirataria”. É um fenômeno atual o uso de ideias e obras de outrem para uma releitura; assim como, de outro modo, o tom autobiográfico se afirma cada vez mais em diversas formas de escrita, da arte em geral, e da comunicação. Reutilizamos o conteúdo disponível que se propaga rapidamente e criamos novos rumos interligados, novas ramificações de criação e produção presentes nas múltiplas linguagens da cibercultura, e o que se colhe soma-se ao desejo da afirmação do indivíduo. Partindo desse pensamento, podemos dizer que há uma dualidade nesse panorama sociocultural contemporâneo, entre o que seria a inevitável influência gerada pela cultura da internet e a busca da individualidade estimulada por essa tendência autobiográfica, que procura afirmar nossa natureza peculiar diante da massificação. A exaltação do indivíduo surge concomitantemente com o excesso de produção literária digital. O conceito e a prática da interatividade entre textos nas redes sociais é algo que não podemos mais evitar. Aliás, os próximos *frankensteins* podem ser nossos computadores, celulares e robôs, tamanha a propulsão de novas mídias de comunicação, e talvez independentes de nós humanos, a desenvolver, dentre outras coisas, o que é relevante para este ensaio, a literatura.

A literatura, como a conhecemos, está em processo de transformação desde sempre, passando por momentos de ruptura com alguma tecnologia desenvolvida anteriormente e, a cada modificação, seguindo seu percurso. Passamos por tecnologias diversas, e se lembrarmos da escrita cuneiforme dos sumérios e das pedras celtas ou dos hieróglifos egípcios como sistema de escrita, até a escrita em celulares, podemos constatar a evolução da literatura através dos tempos. A linguagem digital é o ponto de partida para os desdobramentos rápidos e multiplicados com que nos deparamos na atualidade. E as vias

pelas quais passa essa transformação nos despertam para uma nova realidade.

Assim, podemos repensar o conceito da contra-assinatura do filósofo Jacques Derrida.

Se coloco em jogo, e em garantia (*en gage*), minha singularidade, ao assinar, com outra assinatura – pois a contra-assinatura assina ao confirmar a assinatura do outro – mas também ao assinar de uma maneira absolutamente nova e inaugural, as duas coisas a um só tempo, como a cada vez que confirmo minha própria assinatura, assinando mais uma vez: cada vez da mesma maneira e cada vez de forma diferente, uma nova vez, mais uma vez, noutra data (DERRIDA, 2014, p. 104).

Uma das características mais importantes ao apropriar-se de uma obra é saber *movê-la para outro lugar* e não simplesmente copiá-la; buscar na origem algo que traga a vontade da criação e que o uso da ideia inicial seja um impulso. No entanto, fazer alusão e reverenciar a obra inicial seguindo uma jornada inusitada, particular. Pensemos no que diz Derrida sobre esse fenômeno da influência sobre nós, escritores:

Há como que um duelo das singularidades, um duelo da escrita e da leitura, no decorrer do qual uma contra-assinatura vem tanto confirmar, repetir e respeitar a assinatura do outro, da obra dita original, quanto *arrastá-la* para outro lugar, correndo então o risco de *traí-la*, tendo de traí-la de certa forma, a fim de respeitá-la, com a invenção de outra assinatura igualmente singular. Assim redefinido, o conceito de contra-assinatura de fato concentra todo o paradoxo; é preciso se entregar singularmente à singularidade, mas é preciso então que esta se deixe compartilhar e, portanto, se comprometa, *prometa se comprometer*. Na verdade, nem mesmo penso que seja uma questão de *duelo* nesse caso, como acabei de dizer de forma um pouco precipitada: essa experiência sempre implica mais de duas assinaturas. Nenhuma leitura (e, analisando-se da perspectiva da obra, a escrita já é também uma leitura que contra-assina) seria – como poderia dizê-lo? – “nova”, “inaugural”, “performativa”, sem essa multiplicidade ou essa multiplicação de contra-assinaturas (DERRIDA, 2014, p. 108).

No instante em que aceito a ideia de outrem e a utilizo, dando mérito à criação original, mas emprestando a ela a minha assinatura (contra-assinatura), entro no limiar entre a autoria e as inevitáveis influências externas, às quais tem de ser assimilada como tal, se seguirmos as considerações apontadas aqui, tanto em Barthes quanto em Derrida. E, ao considerarmos a vulnerabilidade dessa autoria, começamos a percorrer o caminho já traçado inexoravelmente pela revolução digital, que, ao mudar completamente a nossa sociedade, trouxe uma nova concepção no âmbito da arte. A apropriação, a qual mesmo nos parecendo ainda algo estranho, pois como escritores e artistas estamos sempre lidando com a autoafirmação da genialidade, da criatividade e da originalidade, pode vir a ser tão visceral quanto o conceito da gênese criativa. Barthes nos mostra essa fragilidade da ideia sobre a originalidade:

Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é *contado*, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa. Entretanto, o sentimento desse fenômeno tem sido variável; nas sociedades etnográficas, a narrativa nunca é assumida por uma pessoa, mas por um mediador, xamã ou recitante, de quem, a rigor, se pode admirar a *performance* (isto é, o domínio do código narrativo), mas nunca o “gênio” (BARTHES, 2004, p. 58).

Talvez, se nos ativermos a esse pensamento, consigamos nos libertar da necessidade da originalidade, pois, se ela existe, está em outra circunstância que não aquela à qual nos acostumamos na modernidade: na figura do gênio, na credibilidade da “glória da criação” que nos “compara aos deuses”. Ao sermos originais, somos heróis. Se nos apropriamos, somos piratas. Quem sabe estejamos vivendo em tempos onde essas duas tendências se confundam, e ao se misturarem, uma nova concepção de criação esteja emergindo; e, ainda, os próprios conceitos de pirataria, apropriação e adaptação. Nas palavras a seguir, conseguimos vislumbrar essa reflexão sobre o conceito da criação literária:

O escritor pode apenas imitar um gesto sempre anterior, jamais original; seu único poder está em mesclar as escrituras, em fazê-las contrariarem-se umas pelas outras, de modo que nunca se apóie em apenas uma delas; quisera ele *exprimir-se*, pelo menos deveria saber que a “coisa” interior que tem a pretensão de “traduzir” não é senão um dicionário todo composto, cujas palavras só se podem explicar através de outras palavras, e isto indefinidamente: aventura que adveio exemplarmente ao jovem Thomas de Quincey, tão versado em grego que, para traduzir nesta língua morta ideias e imagens absolutamente modernas, diz-nos Baudelaire, “havia criado para si um dicionário sempre pronto, muito mais complexo e extenso do que o que resulta da vulgar paciência das versões puramente literárias” (*Os paraísos artificiais*); sucedendo ao Autor, o escritor já não possui em si paixões, humores, sentimentos, impressões, mas esse imenso dicionário de onde retira uma escritura que não pode ter parada: a vida nunca faz outra coisa senão imitar o livro, e esse mesmo livro não é mais que um tecido de signos, imitação perdida, infinitamente recuada. (BARTHES, 2004, p. 62).

4.3 A reprodutibilidade técnica, de Walter Benjamin, e o corpo como revolução, de Sophie Calle

Três pontos fundamentais, no texto de Benjamin, que me fizeram chegar à conclusão de que a minha dissertação/romance deveria passar pela relação entre relato/corpo e literatura: a “reprodutibilidade técnica”, a “exposição perante a massa” e a “autenticidade”. A seguir, cito as questões de cada um desses pontos que me fizeram refletir sobre o que discorrerei mais adiante, quando proponho uma relação com a obra de Sophie Calle.

Sobre a reprodutibilidade técnica:

Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente (BENJAMIN, 1969, p. 1).

A exposição perante a massa:

A metamorfose do modo de exposição pela técnica de produção é visível também na política. A crise da democratização pode ser interpretada como uma crise nas condições de exposição do político profissional. As democracias expõem o político de forma imediata, em pessoa, diante de certos representantes. O Parlamento é seu público. Mas, como as novas técnicas permitem ao orador ser ouvido e visto por um número ilimitado de pessoas, a exposição do político diante dos aparelhos passa ao primeiro plano (BENJAMIN, 1969, p. 8).

E a autenticidade:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou (BENJAMIN, 1969, p. 2).

Benjamin traz à tona os problemas oriundos do sistema econômico adotado por um mundo globalizado. Tendo a reprodução técnica mais autonomia que a reprodução manual, a mecanização do homem acaba sendo inevitável e, com ela, o distanciamento da “aura”, ou seja, da essência de uma obra de arte. Isso, claro, diz respeito aos moldes sobre os quais estamos acostumados a pensar sobre a arte; porém, é impossível negar esse fluxo contínuo de reproduções num ciclo aparentemente ininterrupto, já que nosso sistema econômico ainda persiste na massificação da arte em detrimento da experiência mais íntima e humana. É fato que, em uma sociedade de consumo ao extremo, como a nossa, a reprodutibilidade técnica da qual fala Benjamin é um assunto relevante para quem trabalha com a criação artística. A arte, ao se reproduzir exponencialmente, como qualquer outro objeto de consumo, permanece ainda com a sua essência? A reprodutibilidade técnica não afasta a relação da arte com o ser humano? Quais são os novos vislumbres da arte para que nela consigamos ver algo além da sua reprodutibilidade técnica?

No caso da “exposição perante a massa”, conseguimos fazer uma relação, mais uma vez, com o papel do “autor-personalidade” se tornando maior que a própria obra, seguindo

essa máxima de Benjamin, quando cita os políticos e afirma que a exposição nas plataformas midiáticas acaba sendo mais importante do que o político e o seu percurso/engajamento real dentro da sociedade. Podemos vislumbrar que essa exposição à que somos submetidos hoje em dia nos levaria a um afastamento da realidade. Ora, ao nos afastarmos da realidade, distanciamos-nos de nossa humanidade e, conseqüentemente, de nossas expressões mais atávicas no tocante à manifestação da “arte pela arte”. Aqui, adentramos a questão da “autenticidade”, no sentido de que, mesmo que essas novas circunstâncias da mídia e da linguagem digital deixem intacto o conteúdo da obra de arte, essa mesma obra desvaloriza, de qualquer modo, o seu *aqui e agora*.

Observando mais a fundo a obra de Sophie Calle e, inclusive, tendo preparado um trabalho inspirado em *Histórias reais* (2009) para a disciplina de Literatura e Subjetividade (e que mais adiante gerou um trabalho para o Colóquio de Literatura Comparada Arquipélagos da UFRGS, na Ilha Pirataria), foi que me aproximei do conceito do *corpo como realidade visceral*. Desde os anos 1980, Sophie Calle vem investigando as formas possíveis da exposição intimista na arte, como alternativa às formalidades socioculturais. A artista segue seu rumo de uma maneira diferenciada no meio cultural, trazendo certa desconstrução da figura do autor e, ao mesmo tempo, a valorização da individualidade, repleta de idiosincrasias, que aparecem em suas experiências performáticas e obras literárias. Transpondo a barreira entre o “corpo social”, ou seja, aquele inserido nos códigos de conduta social, e aquele “corpo humano primitivo” que existe independentemente de nossos hábitos e regras cotidianas, Calle se impõe, propondo manifestos através de sua própria existência. Criando uma aura de transgressão constante, quer seja profunda, quer irônica e leve, mas sempre instigante, e acima de tudo propondo o relato e o depoimento como a maneira mais eficaz para romper com o *establishment*, Calle é conhecida como “autora e personagem de si própria”. A vida vivida por ela é o centro de sua obra, é através de suas experiências íntimas, traduzidas em fotografias, instalações, escritos e performances, que adentramos seu universo, o qual, podemos dizer, pertence a uma vertente híbrida e ambígua, na qual o depoimento pessoal e a criação ficcional se misturam. Na entrevista que a artista cedeu à *Folha de São Paulo* (2009), ela discorreu sobre esse trabalho respondendo às perguntas da jornalista Paula Dume:

“Depois de ter seguido pessoas e de ter sido acusada de invasiva, eu quis voltar a câmera para mim e falar de eventos que haviam marcado a minha vida. [O livro *Histórias Reais*] É um trabalho onde eu conto coisas sobre mim, de fato”. O título ao qual se refere é o primeiro da autora publicado no Brasil. A ideia de escrever a obra surgiu durante algumas sessões de psicanálise que Calle fez. O pai achava que ela tinha mau hálito, e a mandou

a um médico geral. A artista, com 30 anos na época, decidiu ir, mas não sabia que se tratava de um psicanalista. "E quando eu disse a ele que meu pai havia se enganado, ele disse 'você sempre faz o que o seu pai manda?'. E aí, frequentei algumas sessões de psicanálise um pouco ao acaso", contou. Calle até tentou seduzir o profissional contando suas experiências inusitadas. O livro traz o episódio do mau hálito e outros textos muito curtos, com cerca de dez linhas. Em alguns, ela levou meses para chegar a um estilo enxuto e dizer o máximo com o mínimo de palavras. Outra história pessoal contada na obra é intitulada como "O nariz". Quando tinha 14 anos, seus avós queriam que ela operasse o nariz. Porém, dois dias antes de realizar o procedimento, o médico que faria a cirurgia, o famoso doutor F., se matou. "E é por isso que eu continuo com esse nariz. Vocês veem aí [fotos do rosto de Sophie são projetadas em dois telões para o público] que eu tenho muitos problemas com o nariz", satirizou (DUME, 2009).

Há, na presença corporal inserida na manifestação de arte, como o é na performance ou no teatro, *algo ctônico* remetendo a mitologias, rituais, catarses. Esse pensamento, que surgiu, não somente pela análise dos tópicos que examino aqui, mas pelo fato de eu ter experiência com essas vertentes cênicas, levou-me a reconhecer na obra de Sophie Calle uma forma interessante de trazer para a literatura um resgate de qualidade visceral em contraponto ao *nosso mundo digital*. Calle nos apresenta uma literatura “contaminada” pela experiência física que muitas vezes se dá através de fotografias, e que, ao contrário de apenas representarem um momento, servem como documento/relato de uma intervenção cênica que ocorreu de fato, *interferindo na realidade*. Diante dessa conclusão, posso dizer: o meu corpo é e sempre será a minha *intervenção real*, e embora a escrita seja realizada pelo meu intelecto, é *esse corpo* que me transporta para novas realidades através de todos os seus sentidos: audição, tato, olfato, paladar, visão. Ao definir isso, dei-me conta de que, se eu havia escolhido o relato pessoal como uma das formas de desenvolver minha dissertação, seria sobre as minhas vivências que eu falaria, ou seja, não unicamente a respeito de meus pensamentos e impressões intelectuais, *mas onde meu corpo me levava*. Digo isso porque a conexão corpo/vivência se transformou no âmago da minha história (romance). O hábito de escrever na rua, por exemplo, longe do computador, retornou. O que comecei a vivenciar nos lugares em que ia, ou mesmo nas caminhadas longas que fazia, em busca dessa *observação sobre o mundo e os outros*, adquiriu um outro teor. Era como se, o meu corpo se impusesse em determinados momentos à minha escrita. Explico melhor: era como se, ao abdicar de escrever sempre no computador, e sair para a rua com um caderno e uma caneta, e no decorrer dessa jornada sofrer as influências da temperatura, da paisagem imprevista e de outras (“estranhas”) pessoas, eu adquirisse uma singularidade na minha escrita, aproximando-me do que eu desejava. Algo como uma busca por experiências externas que suscitasse outras

experiências anteriores escondidas na minha memória, e que só me ocorriam durante esse exercício de contato com a vida fora do meu ambiente de estudo. Claro que isso é um fato que não determina toda a minha escrita, e não se pode tomar por uma regra; no entanto, foi assim que eu comecei a vislumbrar uma nova realidade de escritura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Breve como tudo é um romance que pode ser considerado como um gênero de autoficção, embora eu o designe como um híbrido entre ficção e relatos pessoais. O fato é que se trata de um tipo de escrita em que se misturam *textos sobre realidades* com textos de criação ficcional. E é uma forma de escrita já há muito utilizada mesmo que *não admitida como tal*. Podemos constatar esse fenômeno em obras nas quais o personagem central é o alter ego do autor desde sempre na literatura mundial. Mas, antes de mais nada, *Breve como tudo* é um romance de temática existencial, no qual a reflexão sobre o tempo é o fio condutor. A história inicia quando Jan Alves está com 52 anos e começa a repensar sua vida como escritora. Nesse ínterim, uma visita inusitada, o filho de um antigo namorado, traz a recordação de quem ela fora no passado, e uma jornada interior se desencadeia. Paralelo às revelações do meu processo criativo, crio em outra esfera, a “realidade de Jan” em dois momentos: o passado distante e um passado recente, anterior ao término do livro que ela se propôs a escrever. Entretanto, em ambos os casos, os processos criativos da personagem central são autobiográficos, mas a estrutura de personagens e as circunstâncias no entorno de Jan são ficcionais. Utilizei uma técnica narrativa que rompe com os capítulos para criar um limiar sutil entre os dois tempos da história.

O ponto sobre o qual discorri, que abarca a performance e o depoimento na obra de Sophie Calle, pode trazer uma outra observação, que é a dos significados da presença corporal quando nos deparamos com a condição humana em contraponto à virtualidade das comunicações atuais. Essa presença do corpo, juntamente com o relato íntimo (mas que pode também ser de outra natureza literária), vem reivindicar um novo espaço para a linguagem que, embora possa ser vinculado com as mídias já estabelecidas, carrega consigo também outras referências fundamentais para a nossa jornada como artistas. No decorrer desse processo aqui descrito, eu acabei trazendo para o próprio texto as minhas “experiências corporais” já comentadas anteriormente, que dizem respeito às longas caminhadas nas ruas com um caderno de anotações, para justamente sentir meu corpo interagindo com a realidade da cidade e das pessoas à minha volta, escrevendo dentro de circunstâncias diversas da prática isolada no computador, sofrendo portanto influências externas (trânsito, intempéries, deslocamentos físicos, interferências de transeuntes etc.). Ou ainda, em outros momentos, a prática da escrita na máquina de datilografia, buscando uma aproximação com o ato de escrever diferente daquele utilizado por mim anteriormente no computador. Essas pequenas

mudanças acabaram por influenciar no resultado da criação. Na verdade, o sentido que buscava era reencontrar um estado corporal que pudesse ser independente dos hábitos diários de escrita já incorporados mecanicamente, e conseqüentemente, que sugerissem um outro estado de espírito criativo.

Posso dizer que, além da vontade sempre presente de desenvolver uma obra literária de narrativa longa, as considerações sobre a literatura, nos dias de hoje, também conduziram a minha dissertação. O paradigma em que nos encontramos, na literatura, está sofrendo alterações visivelmente transformadoras, e não somente no que diz respeito às novas formas literárias, mas à própria condição de escritor, levando-nos à reflexão sobre uma mudança apontada por filósofos e escritores como os aqui citados, sem receio de desestabilizar antigos conceitos, fundados desde sempre (e até quando?) em bases firmes, sobre autoria e ficção literária. Há uma fragilização no tocante a esses princípios e suas singularidades no momento atual, e isso cria a necessidade de analisarmos nosso papel nesse novo ambiente de produção textual, para que possamos contribuir para que a essência da arte, que deve estar contida na literatura, não nos abandone.

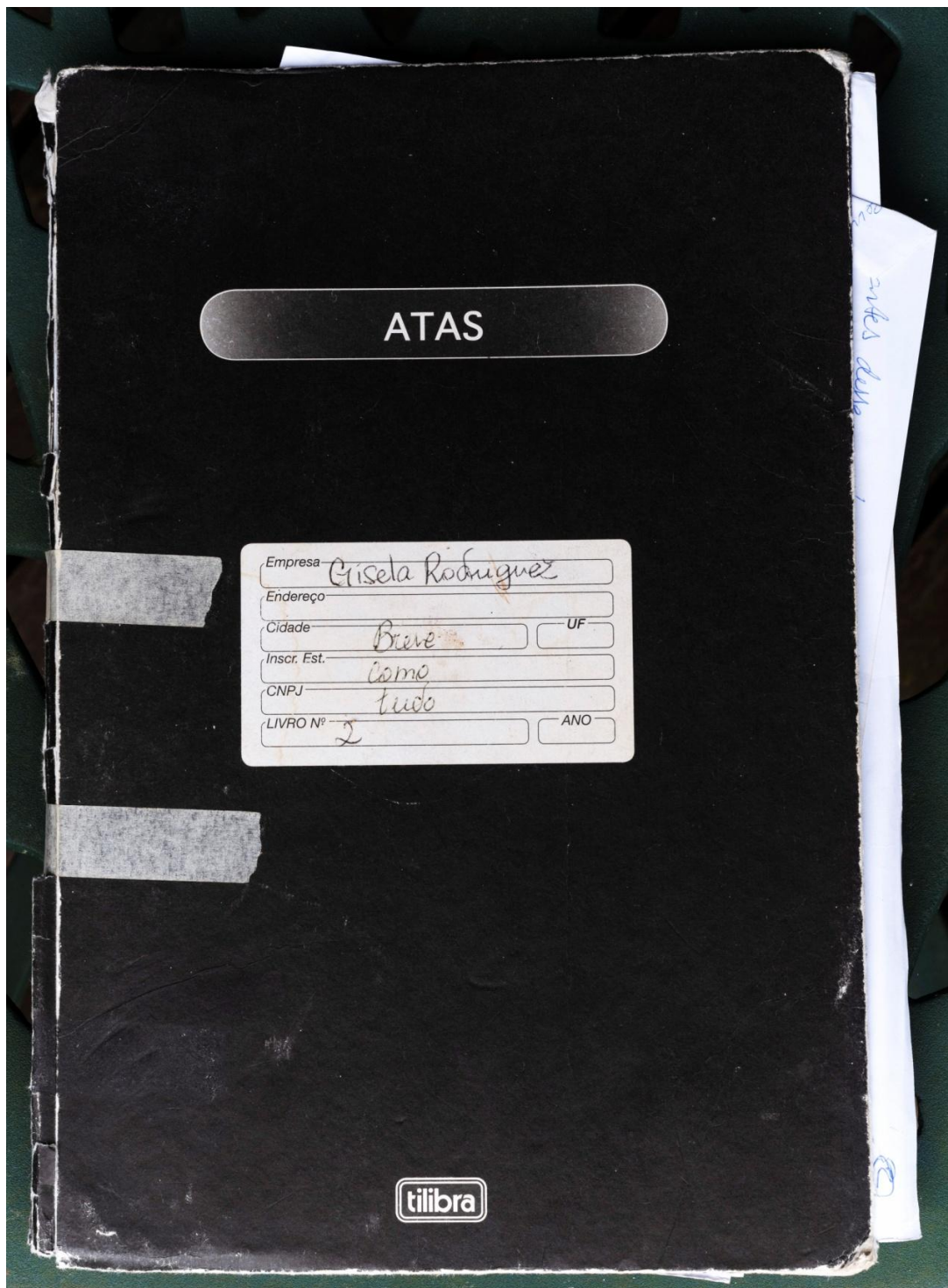
Quando nos propomos a descrever um trabalho literário embasado em um relato íntimo, já sabemos que estamos percorrendo uma linha tênue, de difícil definição, e na qual a expressão pessoal pode confrontar-se e debater-se com a necessidade de produção acadêmica, com as argumentações orientadas para que assim o seu conteúdo seja relevado. É um dilema, podemos dizer, a que somos levados quando cursamos uma pós-graduação na qual a escrita pessoal dialoga o tempo todo com a necessidade inerente ao complexo universitário da formação de conteúdo constante. Ainda assim, a forma como seguimos, procurando sempre equalizar a escrita criativa com as demandas de artigos, ensaios e outras produções padronizadas, nos proporciona uma reflexão importante. Não sabemos ao certo, se devemos nos reportar na *terceira pessoa* (“distante e séria”), ou se vamos logo mostrando a que viemos e abrimos mão das formalidades adentrando de maneira direta e pessoal, na *primeira pessoa*. A relatividade entre a ficção e o relato (e o depoimento e a autobiografia) abre espaço para que as fronteiras entre os textos acadêmicos e os literários também estejam se tornando *indefinidas*. Se a literatura está em transformação, e é evidente que a linguagem também está, conseqüentemente seus desdobramentos em todas as esferas ocorrem mesmo não tendo sido incorporados ainda.

REFERÊNCIAS

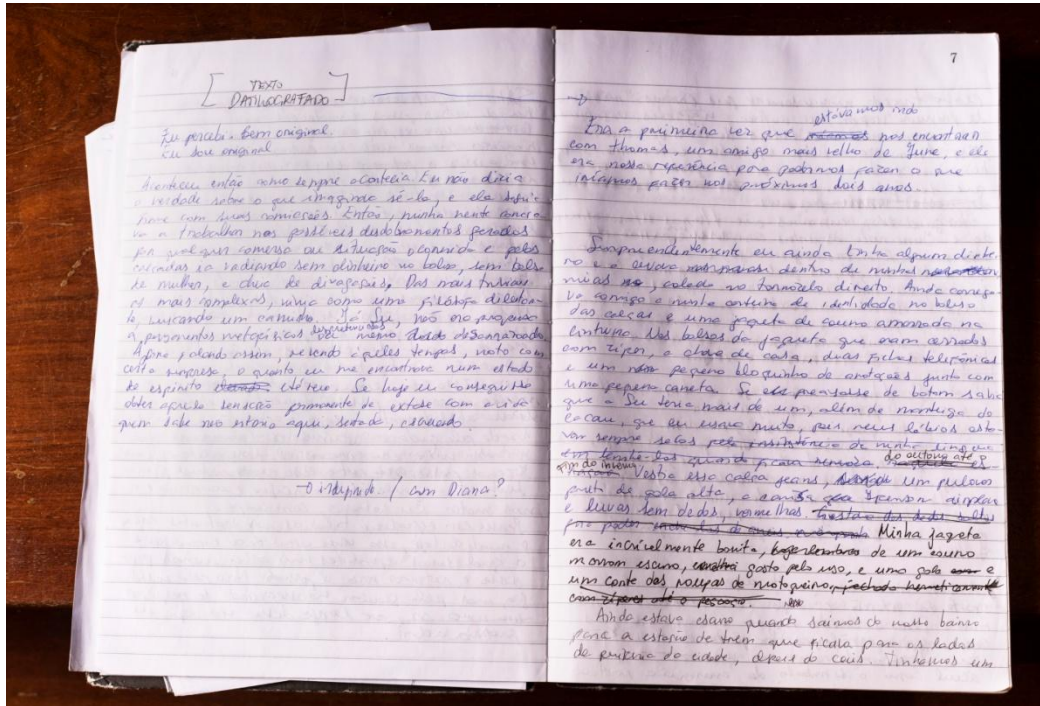
- BARTHES, Roland. **A preparação do romance** (I - Da vida à obra). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **O Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- _____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**: A ideia do cinema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. (PDF)
- CALLE, Sophie. **Histórias reais**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: Uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DUME, Paula. Em palestra, artista plástica Sophie Calle fala como o acaso e as emoções influenciam suas criações. **Livraria da Folha**, 12 jul. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u594029.shtml>. Acesso em: 24 mai. 2017.
- FERREIRA, Glenda B. Patti Smith, a poetisa do punk. **Cidadão Cultura**. Disponível em: <http://www.cidadaocultura.com.br/patti-smith-a-poetisa-do-punk/>. Acesso em: 24 mai. 2018.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Roland Barthes: Da morte do autor ao seu retorno. **Criação & Crítica**, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/73514>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- _____. Régine Robin: autoficção, bioficção, ciberficção. **IPOTESI Revista de estudos literários**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistapotesi/files/2011/05/3-R%C3%A9gine-Robin>. Acesso em: 22 set. 2018.
- KNAUSGÅRD, Karl Ove. **A morte do pai**. Companhia das Letras. São Paulo, 2013.
- _____. Narrar a nossa própria vida pode ser um acto de luxúria. **Ípsilon**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/12/19/culturaipsilon/entrevista/narrar-a-nossa-propria-vida-pode-ser-um-acto-de-luxuria-1679427>. Acesso em: 7 nov. 2017.
- SMITH, Patti. **Linha M**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. **Só garotos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

APÊNDICE – Registros fotográficos

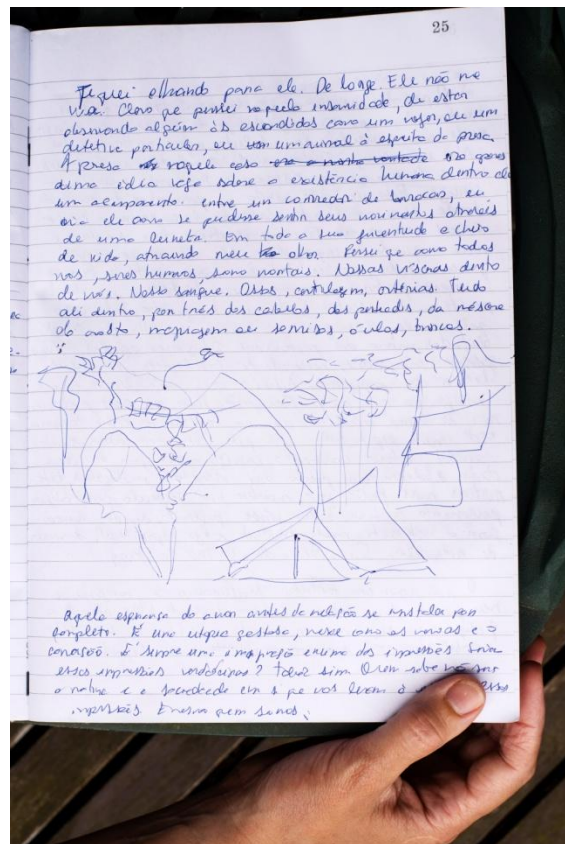
Caderno utilizado na prática de escrita nas ruas, nos deslocamentos de ônibus pela cidade, em situações cotidianas e em viagens.



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: arquivo pessoal

Sala de jantar de casa, espaço de criação do romance *Breve como tudo*, de um lado a máquina de escrever, do outro, o computador.



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: arquivo pessoal